ANNO XXXI. N. 297. QUARTA FEIRA 26 DE DEZEMBRO DE 1855.

Por 3 mezes adiantados 4,000.
Por 3 mezes vencidos 4,500.

Por anno adiantado 15,000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇÃO.
Recife, o proprietario M. F. de Faria; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins; Bahia, o Sr. D. Duprad; Maceió, o Senhor Claudino Falcão Dias; Parahiba, o Sr. Gervazio Victor da Natividade; Natal, o Sr. Joaquim Ignacio Pereira Junior; Aracaty, o Sr. Antonio de Lemos Braga; Ceara, o Sr. Joaquim José de Oliveira; Maranhão, o Sr. Joaquim Marques Rodrigues; Piauhy, o Sr. Domingos Herculano Achiles Pessoa Cearense; Pará, o Sr. Justino J. Ramos; Amazonas, o Sr. Jeronymo da Costa.

CAMBIOS.
Sobre Londres, de 27 3/4 a 28 d. por 1$
« Paris, 348 rs. por f.
« Lisboa, 98 a 100 por 100.
« Rio de Janeiro, ao par.
Acções do Banco 40 0/0 de premio.
« da Companhia de Beberibe ao par.
« da companhia de seguros ao par.
Disconto de lettras, de 9 a 12 por 0/0.

METAES.

Ouro.—Onças hespanholas. . . .	29$000
Moedas de 6$400 velhas. .	16$000
» de 6$400 novas. .	16$000
» de 4$000. . . .	9$000
Prata.—Patacões brasileiros. . . .	2$000
Pesos columnarios. . . .	2$000
» mexicanos.	1$860

PARTIDA DOS CORREIOS.
Olinda, todos os dias.
Caruarú, Bonito e Garanhuns, nos dias 1 e 15.
Villa-Bella, Boa-Vista, Exú e Ouricury, a 13 e 28.
Goyanna e Parahiba, segundas e sextas-feiras.
Victoria e Natal, nas quintas-feiras.

PREAMAR DE HOJE.
Primeira ás 6 horas e 6 minutos da manhãa.
Segunda ás 6 horas e 30 minutos da tarde.

AUDIENCIAS.
Tribunal do Commercio, quartas e sabbados.
Relação, terças-feiras e sabbados.
Fazenda, quartas e sabbados ás 10 horas.
Juiz do commercio, segundas as 10 horas e nas quintas ao meio-dia.
Juizo de orphãos, segundas e quintas ás 10 horas
1ª vara do civel, segundas e sextas ao meio-dia.
2ª vara do civel, quartas e sabbados ao meio-dia.

EPHEMERIDES.
Dezemb. 1 Quarto minguante aos 9 minutos e 40 segundos da tarde.
» 9 Lua nova as 7 horas, 47 minutos e 48 segundos da manhãa.
» 16 Quarto crescente as 4 horas, 36 minutos e 40 segundos da manhãa.
» 23 Lua cheia as 8 horas, 18 minutos e 47 segundos da manhãa.

DIAS DA SEMANA.
24 Segunda. S. Delfino b.; S. Tharsila m.
25 Terça. ✠ Nascimento de N. S. J. Christo.
26 Quarta. S. Estevão Protomartyr; S. Marinho
27 Quinta. S. João Apostolo e Evangelista.
28 Sexta. Ss. Innocentes mm.; S. Castor.
29 Sabbado. S. Thomaz de Cantuaria arc.
30 Domingo. (Vago) S. Sabino b. m.; Ss. Venustiano e Agripiniano mm.; S. Anisio.

PARTE OFFICIAL.

MINISTERIO DA GUERRA.
CIRCULAR.

Rio de Janeiro. Ministerio dos negocios da guerra, em 8 de dezembro de 1855.— Illm. e Exm. Sr. — De ordem de S. M. o Imperador remetto a V. Exc., para seu conhecimento a execução na parte que lhe toca, um exemplar do *Jornal do Commercio* n. 337, hoje publicado, em que vem estampada a relação dos officiaes subalternos transferidos de uns para outros corpos, e dos promovidos por decreto de 2 do corrente, que são distribuidos pelos diversos corpos do exercito. Por esta occasião manda o mesmo augusto senhor declarar a V. Exc., que os officiaes arregimentados promovidos naquelle dia devem immediata e independentemente de nova ordem recolher-se aos respectivos corpos, cumprindo ás thesourarias sob sua responsabilidade, suspender o pagamento do soldo aos que assim não cumprirem, salvo o caso de especial determinação desta secretaria de estado para que algum dos despachados continue na provincia onde se achar, não servindo mesmo de pretexto á demora a falta de outros officiaes que se esperem de diversa provincia. Deus guarde a V. Exc.—*Marquez de Caxias*.—Sr. presidente da provincia de..

COMMANDO DAS ARMAS.

Quartel general do commando das armas de Pernambuco na cidade do Recife em 24 de dezembro de 1855.

ORDEM DO DIA N. 173.

O marechal de campo commandante das armas, faz publico para conhecimento da guarnição e fins convenientes, que o governo de S. M. o Imperador houve por bem, por aviso do ministerio dos negocios da guerra de 28 de novembro ultimo, approvar a nomeação que se fizera do Sr. Joaquim Gilsino de Mesquita, para o lugar de escrivão do hospital regimental desta provincia, por aviso de 3 do corrente mandou seguir para a provincia da Bahia um capitão do 10.º batalhão de infantaria, afim de render no commando do destacamento do mesmo batalhão que alli se acha, o Sr. capitão José Francisco da Silva, que deve recolher-se ao corpo; e finalmente por aviso de 7, tambem do corrente, declarou, que não podia ter lugar a passagem pedida pelo Sr. capitão Manoel Luciano da Camara Guarani, do 10.º para o 8.º batalhão da sobredita arma, em consequencia de não haver vaga neste batalhão: o que tudo foi communicado em officio da presidencia datado de 21 do andante mez. Determina portanto o mesmo marechal de campo, que o Sr capitão do 10.º que for nomeado para tomar o commando do destacamento existente na Bahia, deverá estar prompto para seguir a seu destino no vapor que se espera do norte. Determina outro sim, em vista da falta de officiaes, que presentemente tem o mencionado batalhão 10.º, que regresse para o serviço do mesmo o Sr. tenente Francisco de Assis Guimarães, ficando desligado do 4.º batalhão de artilharia a pé, em o qual se acha addido.

José Joaquim Coelho.

EXTERIOR.

REPUBLICA ORIENTAL.
Montevidéo 4 de dezembro.

Bastaram apenas onze dias depois da retirada da divisão imperial auxiliadora para justificar todas as apprehensões, para tornar em triste realidade todos os boatos de uma nova revolta nesta cidade.

Effectivamente as paginas da historia da republica do Uruguay tem ainda uma vez de trajar-se de preto para receberem a narração dos desgraçados episodios de mais uma luta fratricida, e o espirito imparcial e reflectido terá ainda uma vez de cansar-se debalde na indagação das legitimas causas e dos fins dessas scenas sanguinolentas, que nem seus proprios autores poderão por ventura determinar!

Entretanto o que he de primeira intuição, e infelizmente bem certo, he que de dia em dia se enfraquece e definha um paiz, aliás com elementos para ser uma importante nação commercial da America do Sul!...

Deixando porem de parte as variadas considerações que os factos e a situação naturalmente suggerem, e limitando-nos á posição de simples narrador calmo e desapaixonado, procuraremos dar aos leitores do *Jornal do Commercio* conta, quanto for possivel, exacta das lamentaveis occurrencias que ultimamente tiveram lugar, de algumas das quaes fomos testemunha ocular.

E para que nem de leve nos averbem de suspeito, para que nem se quer pelo colorido da exposição nos acoimem de favorecer este ou aquelle dos partidos belligerantes, no resumo chronologico que vamos fazer acompanharemos por assim dizer *verbum ad verbum* o que foi publicado pelo periodico *Nacional*, que, sobre nos parecer o mais approximado da verdade, está escripto ao menos com as apparencias de conveniente neutralidade.

Desde que se annunciou nesta cidade a sahida da divisão imperial começaram para logo a circular os rumores de uma revolução que rebentaria apenas a força brasileira se puzesse em marcha. Pensava-se geralmente, e a experiencia desgraçadamente o demonstrou, que era a presença dessa força a unica garantia da ordem publica, o unico embaraço ao apparecimento do certamen armado que a intolerancia e a animosidade dos espiritos preparava.

Como já o communicamos na correspondencia anterior, a retirada da divisão effectuou-se na manhãa no dia 14 do mez passado; e a datar desse momento os rumores e boatos a que nos referimos foram progressivamente crescendo e avultando de hora em hora, a ponto de se tornarem o objecto exclusivo de todas as attenções, pondo fora de duvida o rompimento proximo da catastrophe que se receiava.

A liga dos generaes Oribe e Flores, de que tambem demos conta na nossa antecedente; as noticias que a cada instante chegavam de reuniões de gente armada nas visinhanças da cidade; o movimento emfim e a actividade dos chefes dos partidos na capital, deixavam ver claramente que era inevitavel a representação do drama.

Assim correram as cousas até sabbado 24. Nesse dia, segundo diz o *Nacional*, em consequencia dos rumores que circulavam, e das informações que tinha de uma revolução proxima, que pretendiam levar a effeito os chamados conservadores (uma das tres subdivisões do partido *colorado*) constando-lhe que com o corpo de artilharia, unica força de linha existente na capital, não podia contar para reprimir os revoltosos, ordenou o governo ao commandante reformado D. Benito Larraya, que, pondo-se á frente de trinta soldados veteranos de cavallaria, que se achavam no quartel de artilharia se fosse aquartelar na repartição da policia, e ao mesmo tempo convidasse a todos os cidadãos que se quizessem reunir para apoiar o governo no caso de uma revolução. Effectivamente o commandante Larraya reunio cerca de 50 homens, e se estabeleceu com elles na mencionada repartição.

Pela meia noite, diz mais o *Nacional*, uma porção de gente ás ordens de D. José Maria Munhoz apoderou-se da casa do governo, quartel de artilharia e forte de S. José, cujas peças voltaram contra a cidade. Os revoltosos levaram comsigo os serenos que encontraram pelas ruas; mas deram-lhes liberdade apenas foram reclamados pelos ajudantes do corpo que estavam de serviço.

Tudo isto porem se passou sem que fosse presentido em geral pela população, pois que durante o dia 24 até depois das 10 horas da noite, a cidade conservou-se perfeitamente tranquilla. Fallava-se, he verdade, em uma revolução proxima, as apprehensões a esse respeito eram unanimes, mas, a não serem os iniciados nos mysterios, ninguem poderia dizer, ao recolher-se no sabbado á noite, que ella teria lugar na manhãa seguinte.

He entretanto exacto que no domingo 25 a população desta capital ao acordar encontrou a novidade que vimos de expor; e mais a de que os revoltosos prendiam não só a todo o individuo de cor, quer da classe dos artistas ou trabalhadores, quer da dos criados, como tambem a todos os filhos do paiz que passavam pelas immediações dos pontos por elles occupados.

As 9 horas da manhãa o presidente da republica estabeleceu-se na casa da policia, onde se reuniram os officiaes-maiores interinamente encarregados do expediente dos ministerios, generaes Flores, Medina e Freire, varios outros coroneis, chefes e officiaes, e bem assim alguns cidadãos, armados uns, e outros sem armas.

Pouco depois compareceu o deputado Conde com proposições por parte dos revoltosos, e conferenciou com o presidente.

Segundo diz o *Nacional* pediam a composição de um ministerio que lhes offerecesse garantias, e a deportação de algumas das pessoas notaveis que assignaram a liga dos generaes Flores e Oribe.

O presidente chamou os Drs. D. Florentino Castellanos e D. Mateo Magarinos, com os quaes se achava conferenciando, quando pela volta das 10 horas pouco mais ou menos appareceu na rua de Sarandi o alferes invalido Regino Mendez, o qual de espada em punho, seguido de outros individuos armados, dando vivas e morras desde a igreja matriz, dirigiram tiros aos cidadãos que se achavam no *cabildo*, ou casa da policia. Apezar de ter sido o fogo correspondido por estes, não houve com tudo ferimento algum; mas cumpre observar que o presidente da republica ainda ahi se achava e só se recolheu á a sua residencia pouco tempo depois.

O que fica escripto nos parece bastante para dar ideia das bases e dos primeiros passos da revolução, assim como do alarma e da consternação que produzio em toda a população pacifica, e sobretudo nas familias desta capital, que pela primeira vez foi theatro de semelhantes scenas; pois que, segundo nos informam, as anteriores representaram se sempre fora travando os belligerantes a luta nos campos circumvizinhos.

Não podemos nesta narração seguir passo a passo os acontecimentos, descrever uma a uma as variadas peripecias do drama a que assistimos. Fora isso fatigante para os leitores, e demasiado longo para uma correspondencia desta ordem.

Resumindo, diremos pois que o dia de domingo passou-se em escaramuças pelas ruas, resultando dellas varias mortes e ferimentos não só dos interessados na luta, como tambem de estranhos e de indifferentes, que por curiosidade ou precisão cruzavam as ruas no momento em que igualmente as cruzavam as balas. Assim he que no primeiro dia contaram-se no numero dos mortos o joven D. Francisco Tajes, filho do coronel Tajes, que se acha ausente, e um Lora, que acabava de passar-se para os revoltosos; contando-se entre os feridos o major Hubo, um filho do coronel Lavandera, e um estrangeiro que passava na occasião do fogo.

A' tarde os deputados D. Francisco Teranos, D. Fernando Torres, e o presidente da junta economica D. Francisco Vidal, apresentaram-se em casa do presidente da republica com outras proposições de *arreglo*. Escrevemos a palavra—*arreglo*—porque não queremos deixar de consignar nesta correspondencia a lembrança que a respeito della teve um homem de muita illustração e espirito que aqui está actualmente.

Arreglo,—como os que conhecem a lingua hespanhola sem duvida sabem, significa—accordo, combinação, arranjo etc.—He a expressão favorita dos movimentos revolucionarios nesta terra. Apenas rompem as hostilidades succedem-lhes logo as propostas de—*arreglos*.—Discutem-se estes entre ambas as partes, combinam-se, concluem-se emfim, e são reduzidos a escripto com todas as solemnidades necessarias; mas quando se espera ou se suppõe que vão ser cumpridos, sabe-se que as cousas ainda mais se complicaram, e dahi a alguns instantes ouve-se de novo o sybillo das balas e a vozeria dos lidadores!..

Quando pois chegava ao conhecimento da pessoa a que nos referimos a noticia de algum dos taes—*arreglos*,—facto que durante o dia succedia tres, quatro e cinco vezes, dizia ella sempre com muita graça, que reformassem a expressão, substituindo-a por *pastel* ou *pasticio*, pois que os—*arreglos*—cada vez mais embrulhavam os negocios!

Alem do que fica dito, pelo que toca ao dia de domingo, só nos falta accrescentar que na tarde desse dia foram nomeados o Dr. Florentino Castellanos ministro geral, e o general Flores, antecessor do actual presidente da republica, commandante das armas.

Na segunda-feira pela manhãa (26) houve conferencia, para execução do ultimo *arreglo* do dia anterior, entre o general Medina e coronel Munhoz. Consistia o *arreglo* no desarmamento da gente revoltada, que devia em seguida recolher-se as suas casas.

Estavam talvez nessa conferencia, quando pela volta das 10 horas rompeu um fogo vivo na alfandega e ruas adjacentes entre as forças do batalhão de artilharia que guardavam aquella repartição, e alguns homens de cavallaria da força do governo que para alli ião em commissão.

Destes homens morreram dous e houve varias mortes e ferimentos de pessoas estranhas, que por necessidade percorriam as ruas, em busca de viveres uns, e outros offerecendo-os á venda. No numero destes estava um pobre vendedor de verduras, que foi varado por uma balla.

No meio destas scenas de dor e de desolação, quando por um lado a anxiedade e o terror dominavam as familias, e por outro o frenesi das paixões politicas fazia derramar o sangue de irmãos, n'um dia emfim que bem pode chamar-se de luto e de lagrimas, ouvia-se, de mistura com o echo das descargas de fuzilaria, o som dos repiques dos sinos convidando os subditos das nações alliadas para assistirem ao *Te-Deum*, que pela tomada de Sebastopol se mandava celebrar na igreja matriz!...

De envolta com os gemidos e os gritos de magoa e de afflicção das viuvas e dos orphãos, dos pais e dos irmãos, os ares repercutiam os vivas enthusiasticos e os estrondosos *urrahs* que festejavam os vencedores de Sebastopol!! E a mesma rua por onda cruzava a guerra civil e a anarchia era igualmente trilhada pelos subditos das nações alliadas, que orgulhosos e alegres se dirigiam ao templo precedidos por uma banda de musica, e acompanhados por uma escolta de 70 soldados da marinha franceza.

Quantas e quão variadas reflexões não suggere por ventura este contraste? Que lição fecunda não poderão delle colher os proprios Orientaes?.... A não serem as repetidas dissensões, que tanto tem enfraquecido e definhado este paiz, assistiria elle por ventura a semelhante scena?...

Mas prossigamos: eram 2 horas da tarde, quando do parque de artilharia sahiram duas peças de 6, que foram postar-se a porta do Cabildo. A's 4 voltavam os alliados do grande banquete, ainda mais enthusiasmados do que se achavam de manhãa, e percorriam varias ruas da cidade do mesmo modo que o haviam feito antes do *Te Deum*. Nessa occasião ouviam-se igualmente os tiros de alguns pontos dos sublevados.

A's 8 horas da noite foi assassinado um soldado pertencente á força do governo. Achava-se esse infeliz n'uma venda na rua de Buenos-Ayres quando por ahi passando quatro dos revoltosos, dispararam-lhe um delles um tiro, que instantaneamente o matou.

Durante o resto da noite suspenderam-se as hostilidades, mas de certo não se suspendeu o susto e a consternação, que pelo contrario subia de ponto á proporção que se demorava, e conseguintemente se complicava o desenlace da questão.

O dia de terça-feira 27 passou-se pouco mais ou menos como o antecedente. Novos *arreglos*, novos encontros dos belligerantes, continuação da anxiedade e da inquietação dos espiritos. A unica novidade que se deu nesse dia foi a proclamação publicada pelos encarregados de negocios de França de Inglaterra e de Sardenha, aconselhando a seus respectivos subditos a mais perfeita neutralidade na situação. Ainda bem que não teve a legação do Brasil necessidade de lançar mão desse recurso, convencida como estava, e com razão, de que os sentimentos dos Brasileiros aqui residentes eram unanimes não só nesse ponto, como ainda a respeito do desgosto e do pezar que inspiram sempre desgraças semelhantes.

Sob estas impressões recolheram-se os habitantes da cidade de Montevidéo na noite de 27, e sem duvida que bem poucos, ou nenhum delles talvez, a pezar de quaesquer calculos e previsões que formassem, pensaram então que teriam de ser testemunhas do espectaculo verdadeiramente horrivel que dahi a algumas horas devia representar-se!

Com effeito ás 4 da madrugada do dia 28 rompeu um fogo horroroso que durou sem cessar sempre com a mesma intensidade, até depois das 9 horas da noite!

A linha se estabeleceu na rua de Missiones de Norte a Sul; e as forças legaes foram ganhando terreno por todos os lados da casa do governo, ou forte, onde se achavam os revoltosos, e desalojando a estes dos postos que occupavam.

Não se pode em verdade pintar ou descrever a scena de que fallamos! Não ha tintas, nem expressões que bastem para dar sequer uma idéa approximada do reinado da anarchia no grão a que aqui chegou!

As ruas todas tornaram-se absolutamente intransitaveis, as balas cruzam em motu continuo por todas ellas; as sotéas ficão nuas e desertas, não se descobre viva alma! Apenas por entre as frestas das janellas algum curioso mais ousado procura ver passas os mortos e os feridos, unicos viandantes da cidade.

Além disso as communicações foram completamente interceptadas, de modo que as familias que não possuiam algumas sobras de alimentos em casa tiveram de resignar-se a um jejum forçado!

O Dr. Castellanos demittio-se do cargo de ministro geral, que acceitara com a condição de o conservar unicamente até o momento em que se convéncesse da impossibilidade de realisar definitivamente um *arreglo*. Em seguida foi nomeado ministro da guerra e marinha o general Costa, continuando os officiaes maiores dos outros ministerios com o respectivo despacho. As 8 horas da noite apresentou-se em casa do general Flores um delegado dos revoltosos, D. Luiz Candido Gomes, pedindo a organisação de um ministerio que lhes desse garantias, e declarando que em seguida deporiam as armas.

O general Flôres, ao que parece, cansado de tantos *arreglos* infructiferos, em nome do presidente da republica assegurou, sim, a effectividade das desejadas garantias, dizendo que seriam tão amplas como as de que gozavam os sustentadores da autoridade, mas repellio a exigencia da organisação de um ministerio.

O delegado Gomes regressou ao seu posto; e pela volta da meia noite compareceu perante o general Flôres um novo parlamentario dos revoltosos, insistindo pelas garantias, que aliás já haviam sido affiançadas áquelle. Era tal o estado de afflicção e de desespero em que se achavam as familias, que as tres horas da madrugada uma commissão de senhoras dirigio-se a casa do presidente da republica para implorar indulgencia. S. Exc. acolhendo com benignidade esses anjos da paz, respondeu-lhes que os generaes Flôres e Oribe, em nome do governo e sob palavra de honra de ambos, já a haviam offerecido aos revoltosos. O que he certo he que quando na manhãa do dia 29 a população se erguia, preparada talvez para assistir á continuação dos horrores do dia antecedente, soube que estava tudo terminado, e vio que as forças do governo percorriam as ruas fazendo fluctuar a bandeira da paz!

Effectivamente, os revoltosos, extenuados de fadiga, baldos de todos os meios, havendo queimado o ultimo cartucho, e sem um grão de alimento, entenderam que o recurso unico que lhes restava era abandonar o forte e dispersarem-se; e foi o que fizeram.

De posse a autoridade de seus direitos, os voltaram as cousas ao estado normal. Immediatamente se abriram todas as casas e lojas de commercio, e as ruas começaram logo a ser cruzadas em todas as direcções pelas *senhoritas*, que, de passagem seja dito, aqui só deixam de passear quando ha chuva de agua ou de balas.

O governo houve-se generosamente com revolucionarios, não perseguindo sequer um delles, e permittindo a emigração dos que quizessem. Com effeito embarcaram para Buenos Ayres cerca de quatrocentas pessoas, comprehendidas as praças do batalhão de artilharia. O chefe da revolta D. J. M. Munhoz embarcou tambem para o mesmo destino.

Segundo uma estatistica que vimos, sobe a mais de cem o numero dos mortos e feridos de ambos os lados.

Nos jornaes que enviamos encontrarão não só a opinião dos respectivos redactores ácerca da luta, como tambem os actos officiaes do governo, e as proclamações e boletins dos revoltosos,

Temos concluido o resumo que nos propuzemos fazer da memoravel revolução do dia 25 de novembro. A neutralidade absoluta e perfeita que entendemos dever guardar sobre os importantes acontecimentos que acabamos de expôr, nos faz calar as multiplicadas considerações que elles despertam.

Lastimamos dentro da alma semelhantes lutas fratricidas, e ainda mais lastimamos observar que cada vez mais se alonga e se difficulta o termo de tão desgraçada situação!

A transcendencia do assumpto com que nos temos occupado diminue, se não escurece absolutamente o interesse que por ventura poderiam inspirar outras occurrencias que tem aqui tido lugar depois da nossa ultima. Por isso, e porque receiamos haver já sido demasiado longo e enfadonho, faremos apenas menção de um ou outro facto mais importante.

Por decretos da data de hontem foram nomeados os Sr. D. Juan José Duran ministro da fazenda, e D. Antonio Rodrigues ministro do governo e das relações exteriores. Fica pois assim definitivamente organisado o gabinete, occupando a pasta da guerra e marinha o general Costa, como já dissemos.

O *Nacional* de hontem á tarde transcreve do periodico *Tribuna*, de Buenos-Ayres, um artigo da redacção, no qual se annuncia entre o governo do Brasil e o general Urquiza a conclusão de um tratado de alliança offensiva para fazer a guerra ao Paraguay. Mostra-se mesmo tão bem informado que chega ao offerecer a seus leitores em extracto as bases desse tratado, que resume em quatro artigos. Pelo primeiro se compromette o governo da Confederação a collocar sobre a fronteira do Paraguay que limita com a provincia de Corrientes 3,000 homens de cavallaria; pelo segundo, faculta transito pela mesma provincia a todas as forças e petrechos bellicos que o Brasil julgue conveniente dirigir ao territorio do Paraguay; pelo terceiro, não só concede permissão á esquadra imperial para que suba, como põe a sua disposição todos os pontos da costa que lhe parece apropriados para deposito de carvão; e pelo quarto, finalmente, como compensação das concessões antecedentes, o Brasil abonará dous milhões de duros ao governo da Confederação, obrigando-se ao mesmo tempo a garantir a integridade do seu territorio sempre que for aggredido ou ameaçado por forças paraguayas.

A *Tribuna*, que com invejavel seguridade e de um modo categorico dá tudo isto por averiguado e liquido, vendo levantar-se esta que chama *grave emergencia* como um gigante que ameaça subjugar sob suas poderosas plantas povos, instituições, liberdade e socego, estigmatisa energicamente o governo de Buenos-Ayres por não haver ainda exigido as convenientes explicações a semelhante respeito do ministro brasileiro naquella republica!...

O artigo a que nos referimos merece a attenção do governo imperial, e por isso lh'o recommendamos.

As noticias que hontem o *Camilla* nos trouxe daquella republica pouco adiantam ás que tinhamos, e que tambem já lá chegaram. Além de alguns pormenores sobre as excursões dos indios, que tem sido batidos, só soubemos que foram alli muito bem acolhidos os emigrados de Montevidéo, aos quaes se procurava ministrar os necessarios soccorros por meio de subscripções que se agenciaram.

O Sr. barão de Mauá, que dessa côrte veio por enfermo, e que daqui, ja com sensiveis melhoras, seguirá no mesmo paquete para aquella capital, havia dalli partido para o Rio Negro, onde he provavel, ao menos taes são os nossos mais sinceros e cordiaes desejos, que encontre o completo restabelecimento de sua interessante saude.

No dia 18 ou 19 do passado deu-se aqui um triste acontecimento, que causou geral sensação de desgosto. Um menino de 9 ou 10 annos, filho do nosso distincto capitão de mar e guerra Barroso, actualmente commandando ahi o corpo de imperiaes marinheiros, foi accommettido á porta de sua casa por outro da mesma idade pouco mais ou menos, o qual com uma navalha lhe deu um golpe sobre o lado esquerdo junto do coração! Felizmente não foi mortal a ferida, e acha-se hoje o menino restabelecido; mas não he menos certo que poderia ter sido fatal, pranteando a estas horas uma familia desolada a sua morte.

Dizem-nos que o aggressor por uma pequena rixa de palavras que tivera com o filho do Sr. Barroso jurára vingar-se dando-lhe uma facada! E dizem-nos mais que sabendo da inefficacia do primeiro golpe, declarára cathegoricamente que o outro seria dado com mão mais certeira. Que coração, que instinctos de criança!...

No dia 30 do mez findo teve lugar a abertura do hospital de marinha que o governo imperial mandou estabelecer nesta cidade para o recebimento dos enfermos da divisão naval brasileira que estaciona neste porto. Está montado em um edificio inteiramente novo, e que parece reunir as condições precisas para bem preencher os fins a que se destina. Por uma rapida visita que fizemos ao estabelecimento depois de aberto pareceu-nos que á sua organisação haviam presidido a intelligencia, a ordem e a economia.

No dia 2 do corrente, anniversario natalicio de S. M. o Imperador, estiveram embandeiradas durante o dia, e salvaram, as nossas embarcações de guerra, e os Brasileiros aqui residentes dirigiram-se á casa da legação para comprimentar os dous ministros, visconde de Abaeté e conselheiro Amaral. SS. EEx, trajando uniformes de grande gala, achavam-se de pé no salão onde está collocada a effigie de Sua Magestade; e ahi com a urbanidade e delicadeza que os caracterisa, acolheram aos seus patricios. Não houve porém manifestação alguma exterior que se podesse qualificar de festividade. Sem duvida os ministros brasileiros entenderam, e em nossa humilde opinião muito acertadamente, que a situação do paiz não era compativel com quaesquer festejos. Por nossa parte, do fundo do coração, jubilosos festejámos esse dia nacional, e alevámos ao céo os mais ardentes votos pela conservação da preciosa existencia do magnanimo e virtuoso imperador a quem os Brasileiros, incontestavelmente, devem a tranquillidade de que gozam, a posição que já occupam no mundo civilisado e o brilhante futuro para que caminham a passo largo.

Temos noticias da divisão imperial auxiliadora até 27 do passado. Achava-se naquella data acampada no lugar denominado—Pontas do Tala,—cerca de 40 leguas distante desta capital. Havia feito marchas muito vagarosas em consequencia das chuvas continuas e das inundações, que algumas vezes absolutamente a impediam de seguir. Até á mencionada data contava 34 desertores e 3 mortos, sendo um destes afogado.

Acompanham a divisão imperial 300 e tantas carretas, entre as do Estado e as de particulares, e vão na frota cerca de 300 mulheres e 100 a 120 crianças!.. Diz-nos um amigo em uma carta que, a não ser o máo tempo, a caravana tornar-se-hia divertidissima!

E com effeito, pelo menos nas vastas campinas porque viajam que bellas contradansas monstros não poderia formar nas horas de pousada essa immensidade de pares!... Sem duvida que os bailes mascarados do nosso theatro Provisorio ficariam a perder de vista!...

Basta por esta vez. Estou cansado de escrever, e mais ainda devem estar os leitores de me aturar.

5 de dezembro de 1855.
Não he para o exterior.

Para que revelar ao estrangeiro em um artigo especial nossas chagas e nossas dores, se não pode dar-nos a panacéa magica que as cure e nos console, a nós agitados pelas paixões furiosas, de fronte curvada para occultar nosso pezar e nosso estado?

O paiz, compre dizê-lo, acaba de livrar-se de prolongada doença; e enquanto suas forças não se restabelecem de todo, arrasta-se pobre, desanimado e surprendido por fataes recahidas: sobra-lhe juventude; todos os dons de uma natureza generosa e talvez prodiga fariam deste solo o paraiso da vida, a consolação e amparo dos que gemem sob ceos ingratos: a felicidade da familia, a inveja talvez de outras sociedades que gabam-se de possuir á força de industria e de trabalho o que sobra nesta terra.

Aqui o ar, as aguas, as montanhas e os prados convidam os braços laboriosos a banquetes de prosperidade, sem que cada grão de trigo custe um mar de suor e de fadigas. Aqui encontram-se nas entranhas da terra thesouros que a fabulosa California e a Australia, paizes auriferos, não desenhariam, e que entretanto dormem infructiferos no seio materno por falta de mão que queira extrahi-los. Aqui podeis entregar vossa agricultura, á criação de gado e á extracção de materias primas, sem perigo de que os gelos do norte paralysem vossos trabalhos, e os ardores dos tropicos esterilisem vossos esforços. Aqui encontrareis gente hospitaleira que comprehende a desgraça, que a respeita e a consola; naturezas perfeitas que contem todos os germens necessarios para dar e receber ventura. Não aporteis porem ás nossas praias, porque nos estamos devorando diariamente.

Não he este o annuncio desejado pela Europa, que em sua tenaz investigação já descobrio as excellentes qualidades desta parte do Rio da Prata. Ella conhece nossas margens e nossas costas, nossos productos naturaes e o proveito que a industria e o commercio, em seu progresso actual, podem tirar dos elementos que possuimos: sobram-lhe braços, capitaes e outros meios. A nossa sociedade não marcha, porem, na vereda economica, a par dos outros povos, porque as idéas praticas e tambem as paixões applicam-se a objectos estranhos e talvez contrarios ao verdadeiro bem estar da maioria.

Para que dizermos pois aos que contavam com a completa pacificação do paiz: « Não atravesseis o oceano, porque ha tres mezes, pouco faltou para que nossos irmãos se devorassem reciprocamente, não venhais, porque ainda ha oito dias derramamos reciprocamente nosso sangue em presença de nossas mais, de nossas esposas e de nossos filhos..... não venhais, porque uma tormenta terrivel, um combate a todo transe se prepara para dentro em pouco; aprompiam-se as armas, os homens aprazam-se, e os partidos excitam-se; não venhais, porque o temor invade já as populações, e os camponeos antes querem fugir para os bosques e lutar com as feras selvagens do que permanecer entre seus irmãos de opiniões ou de affeições contrarias! »

Para que dizer pois tudo isso a homens e a povos que não comprehendem esse modo de ser, que respeitam as instituições como unicas garantias da felicidade publica e domestica; que não arriscam a vida senão nas solemnes questões de independencia e liberdade da patria; que toleram e discutem friamente as opiniões e não as ajustam a casualidade de uma victoria militar senão no ultimo caso da mais extrema necessidade, como unico recurso para salvar a existencia social?

Deixemos pois o artigo do *Exterior*, para quando possamos dizer honradamente ao estrangeiro: « Vinde ao nosso solo; aqui não ha guerra que devore homens e cousas; ha não mizeria, porque o céo e a terra mostram-se os mais bellos do mundo; não ha fanatismo politico nem religioso, porque nossas instituições escriptas e tradicionaes pertencem a civilisação do seculo XIX; vinde, que a Providencia nos deu terra bastante para fazer a felicidade de vinte milhões de habitantes; cultivamo-la em paz e nossos filhos não conhecerão as angustias da miseria, nem os dissabores da pobreza; vinde, e unidos levaremos o paiz á altura e a felicidade que de direito lhe pertence, e temos esperança de que em breve poderemos exclamar com o coração nos labios:—He chegado o momento que ardentemente anhelavamos—: vinde a estas praias, e olvidai o que dissemos, não para a Europa, mas para nós mesmos, no dia 5 de dezembro de 1855. »

Comercio del Plata.
(*Jornal do Commercio* do Rio.)

CORRESPONDENCIA DO DIARIO DE PERNAMBUCO.

LISBOA.
28 de novembro.

De Hespanha nada ha de importante. O cholera continua a diminuir em Madrid. No dia 6 não houve nenhum ataque, e apenas morreram 5 pessoas, das que anteriormente tinham sido invadidas.

O numero d'invadidos desde o principio de maio até ao dia 8 tinha sido de 5,501 pessoas dos quaes morreram 3,677.

Em 1834, n'um prazo mais curto morreram victimas do mesmo flagello cerca de 5,000 individuos.

Agora a mortalidade foi igual ou talvez maior, se á cifra dos 3:677 casos fataes, ajuntarmos os casos de que se não deu parte, e os mortos do cholera degenerado em typhus.

O *Piemonte* publica as seguintes etymologias dos lugares mais importantes do theatro da guerra. Damo-las porque lhes achamos algum interesse na actualidade:

Alma, rio e montanha (do grego.)
Azoff (mar d') do nome de uma cidade assim chamada em memoria de Azoff, principe polaco, que a possuio por 1200.
Balaklava (slavo,) bella chave.
Batschi Saray (tartaro) palacio de jardins.
Belbeck e Balbek (russo-tartaro) bella montanha (Monte-bello.)
Bug, Boug, e Bog (tartaro slavo,) affluente, rio.
Bojuk-Uzen (turco,) grande rio.
Bojuk-Déré, grande casa.
Crimea, da peninsula Cimmeriana.
Erzerum, d'Arzel-Rum (turco,) cidade ou paiz dos Romanos, como a Romelia dos Romeliotas.
Eupatoria de Mithridates Eupator.
Euxino (mar Negro,) do grego Eu e Xenos, bem, bom, propicio aos estrangeiros. A enicial Eu encontra-se frequentemente nos nomes de origem grega, como Eubea, Euganea, Eupator, Eudice, Euphemia, Eugenia, isto he, de boa raça, bem nascida.
Yeni-Kalé (turco) castello novo.
Yeni-Sala, nova aldeia.
Yenitk, novo atalho.
Kaffa, de Kafirs (tartaro) infieis ou gregos a quem a tomaram.
Kamara (grego) arco.
Kamiesch, de Kamientz (slavo,) pedra.
Kars (da celtico car, caer,) lugar forte ou mais provavelmente da antiga Caria.
Kherson (grego) e Khersoneso, peninsula.
Kertsch (turco slavo) ardoo, passagem difficil.
Kinburn (tartaro) peninsula.
Liman (grego,) porto ou golpho formado pelas boccas de um rio.
Nicolaieff (grego-russo,) cidade da Victoria.
Odessa (d'Odessus) antiga colonia de Milesima, pouco afastada, segundo alguns, do sitio em que se acha Otsch'akoff, e segundo outros, de Warna.
Perecop (grego-russo) termo, limite, fronteira.
Sebastopol (grego) cidade respeitavel, augusta.
Simpheropol (grego) cidade feliz.
Taganrog (tartaro-russo) cidade na foz de um rio.
Taman (tartaro) quasi o grego Liman.
Tehernaia (russo) negro.
Wanagoria (Tanagoria ou Phanagoria) antiga colonia grega, que significa pharol atravez dos escolhos.

— Anda na China ha tempos uma revolução, como estamos fartos de saber, o que porém ainda não nos passou pela idéa he que n'essa revolução levassem as mulheres agora a melhor. Ahi vai a prova do que dizemos, colhida das mais recentes noticias que temos do celeste imperio.

FOLHETIM.

OS FILHOS DA FORTUNA. (*)

POR PAULO FEVAL.

CAPITULO IV.

Tres Ricardos.

Ricardo Du Taillis, proprietario e criador, era um bello homem de cincoenta annos, que tinha sobre a fronte baixa e vermelha uma floresta de cabellos meio brancos, talhados como escova. Tinha boas polainas de couro abotoadas até á barriga das pernas, uma ampla sobrecasaca azul e chapéo de abas largas. Trazia na mão um chicote, e entre seus dentes parecia morar um cachimbo de madeira. Era elle que fazia motim no pateo rindo e gritando. Quando Antonina chegou, achou-o tirando o cavallo do carrinho de vimes, ajudado pela velha serva de Morin.

— He preciso dar aveia ao meu cavallo, dizia elle; custou-me mil e quinhentos francos, embora não o pareça... E tornarei a vendê-lo por dous mil quando me aprouver.

— Bom dia, Mr. Du Taillis, disse Antonina fazendo-lhe uma reverencia.

O camponez voltou-se e mostrou seu rosto rubicundo. Era impossivel achar-se modelo mais completo desses aldeões sem ceremonia, que tem o bolso cheio de dinheiro, e affectam franqueza grosseira e extravagante.

— Quem he aquella?... exclamou elle deixando o cavallo. Oh! quando vim aqui pela ultima vez era ainda rapariguinha!... Ei-a, sirigaita, vem abraçar-me... Não? Pois bem, como quizeres; então vai chamar teu pai... Não sou orgulhoso, gosto de tornar a ver aquelles que conheceram-me na miseria!

— Isso he mui gentil, Mr. Du Taillis,... disse Antonina.

— Tu he que es gentil, velhaquinha, respondeu o criador passando-lhe brutalmente a mão pela cintura.

Antonina repellio-o vigorosamente dizendo-lhe:

— Deixe-se disso, por favor!

Mr. Du Taillis vacillou e esteve prestes a cahir.

— E que famoso punho! murmurou elle com admiração. Tudo o que preciso para agradar!...

— Ah! ah! gritava do outro lado da fachada a voz secca e quebrada que já ouvimos, he então uma ilha deserta... uma matta virgem?...

— Eis-alli, senhor, eis-alli!... respondeu Antonina, a qual accrescentou entre os dentes: o cabello ruivo!

— Que viuvo importuno! disse Mr. Du Taillis com desdem, por ter umas pobres vinte mil libras de renda, que regaleou não sei onde...

— Por aqui, senhor, gritava Antonina á porta do pateo.

Ricardo Du Gueret appareceu, e Du Taillis lançou-se a elle de braços abertos, dizendo:

— Eu fallava justamente de ti, meu viuvinho. Ah! tenho grande prazer em ver-te! e apertou Du Gueret contra o peito com violencia.

— Bom dia, meu charo, dizia este meio suffocado, e temendo pelo seu trage elegante, pois estava bem vestido, ainda melhor do que o agente de cambio.

Era um homem magro e orgulhoso; suiças louras guarneciam-lhe o semblante insipido e insignificante; os famosos cabellos ruivos de que temos fallado muitas vezes, formavam-lhe anneis carregados de pomada sobre a fronte estreita e fugitiva; era mais moço que Du Taillis, e não parecia ter mais de quarenta annos. Antonina contemplava-o attentamente.

— Rapariga! disse elle com altivez depois que livrou-se dos robustos abraços do criador, mande recolher meu *tilbury* sem demora!

— Rapariga! repetio Du Taillis, mas ella he Antonina!

Du Gueret poz os oculos sobre o nariz, contemplou Antonina, que dobrava o angulo da casa para executar a ordem, e murmurou na ponta dos beiços:

— Não a conheço!...

— A filha de Morin, accrescentou Du Taillis.

— Morin?... ah! sim... mas isso me he indifferente.

Nesse momento Antonina voltou e disse-lhe:

— Já mandei recolher seu carrinho.

— Tilbury!... rectificou Du Gueret seccamente.

Ergueu os hombros, e tomando o braço do criador, perguntou-lhe:

— Queres vê-lo?... he novo modelo chegado de Londres o mez passado...

— Prefiro meu carrinho de vimes, disse Du Taillis.

Du Gueret ergueu novamente os hombros murmurando:

— Que villão estupido!

No caminho ouvio-se uma voz um tanto alquebrada pela idade, mas ainda alegre, que cantava um dos estribilhos extravagantes conhecidos pelo nome de *scies* nas officinas parisienses:

Senhora, não vá
A' torre de San Nico, nico, nico,
Senhora, não vá
A' torre de San Nico, Nicolão.

O bello da *scie* consiste em fazer esperar o mais tempo possivel a quéda do ultimo verso pelo gesto ou pela inflexão da voz, e em repetir sempre *nico*, *nico*, sem jamais chegar a *nico*, *Nicolão*. He assim que os garotos são joviaes.

— Alli vem Pão Secco, o artista!... exclamou Du Taillis no momento em que Morin sahia da cozinha de chapéo na mão para annunciar que o almoço estava prompto.

— Encontrei-o ha pouco, disse Du Gueret sorrindo tolamente. Elle tomára a terceira classe, e... ra a estação como estouvado que he... Can... pé esposto ao sol, e parecia não pouco fa...

— Porque o não fizeste subir ao teu tilbury?

— Não gosto de fatigar meu cavallo.

— Bom dia, charos parentes! disse Ricardo De l'Etang, appellidado Pão Secco, artista pintor, entrando no pateo.

Era quasi velho, tinha cabellos compridos e cinzentos, e bigodes enormes da mesma côr. Um palitó velho de talhe um tanto extraordinario, cobria-lhe o corpo curto e grosso. Trazia ao hombro uma trouxinha na ponta do bastão.

— Bom dia, artista, bom dia! disse o criador dando-lhe um de seus formidaveis apertos de mão.

O elegante Du Gueret estendeu-lhe o dedo.

— Eu bem te reconheci ha pouco no caminho, meu viuvinho, disse o pobre pintor.

— Tenho a vista extremamente curta, respondeu este; porque não me chamaste? Eu te teria assentado junto de mim... Meu cavallo inglez conduziria doze como nós sem incommodar-se.

— A' mesa! exclamou Du Taillis, o qual fez a Morin a honra de bater-lhe fortemente no hombro.

— E gozas boa saúde, meu viuvinho? disse Pão Secco a Du Gueret emquanto iam para a sala de jantar.

— Padeço ainda a maldita gastrite.

— Ah! ah! ah! tornou De l'Etang em tom lisongeiro, essas doenças são para os fidalgos!

Ricardo Du Taillis levou Ricardo Du Gueret para uma janella, e disse-lhe solemnemente:

— Viuvinho, tenho uma proposta a fazer-te.

— Vejamos tua proposta.

— Sabes que Pão Secco não he abastado...

— Isso salta aos olhos! murmurou Du Gueret contemplando o palitó velho do terceiro Ricardo.

— Nós pelo contrario, tornou o criador, somos opulentos.

— Sem duvida!

— Então comprehendes?... Convém fazer um sacrificio!

— Façamos o sacrificio!..... disse Du Gueret, o qual suspirou e não pôde conter uma careta; mas então tomaremos sómente almoço para dous.

Du Taillis approvou fazendo um aceno.

— Artista!... pronunciou Du Gueret com dignidade.

Pão Secco que estava occupado em farejar o cheiro da cozinha, approximou-se logo sorrindo.

— Has de almoçar comnosco, meu charo.

Pão Secco contava com isso; todavia respondeu fingindo certo espanto:

— Mas o escote de vossês que são ricos...

— Nós fazemos a despeza, interrompeu Du Gueret magestosamente.

— E Du Taillis accrescentou batendo no bolso:

— Sim, meu charo, nós fazemos a despeza!

— Então com muito prazer! exclamou Pão Secco.

— Assenta-te aqui entre nós dous, tornou o criador, ao qual a consciencia de sua generosidade fazia mui amavel. Eis-ahi, Morin, que traz o bom vinho de Anjou... Coitado! não sou orgulhoso, embora tenha trinta e cinco mil libras de renda... que, graças a Deos, nada devem a ninguem... Aperta esta mão, Morin!

Antonina entrava com um prato em cada mão: o artista abusando de sua posição abraçou-lhe as faces dizendo:

— Tambem não sou orgulhoso, embora nada tenha!

— Silencio! senhores! exclamou Du Gueret, o qual bateu na mesa com o cabo da faca; saibamos conter-nos um pouco!

Pão Secco assentou-se logo docil como um discipulo, que ouve a voz severa do mestre. Antonina rindo e corando ameaçavo-a ainda com o punho.

— Amigos, tornou Du Gueret voltando-se para o estalajadeiro e a filha, basta!... Tenham cuidado para que não sejamos incommodados.

Voltando á cozinha, Morin dizia á filha.

— De todos elles o dos cabellos ruivos he o que mais aborreço!

— Ao menos, respondeu Antonina lançando a Pão Secco um ultimo olhar de rancor, ao menos o velho pintor he um patife!

Morin applicou o ouvido e disse:

— Ouço tocar uma campainha, he no quarto do homem que pedio tinta e papel.

— Oh! exclamou Antonina, ja levei-lhe dous cadernos... Elle tem rasgado mais de dez cartas!..... Passeia, conversa comsigo mesmo, acena, e diz que vai comprar um castello de mil e seiscentos francos!

Tomou ao acaso terceiro caderno de papel, e lançou-se na escada.

— Ei-a, artista, dizia Du Taillis em tom cordeal e hospitaleiro, come e bebe á tua vontade..... Não estás em casa do primo Des Garennes, cuja mulher segue com a vista cada boccado até ao estomago..., come sem receio.

Du Gueret coçou os beiços e disse:

— Madama des Garennes he uma mulher de bem, talvez um tanto economica...

— Bem pódes dizer avarenta!

— Um pouco intratavel..... accrescentou timidamente Pão Secco.

— E inteiramente diabolica! terminou Du Taillis soltando uma gargalhada. Dá-nos vinho, viuvo! O artista adiantou seu copo, sempre vasio a tempo.

— Viva Deos! tornou o criador, gosto de fallar francamente..... Para que me constrangeria tendo trinta e cinco mil libras de renda?

— Ah! proprietario, suspirou Pão Secco, es mui feliz!

Depois, não querendo desagradar a Du Gueret, deu segundo suspiro e accrescentou:

— Tu tambem, viuvinho!

— Com effeito, disse Du Gueret empertigando-se, nossa posição he mui gentil!

— Cada qual tem o que tem, redarguio Du Taillis evidentemente offendido pela comparação; mas tu, artista, tens alguma cousa na mão de Des Garennes?

— Uma miseria...

— Pois não! disse Du Taillis fingindo incredulidade para saber.

O artista alimpou o guardanapo com uma migalha de pão, e pronunciou em voz baixa com ar humilde:

— Talvez mil escudos.

— Justamente o preço de meu tilbury, disse Du Gueret rindo.

— Que fatuo intoleravel!..... disse comsigo Du Taillis, o qual accrescentou em voz alta: Tenho gasto este anno o triplo dessa somma sómente com os meus reparos!

Du Gueret perguntava a si mesmo se havia no mundo outro villão odioso como esse.

Entretanto Ricardo Pão Secco não poupava os dentes.

— Se vossês não comem mais, disse elle, tomarei de boa vontade o resto dessa fritada d'ovos.

— Toma, toma, artista! exclamou Du Taillis.

E Du Gueret enternecido accrescentou em meia voz:

— Faz gosto ver um homem pobre comer á vontade!

— Ah! he verdade que elle come conscienciosamente, tornou Du Taillis apoiando os cotovelos sobre a mesa. Fui eu que tive a idéa de encommendar este almoço... Eu disse comigo: No castello Des Garennes gasta-se dez mil francos em um só jantar quando trata-se de deslumbrar os convidados; mas ordinariamente faz-se penitencia... Madama Des Garennes tem a religião do vinho baptisado, do pão duro e dos lombos já comidos muitas vezes..... Oh! viva Deos! eu seria capaz de dizer isto a ella mesma; pois gosto de fallar francamente a todos...

O artista alimpara segunda vez o guardanapo com muito cuidado.

— Ninguem quer esta ultima costellinha? perguntou elle.

— Não, meu charo, respondeu Du Taillis com effusão. Come! come!... come por oito dias se poderes!

— O que deixa-se nas hospedarias fica perdido, disse Du Gueret; não deixes nada.

O artista descarnou a costellinha murmurando com reconhecimento:

— Ah! como são bons parentes vossês!

Du Taillis e Du Gueret trocaram um olhar satisfeito. Tinham obrado bem, e recebiam a recompensa.

— Aqui he que almoça-se perfeitamente bem! exclamou Du Taillis recostando-se na cadeira; não he como nas outras hospedarias, que sempre estão cheias de gente... O respeito que se tem nesta casa a mim e ao vizinho, que tambem he abastado, faz que ninguem virá incommodar-nos.

— Incommodar-nos! repetio Du Gueret tomando uma attitude de principe; oh! eu quizera ver isso!

Houve grande rumor no pateo, e ouvio-se Morin chamando a filha com toda a força.

— O que he aquillo? o que he aquillo?..... perguntou Du Taillis.

— A sala de jantar acha-se occupada por senhores que querem estar sós, dizia Morin fora.

— Eis-ahi quem póde ir jantar sobre a relva! disse o artista rindo; graças ao respeito que vossês infundem, elles não serão recebidos.

Os postigos das janellas estavam fechados por causa do sol; os tres Ricardos, cuja curiosidade fôra despertada pelas palavras trocadas entre o estalajadeiro e os recem-chegados, olhavam para o lado do pateo. Viram abrir-se um postigo, apparecer a cabeça de um negro, e por cima della um semblante respeitavel e de caracter estranho. O negro e o amo lançaram a vista no interior da sala e retiraram-se. Ao mesmo tempo Morin gritava:

— Eu já disse que o senhor não entrará!

Não houve resposta; mas a porta gyrou sobre seus gonzos, e o amo entrou seguido do servo negro.

Era um homem de estatura alta, robusta e graciosa. Suas feições eram aquilinas e firmes. Sómente havia um defeito em seu semblante bello e varonil: seus olhos negros e grandes guarnecidos de longas pestanas, pareciam immoveis e como adormecidos debaixo da arcada altiva de sua fronte.

Elle tinha um vestuario que o elegante Du Gueret achou mui ridiculo, e que causou sorpreza a Du Taillis. Era uma sobrecasaca longa de panno preto e abotoada desde o queixo até á altura das ancas. Seus cabellos estavam cortados rente, e sua cabeça coberta com um largo chapéo de feltro.

O negro estava todo vestido de branco, excepto uma gravata de setim côr de rosa, que trazia ao pescoço.

— Genero de *quaker*, disse o artista; bom objecto de estudo!

Du Gueret contemplava-o, tendo os oculos sobre o nariz e o palito na bocca, e murmurava:

— Máo! máo! Isso não tem o senso commum!

Du Taillis estava indignado por esse excesso de audacia: entrar em uma sala de hospedaria que elle honrava com sua presença, elle, Ricardo Du Taillis, proprietario e criador!

O desconhecido ficou um momento immovel no liminar, e lançou a vista sobre os tres primos; depois atravessou a sala em silencio e sem tirar o chapéo.

— Que incivil!... murmurou o artista.

— Morin ha de pagar-nos isso! disseram comsigo ao mesmo tempo Du Gueret e Du Taillis.

O *quaker* depois de haver examinado duas ou tres mesas que sem duvida não eram de seu gosto, escolheu uma e experimentou-a com a mão. Tirou a toalha que a cobria, envolveu-a e lançou-a em um canto. Fez signal ao negro, o qual trazia debaixo do braço uma boceta assás grande. Este approximou-se logo, abrio a boceta, tirou um guardanapo e estendeu-o sobre a mesa.

Pão Secco aproveitou a occasião para beber successivamente dous copos cheios, e como seus bons primos o sorprenderam no meio dessa occupação, disse com ar lisongeiro:

— Bem sei que não estou no castello Des Garennes!

Ao nome Des Garennes o *quaker* lançou um olhar obliquo aos nossos tres companheiros.

O negro pozera a boceta aberta sobre o guardanapo. Tirou uma chaleira de ouro, uma alampada e uma chavena pequena com seu pires. O desconhecido tomou a chavena, collocou-a diante de si e assentou-se.

— Vejam que trem!... disse Du Taillis.

— Oh! respondeu Du Gueret, quer affectar originalidade... Aquellas maneiras estiveram em moda antes do diluvio... agora deixamos isso para os caixeiros viajantes que applicam-se ao commercio das casemiras.

— Ha alli lindos utensilios, e acho-o curioso! disse o artista, o qual bebera furtivamente outros dous copos de vinho.

— Com effeito! murmurou Du Tailles mais admirado que no theatro; aquillo começa a divertir-me!

Entretanto o desconhecido tirara de um copinho de crystal uma colher de pó alvo; o negro encheu a chaleira de agua e collocou-a sobre a alampada emquanto o amo lançava a colher de farinha. Feito isso, o estrangeiro tornou a pôr o copinho em seu lugar, e ergueu-se para dizer com voz magestosa:

— Rapaz!

Por essa unica palavra os tres primos poderam julgar que elle tinha um accento inglez bem determinado.

— Aqui estou, senhor, disse Morin, o qual acudio; mas sentindo a offensa que fizera aos Ricardos, tomou um rodeio para não passar junto delles. Que devo fazer para o seu serviço?

O desconhecido fitou sobre o estalajadeiro seus olhos immoveis, e respondeu com seriedade quasi lugubre:

— Uma mecha chimica.

— Que? perguntou Morin julgando ter ouvido mal.

Du Taillis e Du Gueret riam ás gargalhadas, e o artista dizia:

— Elle pede-te uma mecha, velho Morin... uma mecha para dous!

O estalajadeiro pasmado deu a mecha pedida, e disse:

— Sómente isso, senhor?

— Sómente, respondeu o *quaker* mostrando-lhe a porta com o dedo.

O desconhecido accendera a alampada, e com a gravidade que nunca o deixava, occupava-se em mecher a agua da chaleira. O negro cortava fatias do pão que tirara da boceta, e arrumava-as symetricamente formando sobre o guardanapo um bello edificio. Depois tirou tambem da inexgotavel boceta dez ou doze canudos que atarrachou uns após dos outros. Em uma das extremidades dessa machina o negro parafusou um grande e bello cachimbo, na outra uma cabeça de ambar que tinha a forma de um ovo achatado.

Depois assentou-se no chão tendo as pernas cruzadas e os olhos fitos no amo na attitude de obediencia passiva, que os pintores deram em todos os tempos aos escravos orientaes. (*Continuar-se-ha.*)

(*) Vide *Diario* n. 293.

O governador Waschow partindo á testa de 10 mil homens, para acudir ás tropas do governo, que se achavam em mãos lenções, por um encontro que tiveram com os insurgentes em 28 de agosto passado, topou a poucos passos com um chefe dos mesmos, commandando 3,000 mulheres.

O combate empenhou-se, e com tão [illegible]tuna foi começado que as modernas amazonas, [illegible]taram completamente os imperialistas. O' caso nunca visto! Os soldados deixar-se-hiam vencer porque se envergonhavam de serem vencedores do sexo fragil? Seduzidos pelo arrojo da tão formosas guerreiras, ajoelhariam junto d'ellas, e deporiam as armas, entregando-se á discripção? Não sabemos, mas de qualquer dos modos tambem nós podiamos ser vencidos por ellas.

— Em um povo da provincia de Guipúscoa (Hespanha) deu uma mulher a luz um feto de todo o tempo, que tem dous corpos, unidos, pelo umbigo, dous braços, duas pernas, uma só cabeça com 4 orelhas e 3 olhos. A imprensa hespanhola aconselha ao ministro do fomento, e ao reitor da universidade central, que adoptem as disposições convenientes, afim de que este raro monstro, tão importante para os estudos phisiologicos, seja conduzido á côrte, e collocado no gabinete anatomico da faculdade de Medicina.

— Acaba de morrer em Paris de um ataque de cholera fulminante o marquez de Caza—Gaviria, conde de Boa-Esperança, que com medo da epidemia havia ultimamente partido de Hespanha para aquella cidade. O marquez de Gaviria passava pelo primeiro capitalista da Hespanha, e ao que parece, deixou uma fortuna de sessenta milhões de reales a sua esposa e nove filhos.

— Ultimamente, diz o jornal de Francfort, um medico de Vienna, o Dr. F.... fez uma interessante experiencia, com o fim de averiguar que influencia poderia exercer, em qualquer individuo de perfeita saude, o medo do cholera, depois de obter o consentimento da competente autoridade o Dr. F.... prometteu a um condemnado robusto e sadio a commutação da pêna se consentisse em metter-se na cama com um cholerico que acabava de morrer. Se adoecesse todos os cuidados lhe seriam prodigalisados e muitos medicos lhe assistiriam incessantemente. O preso consentio; depois de alguma exitação, e a experiencia commeçou. No fim de algumas horas, todos os symptomas se manifestaram, e um ataque formal de cholera se apresentou. Fizeram-se-lhe todos os tratamentos, e graças á sua forte constituição, foi salvo.

Mas, qual foi a sorpreza dos assistentes, quando o Dr. F.... declarou que não tinha morrido do cholera aquelle com quem o condemnado se mettera na cama e que tinha feito acreditar isto, a fim de observar o effeito da imaginação e do medo sobre o organismo.

— Em Londres, repetiram-se as desordens em consequencia da carestia do pão, reunindo-se o povo em grande numero em Hyde-Park. No ultimo domingo em que isto teve lugar durou a desordem toda a tarde. A justiça interveio, e tudo concluio como de costume, fazendo algumas prisões.

Sahio a lume em Paris um magnifico trabalho de M. le Play: *les Ouvriers Européens*, que mereceu um juizo critico de Mr. Chevalier. Toda imprensa litteraria e economista da França se occupa daquelle interessante escripto, (publicado com autorisação do imperador); concordam em que he de summa importancia, tanto pelo lado da erudição como pelas vistas que abrange, sobre as mais debatidas questões sociaes dos nossos dias.

Os jornaes de Berlim dão os seguintes detalhes ácerca de um aventureiro, que durante muito tempo se fez passar como principe, e que explorou habilmente as complicações da questão do Oriente:

—« A prisão do fingido principe da Armenia produzio aqui muita sensação, porque se encontrava frequentemente nos lugares mais publicos, e principalmente no passeio Unter-den Linder. Foi em Turin que elle habitou ultimamente: representou lá um papel muito importante, e manteve relações com altas personagens. Esteve em Londres, ha alguns annos, e pretendeu ser nomeado ajudante de campo. Perdeu, porem, o apoio dos seus protectores por causa de algumas circumstancias que o tornaram suspeito. Adquirio importancia desde a guerra do Oriente, dizendo-se martyr e victima da invasão da Russia; as sympathias que conseguio atrahir a si em Inglaterra facultaram-lhe bons negocios, principalmente achando-se elle quasi sem meios pecuniarios e reduzido a lançar mão de todo o genero de recursos. Além de um grande numero de artigos que inserio nos jornaes de muitos paizes, publicou quatro manifestos impressos contra o imperador da Russia; o mais antigo he datado de 26 de maio de 1850, o mais recente de 19 de fevereiro de 1853. Nestas proclamações reclamava da Russia não só o reino da Armenia e o seu dominio privado, no valor de 15 milhões de francos, mas tambem os seus diamantes, valendo um milhão de francos, que certamente lhe teriam sido roubados pelos generaes russos. Regeitou com altivez a miseravel pensão de 500 francos por mez que a Russia lhe offereceu como indemnisação. Publicou tambem em francez uma autobiographia que traz á idéa as *Mil e uma noites*. Intitula-se do seguidte modo: S. A. R. o principe Léon-Jacques, principe da Armenia, de Korikosz, da Georgia, de Lusignan-Rupignac, do Japão, herdeiro presumptivo da coroa da Armenia. Não duvidou invocar a benevolencia de todas as classes da população. Foi o nome de Korikosz, usado por este individuo que poz a policia no caminho da verdade.

Os registros da policia de Berlim, do anno de 1847, contem com effeito, sob o nome de Korikosz, a seguinte nota:

« Korikosz, o pretendido principe e czarewitch da Armenia e da Georgia, neto de Leon VI e official russo. Chegou a 24 do outubro a Bruxellas com um passaporte de S. Petersburgo datado do mesmo anno, e declarou que os seus bens, no valor de 15 milhões, tinham sido confiscados pelo governo russo, mas que havia de receber uma pensão annual de 1:000 ou 1:500 rublos do principe Gortschakoff, ministro da Russia em Stuttgardt. Mas as investigações feitas sobre este estrangeiro provaram que elle não era o que pretendia ser, que os seus bens não tinham sido confiscados e que não havia pensão alguma a receber; que o seu verdadeiro nome era Joannis, seu pai era constructor de navios em Lamarang (Java) e sua mãi Keiwig, uma allemãa. Joannis seguio durante dous annos os curses da Universidade de Leyde e chegou a receber alli o grão de bacharel. De Bruxellas o pretendido Korikosz partio para Inglaterra, onde pedio a patente de ajudante de campo, que lhe negaram. Dirigio-se em seguida a rainha Victoria, pedindo-lhe auxilio debaixo do pretexto que se vira obrigado a abandonar o seu paiz em consequencia de uma conspiração contra o imperador Nicoláo. Obteve assim 1:500 francos. A 2 de julho de 1847 passou por Aix-la-Chapelle, e partio depois para Stuttgardt, onde se demorou alguns dias em um dos principaes hoteis que abandonou com tudo, sem pagar a despeza que tinha feito, para ir habitar em uma casa particular. Não obstante ter o passaporte falsificado, ousou apresentar-se ao principe Gortschakff e sustentar em sua presença o papel de principe armenio. O principe, entretanto, não quiz reconhece-lo como subdito russo, nem dar-lhe dinheiro. O pretendido principe, tendo deixado as suas cartas em Bruxellas, e não conseguindo tornar acreditavel o seu passaporte, foi expulso de Stuttgardt e partio, como disse, para Bade. »

Escrevem ao *Times* da Crimea:

« Os habitantes do lugar de Kareni, que fica a meio caminho entre Balaklava e o mosteiro de S. Jorge, os quaes, durante todo o tempo do sitio de Sebastopol tinham permanecido tranquillos nas suas casas, recebendo quasi sempre rações dos alliados que queriam evitar-lhes os horrores da fome, depois da tomada da praça mostram desejos de serem transportados para algum ponto da Criméa occupado pelos Russos. Deu-se noticia disto ao inimigo, e fizeram-se os necessarios preparativos. Sabbado passado foram embarcados para Kaffa. O principe Victor de Hohenlohe commandava o navio que os recebeu a bordo, e foi acompanhado pelo major Ross, e bem assim, alguns officiaes que iam como amadores.

Como ainda está viva a lembrança de Hango, naturalmente tomaram-se prudentes precauções e observaram-se rigorosamente as formalidades. Chegados á vista de Kaffa, um official russo veio a bordo para tratar do desembarque dos emigrados. Ficou para almoçar, e como alguns Inglezes lhe diziam que estavam persuadidos que não lhes seria permittido desembarcarem, o official respondeu que pensava o contrario, e com effeito desembarcaram. Apenas pozeram pé em terra, viram-se no meio de uma grande multidão, havendo ahi muitos cossacos que vinham reunindo-se precipitadamente.

Os Inglezes foram conduzidos á casa de campo do principe Gagarin, á duas milhas, pouco mais ou menos da praia, e foram recebidos com muita cortezia pelo proprio principe, que he um homem de sessenta annos, pouco mais ou menos, usa de moletas, em consequencia da falta de uma perna que perdeu na campanha do Caucaso. O principe fallou-lhes em francez, e disse-lhes que comprehendia o inglez. Assentaram-se e depois serviram-lhes vinho e fructas que aceitaram.

A conversação esteve mui animada, e se se der credito ao que me disse um official que estava presente, foi até cordeal. Fallou-se alguma cousa da guerra, e referiram-se alguns incidentes do sitio. Durante a conversação, o official russo que estivera a bordo, disse ao principe Gagarin algumas palavras, entre as quaes o official inglez pôde perceber que fallara em Kinburn.

O principe respondeu com uma energica exclamação que os Inglezes não comprehenderam, e logo lhes perguntou quaes eram as ultimas noticias.

« De Inglaterra, responderam-lhe, não ha nenhuma; mas na Criméa ha o ataque e tomada de Kinburn. »

O principe pareceu consternado com esta noticia; mas simplesmente encolheu os hombros e observou que era a *fortuna da guerra*. Contou elle um facto mui curioso, a saber: que a grande explosão do paiol francez na Collina-Verde matara e ferira gente mesmo dentro de Sebastopol.

Quando os officiaes inglezes voltaram para bordo, mandou-lhes uma porção de vinho e de uvas que elles tinham querido comprar antes de saberem que poderiam desembarcar, e pedio-lhes chá em retribuição; mandaram-lhe chá, queijo e outros generos que lhes pareceu que elle aceitaria com prazer. A[illegible]se acabou este episodio pacifico e amigavel. »

Le-se no jornal *La Esperanza*:

« Vão apparecendo noticias importantes, mas em relação ao futuro e não em relação ao passado. Tudo faz crer que as operações serias se concluiram por este anno e mesmo definitivamente na Criméa. A ultima parte da campanha demonstrou que os alliados são impotentes no interior contra a Russia, assim como, que esta não lhes pode resistir na costa senão em muito poucos pontos. Esta situação não pode terminar senão pelo cansasso das duas partes, ou então tomando mais alguem parte na guerra. Os factos que vamos referir provam que os alliados são os que teem mais pressa em acabar, ou obrigar os outros a tomar parte na luta.

Eis-aqui como o *Morning Herald* descreve a situação.

« As duas maiores nações da Europa estão em guerra com a Russia ha dous annos; e que temos feito neste tempo? Quebramos algumas pedras em fortificações insufficientes do Baltico, tomamos uma pequena torre em Kinburn e lançamos os Russos da parte do sul de Sebastopol.

« Eis-aqui quanto temos podido fazer contra este grande imperio que occupa uma terça parte do globo habitavel.

« Se cada dous annos conseguirmos outro tanto, será pelo menos necessaria uma geração para conseguir o nosso intento. A Russia pode sem inconvete perder em cada dous annos um Sebastopol, e cada dous mezes um Bomarsund; de sorte que por este andar nos acharemos no fim de 50 annos no *statu quo*.

« He uma cousa terrivel considerar os resultados illusorios desta campanha de dous annos, que custou sacrificios de homens e dinheiro bastantes para conquistar vastos imperios e derribar gigantescas dymnastias. »

O imperador Napoleão, querendo testemunhar ao general Bosquet toda a sua estima pela gloriosa parte que tomou nos grandes successos da guerra do Oriente envion, a encontra-lo em Marseille, o capitão Morand, seu ajudante de ordens, a entregar-lhe a medalha militar.

—O vapor *Simoon* partio em 31 de outubro de Spithead para Balaklava com o primeiro regimento de infantaria ligeira da legião anglo-allemãa. accidente romanesco, acreditando-se as palavras do *Times*, assignalou a partida dessas tropas. Segunda-feira á noite, diz aquelle jornal, descobrio-se que se achava regularmente alistada no regimento uma mulher franceza, casada com um soldado do mesmo regimento. Deu-se parte ao coronel, que ordenou que a fizesse desembarcar; mas foram taes as instancias da mulher, apoiaram-na tão calorosamente os camaradas do marido, que foi ella autorisada a acompanha-lo como simples soldado. O enthusiasmo foi geral, e o regimento ufanou-se por contar no numero dos seus camaradas esta heroina. Grande numero de pessoas que visitaram o navio ficaram tão maravilhadas do porte marcial desta mulher, que abriram immediatamente uma subscripção em seu favor, a qual produzio mais de vinte libras £; maneja perfeitamente a arma e faz exercicio com a maior pericia.

— Necessario he ir distraindo a imaginação com estas e outras excentricidades, ja que as peripecias da guerra tanto tem de pesado a qualquer luz que e considerem.

Aqui vos remetto uma de inglez, o que lhe basta para ser recommendavel no seu genero, mas por cuja veracidade não respondo. Conta um jornal inglez que n'um *meeting* da sociedade Temperança, um orador fizera o seguinte discurso:

« Meus amigos, ha tres mezes que assignei o meu compromisso nesta associação (signaes de approvação). Um mez depois, era possuidor de uma libra, cousa que nunca me succedera antes (applausos). Passado outro mez, meus amigos, envergava uma boa casaca, cousa que nunca d'antes possuira (applausos phreneticos). Finalmente ha quinze dias, meus amigos, comprei um esquife (signaes de admiração.) Quereis saber para que comprei um esquife? Meus amigos, he porque estou firmemente convencido que se continuo a ser fiel ao meu compromisso por mais 15 dias, precisarei que me mettam no esquife e me levem para o cemiterio (a assembléa conserva-se muda e queda.) »

— O celebre escriptor francez Victor Hugo, ultimamente expulso pelo governo inglez de Jersey era esperado em Madrid no dia 21 do corrente.

— Em Madrid durante o mez de outubro falleceram do cholera 1487 pessoas. Actualmente pode considerar-se extincta a epidemia.

— Um terrivel incendio devorou a cidade de Grass Valley. No dia 14 de setembro ultimo as 11 horas da noite pegou fogo no hotel de França, e lavrou tão rapidamente que em menos de duas horas quasi toda a cidade estava em ruinas. Trezentas e cincoenta casas, occupando 25 a 30 acres de terreno foram preza das chammas. Avalia-se a perda em 400,000 dollars.

Diz o correspondente da *Presse*:

« Foram tentados reconhecimentos sobre muitos pontos, e até houve recontros das avançadas sobre Tchernaia e em frente de Inkerman. Por isso o marechal está vigilante; essa vida pacifica que invadira as coroas do Chersoneso desappareceu succedendo-lhe todo o rigor da ordenanças. Tres vezes, de noite, os piquetes avançados, illudidos pela escuridão quanto ao numero de Russos que marchavam para elles, deram rebate geral, e dentro em meia hora todo e exercito estava prompto para combate.

« As circumstancias são graves, espera-se que sejam decisivas. O marechal promette ja a victoria aos seus soldados; n'uma ordem geral lhes annuncia que cumpre preparar para nova peleja; que os Russos fabricaram grande quantidade de pontes movediças e que breve o inimigo tentará de novo romper as nossas linhas do Tchernaia.

« Todas as correspondencias são conformes em reconhecer que não he admissivel que os dous exercitos possam passar o inverno um a par do outro, separados somente por um rio facil de passar. Seria renovar essa vida penosa das trincheiras, essas sanguinolentas sorprezas que ao inimigo não custaram menos do que aos alliados; e julga-se por todas as apparencias que o marechal não aceitará esta situação.

« Os Russos, pela sua parte, não podem retirar-se sem serem obrigados; he por tanto necessario que a sorte das armas decida novamente entre os dous exercitos. Em geral pensa-se que o exercito russo, sendo o mais inquietado, seja o primeiro a sahir dessa situação; mas presume-se, por algumas palavras significativas do marechal, que está resolvido a ir procurar o inimigo se elle não vier para nós. Tal he em resumo, e segundo informações emanadas de boa origem, o estado das cousas da Criméa.

« Sebastopol continua a ser alvo das baterias do norte. Os bairros mais expostos ao fogo dos fortes Constantino e Catharina desabam diariamente com as balas russas. As nossas baterias respondem com vantagem. Diminuio-se a guarnição da praça para não expor gente inutilmente. Só ha um regimento em Sebastopol; esta guarnição não corre perigo algum, residindo em abarracamentos do bastião do Mastro, cuja distancia mui consideravel a protege inteiramente.

« As coroas das alturas do Chersoneso repovoam-se; espera-se do valle de Baidar o primeiro corpo de exercito.

— De Constantinopla escrevem em data de 29 de outubro, que segundo parece, o sultão tenciona visitar Londres e Paris, e que ja dera parte do seu projecto ao grão-visir e a alguns dos principaes ministros, para que tratem de adoptar as convenientes medidas afim de que esta viagem possa realisar-se. Isto he um boato apenas, por em quanto, he porém certo que o sultão ja por differentes vezes manifestara o desejo de conhecer a Europa. Ora, a occasião não podia ser melhor, pois que os alliados achando-se em força no paiz obstariam a qualquer tentativa contra o throno d'Abdul-Medjid.

Napoleão impera em Londres, quasi como impera em Paris. A terra que blasonava de ser guarida a todos os exilados, converte-se em carcereira do imperador dos Francezes.

Eis o que se lê na *Esperança* jornal hespanhol.

« Varios periodicos inglezes conhecem o ministerio pela expulsão dos refugiados francezes. Ao jornal de Francfort, escrevem de Londres:

A maioria do publico não parece disposta a ver com o antojo do *Times e Morning-Post* a expulsão de 36 refugiados de Jersey.

Por todas as partes se ouve murmurar: *o governo está sob a pressão de Luiz Napoleão*. Este proceder não he inglez. Combatemos no Oriente *contra o despotismo* russo, e mettemos áqui o despotismo francez.

O facto de que o *Moniteur* deu noticia primeiro que nenhum jornal inglez, confirma a humilhante suspeita de que o governo inglez não foi senão o executordo decreto imperial dado em Paris.

Eis-aqui como se exprime Victor Hugo em seu protesto contra o desterro de Jersey:

O golpe de estado acaba de penetrar nas liberdades inglezas. A Inglaterra já chegou a *proscrever os proscriptos*. Um passo mais, e a Inglaterra será um feudo de Napoleão. O futuro qualificará este facto. Nós, colanios tomamos nota; nada mais. Deixando de parte o direito ultrajado, as perseguições de que somas alvo, obrigam-nos a sorrimo-nos. A revolução franceza he eterna; a republica franceza, o direito. Que vale tudo o mais? Que significa esta expulsão? Uma gala mais para o nosso exilio, um rasgão mais para a vossa bandeira.

Depois protesta contra todos os actos de Luiz. Napoleão.

Envio-vos um extracto da correspondencia particular da *Nação*, datada de Londres em 6 de novembro, para terdes occasião de apreciar mais algumas circumstancias que revestiram este acontecimento.

« A questão do jornal *l'Homme* tem-se tornado grave. O proprietario, o redactor e o vendedor desta folha foram expulsos de Jersey.

Os refugiados, residentes na mesma ilha, se tornaram solidarios de seus companheiros e assignaram, em forma de protesto, uma declaração que termina porém uma especie de desafio ao governo inglez. Este irreflectidamente levantou a luva, e a ordem de expulsão se estendeu a 36 signatarios da dita declaração.

« Di-lo-hemos bem alto, o gabinete Palmerston não fez n'isto mais que ser um executor da vontade de Luiz Napoleão.

Determinou esta expulsão, não convencido de que ella fosse necessaria á segurança do throno imperial, mas vendo que havia de ser agradavel ao governo francez; e se quereis uma prova desta condescencia do governo inglez, ei-la:—Foi a 27 que se deu a Victor Hugo a ordem de ser expulso, e com elle os seus companheiros d'exilio, e já a 26 o *Moniteur* francez annunciava o facto. »

Eis na sua integra a *declaração* alludida:

Declaração.

« Tres proscriptos, Ribeyrolles, o intrepido e eloquente escriptor; *Piaucini*, o generoso representante do povo romano; Thomaz o corajoso prisioneiro do Monte S. Miguel, acabam de ser expulsos de Jersey.

« O acto he serio.

« Que apresenta elle na forma?

« O governo inglez.

« Que apresenta na essencia?

« A policia franceza. A mão de Fouché pode calçar a luva de Castlereagh. Isto o prova. O golpe de estado acaba de invadir as liberdades inglezas, a Inglaterra chegou a este ponto: proscrever os proscriptos.

Ainda mais um passo e a Inglaterra será um feudo do imperio francez, e Jersey um cantão do districto de Contances.

« A esta hora partiram ja os nossos amigos. A expulsão está consummada. O futuro qualificará este facto; da nossa parte, limitamo-nos a registra-lo.

« Registamo-lo, nada mais.

« Pondo de parte o direito ultrajado, as violencias de que as nossas pessoas são objecto, fazem-nos sorrir.

« A revolução franceza está em permanencia. A republica franceza he o direito, o futuro he inevitavel, que importa o resto?

« Que significa esta expulsão?

« Luxo de mais para exilio, um rasgão de mais na bandeira.

« Não haja pois equivoco.

« Eis o que nós vos dizemos, nós proscriptos da França, á voz do governo inglez.

« Mr. Bonaparte, vosso *poderoso e cordeal alliado* não tem outra existencia legal se não esta—he accusado do crime de alta traição.

« Mr. Bonaparte está ha 4 annos sob a influencia de um mandado de citação assignado por Hardouin, presidente da Haute Cour de Justice; De La Palme, Pataille, Moreau (De la Seine) Cauchy, juizes; referendado pelo procurador geral Renauard.

« Mr. Bonaparte jurou como funccionario a republica, e perjurou.

« Mr. Bonaparte jurou a lealdade á constituição e quebrou a constituição.

« Mr. Bonaparte depositario de todas as leis, violou todas as leis.

« Mr. Bonaparte prendeu os representantes do povo que eram inviolaveis e expulsou os juizes.

« Mr. Bonaparte, para escapar ao mandado da citação da Haute Cour fez o que faz um malfeitor para se subtrahir a policia—matou.

« Mr. Bonaparte acutilou, metralhou, extreminou, massacrou de dia e fuzilou de noite.

« Mr. Bonaparte guilhotinou Cuisinier, Cirasse, Charlet, culpados de terem auxiliado o mandado.

« Mr. Bonaparte subornou os soldados, subornou os funccionarios, subornou os magistrados.

« Mr. Bonaparte roubou os bens de Luiz Filippe, a quem devia a vida.

« Mr. Bonaparte sequestrou, roubou, confiscou, alterou as consciencias e arruinou as familias.

« Mr. Bonaparte proscreveu, banio, expulsou, deportou para a Africa e para Cayenne, deportou para o exilio 40,000 cidadãos, do numero dos quaes são os signatarios destas declaração.

« Alta traição, juramento falso, perjurio, suborno de funccionarios, sequestro de cidadãos, expoliação, roubo, assassinio, são crimes previstos por todos os codigos, em todos os povos, punidos em Inglaterra com o cadafalso; punidos em França, onde a republica abolio a pena de morte, com as galés.

« A Cour d'Assises espera por Mr. Bonaparte.

« Desde este momento a historia diz-lhe—accusado, leventa-te!

« O povo francez tem por carrasco e o governo inglez por alliado o *crime—o imperador*.

« Eis o que vos dizemos. Eis o que diziamos hontem, o que toda a imprensa ingleza dizia comnosco.

« Eis o que diremos amanhãa, e o que a posteridade repetirá tambem comnosco. Eis o que diremos sempre nós, que não temos senão uma alma que he a verdade, e uma palavra que he a justiça.

« Agora, expulsai-nos.—Jersey 17 de outubro de 1855.

« Victor Hugo.—J. Chabagne.—Tulbermartin, advogado.—Coronel Sandor Teletti.—E. Beavais Bonnet.—Duverdier.—Kesler.—Arsène Hayes.—Albert Barbieux.—Koumillac, advogado.—A. C. Wiesener, antigo official austriaco.—Gornet.—Charles Hugo.—J. B. Amiel (de Ariege) Francisco Victor Hugo.—F. Tafery.—Théofile Guerin.—Francisco Zichon.—B. Colin.—Eduardo Colin.—Eduardo Collet.—Kozzell.—V. Vincent.—A. Piasecki.—Giusepperaneau.—Lefebure.—Barbier, Dr. medico.—Dr. Franck.—Eduardo Biffi.—Bouilard.—Deville, Dr. medico das faculdades de Paris, membro do Collegio real de cirurgiões de Inglaterra.—Fombertaux, pai.—Fombertaux, filho.—C. A. Chardenal.—Papouski.—H. Preveraud condemnado á morte em 2 de dezembro.—Zeno Swietoslawyhi. »

A celebre carta de Felix Pyat a rainha de Inglaterra, anterior ao começo desta correspondencia, não vô-la envio, por me persuadir que a deveis já ter visto, e mesmo publicado para conhecimento dos vossos leitores.

M. M. Felix Pyat, Rouger, e Jourdain, autores da carta á rainha de Inglaterra, acabam de pedir que os tornem responsaveis, nos seguintes termos:

« A. M. redactor do *Times*.

« Monsieur.—O ministerio inglez em consequencia da expulsão dos refugiados de Jersey fez-se Bonapartista, commetteu ao mesmo tempo um acto de iniquidade e covardia; de covardia, porque não ousando, ou não podendo chegar aos autores da carta, protegidos em Londres pela lei geral, tornou-se aos nossos amigos de Jersey, que pretende acharem-se collocados em uma posição excepcional;—de iniquidade, porque ferio, como se diz, ao innocente em vez do culpado, se se podem chamar culpados homens que usaram de um direito incontestavel, expondo ao povo inglez os perigos da sua alliança com Bonaparte.

« Os membros da communa revolucionaria residentes em Inglaterra reprovam esta pena arbitraria inflingida a outros que não sejam elles, que reclamam a sua plena e completa responsabilidade. »

—Responderá o gabinete a este desafio por meio d'um processo crime? He o que parece muito duvidoso, e portante pesará ainda sobre elle a incriminação de perseguir e punir em Jersey alguns refugiados por um facto que não se atreve a perseguir em Londres.

—Fez-se em Paris no dia 15 o encerramento de exposição universal, e a distribuição dos premios pelo imperador, com a maior solemnidade.

—Sahio a confirmação official de Sr. William Codrigton para general em chefe do exercito inglez da Criméa.

—Um acontecimento que indirectamente está ligado á guerra do Oriente he a missão do general Canrobert junto dos reis da Suecia e Dinamarca. Duvida-se geralmente que elle possa leva-los á quebrar a neutralidade em que se conservaram até agora.

—Está imminente em Londres uma questão entre os donos das fabricas e os operarios, em consequencia de uma reducção de salario, feita pelos primeiros.

A opinião publica tem-se alli pronunciado altamente contra a expulsão dos refugiados francezes. Tem havido numerosos *meetings* n'este sentido.

Em Hyde-Park tem continuado as reuniões populares por causa da carestia dos cereaes.

— Trata-se de uma exposição universal em 1859 em Vienna. Parece que os planos do architecto ja foram approvados pelo imperador Francisco José. Este architecto he Mr. Forster professor da academia das Bellas-Artes de Vienna, constructor do grande arsenal da mesma cidade, e recentemente commissario na exposição universal de Paris onde foi mandado pelo imperador por causa do projecto em questão.

— Mademoiselle Rachel, diz a *Presse*, abandonou New-York em 21 de outubro para se dirigir á Boston onde continua as suas representações. Antes de sua partida offereceu 400 dollars a caixa da sociedade franceza de beneficencia, e igual somma aos israelitas. O New-York — Herald termina assim o seu artigo sobre a ultima representação da insigne tragica: — Para dar uma idéa do successo de Mademoiselle Rachel entre nós diremos tambem que as as recitas das 24 representações se elevaram a somma de 432:820 francos, dos quaes ella deve ter recebido 150:000.

— Entraram tambem neste porto, diz o correspondente da *Presse* em New-York dous navios *Relase e o Artic*, que em 30 de maio ultimo tinham tomado rumo para as regiões polares, cuja viagem foi coroada do mais feliz successo. Expedidos pelo almirantado americano em busca do Dr. Kane, que em 1853 tinha embarcado no *Advance* em demanda de Sr. Franklin e de seus companheiros, encontraram o Dr. Kane e os da sua comitiva excepto tres homens, sãos e salvos prestes a fazer se de vela para Inglaterra n'um navio dinamarquez. O Dr. Kane deixou o seu navio no meio dos gelos, e depois de ter percorrido 1,400 milhas sobre neve chegou a 82° 30' de latitude. Não encontrou vestigio algum de Sr. Franklin; e ainda que junto do polo o mar estava desembaraçado de gelos n'uma grande extensão, não pôde certificar-se da existencia da famosa passagem do norte, preoccupação constante de todos exploradores destas regiões. Lisonjea-se mui to do acolhimento que os Esquimos lhe fizeram e a todos os seus, e falla das diversas feitorias dinamarquezas que encontrou. Quanto ao numero de novas bahias, plagas desconhecidas, e cabos sem nome, que descobrio, e de que a imprensa americana tão accessivel a hyperbole faz um catalogo immenso deve-se esperar pelo relatorio exacto, que o corajoso navegador não deixara de apresentar para interesse da sciencia e da geographia.

Escrevem de Constantinopla ao *Moniteur* de Paris. O governo ottomano acaba de adoptar uma medida ha muito tempo reclamada pelos navegadores.

A Porta encarregou o capitão Michel, pertencente a administração das *Messageries* imperiaes de collocar nas costas da Asia e da Europa desde os Dardanellos até ao mar Negro uma serie de pharoes, que permittirão aos navios passar os estreitos e reconhecer as terras, a que a approximação se tornava excessivamente perigosa por falta de semalhantes signaes. O capitão Michel está empenhado em executar os trabalhos, e fazer collocar os apparelhos antes do mez de janeiro. Mais tarde os pharóes serão generalisados, e tudo nos faz esperar que antes de alguns annos as costas do imperio e as ilhas do archipelago turco não apresentarão ja os perigos, que as marinhas militar e mercante tanto tem temido. He sobre modo louvavel esta determinação do governo ottomano, porque tendo a evitar os numerosos sinistros, que todos os annos affligiam o commercio europeu, tão activo nesta parte do imperio.

— Encontrou-se perto de Calw (Wurtemberg) uma medalha de ouro commemorativa da tomada de Jerusalem no anno 70 da era christãa. Esta medalha, do tamanho de uma peça de dous francos, tem a effigie de Vespasiano com a inscripção seguinte « Vespasianus, Rom., Imp., Aug. » Debaixo da effigie vêem-se as duas lettras S. C. O reverso da medalha tem gravada uma palmeira e duas figuras uma das quaes está sentada e a outra em pé, a legenda he —Judéa capta. Outra medalha semelhante a esta, mas não de ouro, tinha sido descoberta, ha dous annos, em Liebenzell.

— Um jornal inglez conta a seguinte anecdota romanesca, possivel, mas pouco provavel, contada por um soldado do exercito da Crimea a um seu amigo; eis o caso;

« Um destacamento de soldados de diversos regimentos, depois da tomada de Sebastopol, foi mandado dar busca ás casas, tomando conta do que por la encontrassem.

N'uma casa depararam os soldados com uma formosa menina de 17 a 18 annos de idade. Para a livrar de qualquer insulto, um soldado ainda mancebo, do regimento 18°, constituio-se seu protector e ameaçou fazer saltar os miolos aquelle que se atrevesse a insulta-la. Desde então a bella captiva, grata ao seu defensor, acceitou a protecção que elle tão generosamente lhe offerecera, e acompanhou-o ao acampamento. De balde o soldado quiz persoadi-la a que voltasse para a cidade, ella por forma alguma quiz annuir as instancias do soldado.

O soldado foi castigado por estar ausente, achando-se o regimento em armas; a joven russa acompanhou o seu libertador á prisão, pedindo em altos brados que a não separassem delle.

O coronel commovido com tão extraordinarias provas de affecto, perdoou a prisão ao soldado e mandou apresentar o interessante par ao general Harris.

Procurou-se um interprete, ao qual a formosa russa contou a sua historia. He filha de um general, possuidor de uma fortuna de muitos milhões de rublos. Trazia um relogio de ouro e uns braceletes riquissimos. O soldado casará com ella, que não quer absolutamente separar-se delle. Ora eis-aqui um soldado afortunado!

O *Moniteur* de 14 publicou o seguinte officio do genaral Pelissier:

Quartel general em Sabastopol, 2 de novembro. — Sr. marechal. — Ja informei a V. Exc. que pelo meiado de outubro, mandei para Eupatoria a divisão de infantaria do general Failly. O general Simpson tambem fez embarcar com o mesmo destino a brigada de cavallaria do lord Paget. Este reforço devia permittir ao general d'Allonville, reconhecer as disposições do inimigo nas duas direcções de Perekop e Simpheropol, molestar a linha de communicações que liga estes dous pontos, e alargar em caso de necessidade, porem com a maior prudencia, a sua acção em redor de Eupatoria. Para o habilitar a avançar por esta arida zona, quasi desprovida de agua, enviaram-se-lhe de Kamiesch transporte, como bombas e todos os engenhos necessarios para aproveitarem os raros poços do paiz.

No grande reconhecimento realisado de outubro do que ja tive a honra de enviar a participação a V. Exc. o general de Allonville convenceu-se de que era ao sul, que o inimigo formava os seus pontos de concentração.

Para se certificar completamente disto, o general partio de Eupatoria na manhãa de 27 de outubro, com 24 batalhões do general de Failly e do Muchir Ahmed-pachá, 38 esquadrões inglezes, turcos e francezes, e 56 peças de artilharia.

Tendo chegada a Sak as 2 horas da tarde, e tendo na sua frente apenas uma linha de cossacos apoiada por poucos esquadrões, o general de Allonville postou em escallam as divisões francezas e turcas pela direita na frente de Sak, apoiando a direita sobre um desfiladeiro abaulado, perto desta povoação, e com o grosso de cavallaria e artilharia montada, avançou para Tchebotar, pouco mais ou menos legua e meia para além.

Os esquadrões inimigos continuavam a retirar seguindo a estrada de Simpheropol, e quando a nossa cavallaria chegou a 1,500 metros das possessões que cobrem o ponto onde essa estrada atravessava o desfiladeiro de Tchehotom, os Russos desmascararam 30 peças de grande calibre (32), cujas balas vinham cahir sobre toda a nossa linha, matando-nos 4 homens e ferindo 18. O general de Allonville diligenciou attrahir ao combate a numerosa cavallaria do inimigo. Mandou avançar pela nossa esquerda quatro esquadrões turcos contra 10 esquadrões russos, os quaes se retiraram.

O inimigo não se atrevendo ou não querendo aceitar batalha, o general de Allonville julgou não dever atacar fortes posições defensivas, unicamente com a cavallaria. O dia estava passado. O general resolveu reunir-se a infantaria, e bivacar n'uma posição segura, coberta a sua frente pela povoação de Sak, e os seus flancds pelos dous lagos proximos.

Alguns navios ligeiros, francezes e inglezes, ancoraram perto da praia, estavam promptos para apoiar as forças de terra, se fosse necessario, porém o inimigo não atacou.

Era provavel que os Russos á vista desta demonstração, tivessem reunido todas as forças disseminadas pelos pontos vizinhos, para acudirem em defeza do ponto ameaçado. Para melhor apreciar as forças e os planos dos Russos, o general de Allonville resolveu avançar no dia 28 sobre o desfiladeiro inferior de Tchebotar, foi confiado á defeza da infantaria turca e egypcia do muchir Ahmet-Pachá, o general de Failly postou-se com a sua divisão a uma legua para a frente, e o general de Allonville com a brigada de cavallaria ingleza da lord Paget, a cavallaria turca de Ali-Pachá, e a cavallaria franceza as ordens do general Walsin-Esterhzg avançou para leste, seguindo a direcção entre Temesch e Dianimi, torneando as posições dos Russos.

Os esquadrões inimigos mostraram-se pela nossa direita e avançaram sem nos incommodarem, ainda que a nossa cavallaria estava a duas leguas da infantaria. Nestes movimentos os Russos mostraram pouco mais ou menos 60 esquadrões, e foi possivel distinguir obras de terra e tropas reunidas do lado de Toulut e Aich. Depois de ter em vão por differentes manobras forcejado por trazer a cavallaria inimiga á planicie, o general de Allonville, o qual se achou agua em Lez, para aquem de Toulat, retirou pelo meio dia para a infantaria do general de Failly, e a tarde, sem ter sido seguido, chegou ao seu bivac em frente de Sak.

Os poços de Sak estavam quasi exauridos, não se encontrou agua para metade dos cavallos, porém o objecto principal da operação, que não era dar uma batalha, mas fazer um reconhecimento sobre o exercito inimigo deste lado, foi levado a effeito. O general de Allonville voltou no dia seguinte, 29, para Eupatoria, depois de haver reconhecido que deste lado, como de todos os outros da praça, o inimigo se retirara, e que dentro de um raio de sete ou oito leguas, o inimigo fizera abandonar pelos habitantes as povoações, e que o exercito russo não tinha uma só barraca neste ponto.

Sou, etc.—*Pelissier*.

— Victor Hugo.—Este grande engenho, o primeiro poeta lyrico deste seculo, expulso ha pouco de Jersey pelo governo inglez, he effectivamente esperado em Madrid, e não deixara' de certo de visitar Lisboa e as nossas provincias, porque sabemos que Portugal he um paiz que o prodigioso escriptor francez deseja conhecer.

Bem vindo será.

Trieste, 15 de novembro.

Noticias de Trebizonda, em data de 1 de novembro annunciam que os Russos tem dirigido de Kars sobre Alexandropol o grosso de suas bagagens, o que parece indicar que vão levantar o bloqueio de Kars.

Os sitiados tem conservado a liberdade de suas communicações, 8,000 Turcos marcham sobre Kuthais.

Assegura-se que os Russos evacuaram ja Kittais e que se retirara para Tefiles.

O duque dem[illegible]ewcastle partio, no primeiro de novembro, de TrebNzonda para Constantinopla.

Conig-berg, 16 de novembro.

A linha telegraphica de Simpheropol a Nicolaieff e San Petersburgo esta' aberta e funcciona neste momento.

Hamburgo, 16 de novembro.

O contra almirante Menaut, com os navios francezes *Tourville* e *Duquesne* entram no porto de Kiel, vindo do Baltico.

Le-se no jornal de Madrid:

« Todas as cartas da Crimea chegadas pelo ultimo correio de Constantinopla parecem indicar que a campanha não será ainda terminada, o que se julga pelo grande movimento de tropas que entram nos seus acampamentos de Tchernaia. Sabe-se pelos desertores, que os Russos, na impossibilidade de manter-se durante o inverno nas posições que occupam, tem tenção de se retirar, mas que para justificar este movimento, vão tentar uma batalha, e que estavam dispostos a atacar os alliados. Por mais inverosimil que pareça esta supposição, he de alguma maneira confirmada pelos relatorios dos espiões do quartel general. Os Russos fazem effectivamente grandes preparativos no seu campo, e reunem quantidades prodigiosas de polvora que mandam vir de Sempheropol. Tudo annuncia emfim a decidida resolução de tomar a offensiva: espera-se mesmo que isto não tardará muito, e que devem por-se em marcha nos ultimos dias de bom tempo. A parte do sul de Sebastopol he ultimamente inquietada pelo fogo das baterias e pelo do forte do norte. Convencem-se da necessidade de expulsar o inimigo de uma posição que se torna impossivel para os alliados, e logo que chegue o inverno será indispensavel o poder abrigar confortavelmente o maior numero de homens, acreditando-se que tinham sido tomadas todas as disposições pelo marechal Pelissier para chegar a este fim. São estas sem duvida as probabilidades de ataque de que fazem mensão a maior parte das cartas da Crimea, e que fizeram nascer o boato que se espalhou em Paris da tomada do forte Constantino. Este boato não se confirma.

As noticias pacificas cessaram: ao contrario he questão ja decidida o plano de campanha da primavera proxima, que consistirá em ferir a Russia no coração. Os esforços das potencias alliadas, dirigir-se-hão principalmente sobre San Petersburgo e Cronstadt.

He provavel que uma expedição que parta de Finlande, de accordo com a Suecia, faça parte deste plano. Diz-se até que he possivel de costear Cronstadt, e subir o Newa com chalupas canhoneiras que demandem pouca agua. A capital do imperio russo corre os mesmo risco que Sebastopol. Póde ser que os vastos preparativos de que a Russia se vê ameaçada, a decidam a pedir a paz da qual tem tanta necessidade.

— Um navio a vapor da marinha real sarda, *Carlos Alberto*, foi obrigado por causa do máo tempo, a arribar a Messina, vindo da Criméa. Os habitantes da cidade aproveitaram esta occasião para testemunhar os seus sentimentos de amisade aos soldados piemontezes, e uma deputação de mancebos foi a bordo do *Carlos Alberto* para convidar a jantar o commandante do navio, os officiaes e os feridos ou invalidos que voltavam ao Piemonte.

O commandante agradeceu á deputação, mas declarou que por razões de conveniencia, não podia aceitar o convite. He inutil ajuntar que a policia siciliana ficou em alarma a' vista destas demonstrações, e com tudo não havia nenhuns ameaços de inquietação da ordem publica.»

— O *Times* tratando de se ter dito que a guerra actual só acabara' quando uma das partes belligerantes estiver exausta de recursos, e referindo-se á Russia diz o seguinte:

« Os dados sobre que o podemos fundamentar, diz o jornal inglez, são muito vagos; ignora-se que gente e que recursos militares posse esse immenso imperio, que só conhecemos pelas narrativas dos viajantes que mutuamente se contradizem.

Os jornaes do continente publicam muitas vezes correspondencias que pintam como mui lastimosa a situação interna da Russia, mas nós estamos convencidos que essas correspondencias não vem do correio de San Petersburgo. Estamos seguros de que o czar póde pelo menos sustentar perfeitamente a proxima campanha.

Isto não pode contestar-se, e poderemos contar que as forças da Russia ficarão gastas, se ganharmos todas as batalhas de 1856. Porém como esta questão anda na bocca de todos, examinemo-la.

Diz-se que a Russia tem falta de soldados, de dinheiro, de provisões e de meios de transporte. Até hoje os nossos soldados que teem estado a braços com os Russos não deram por esta falta.

Os Russos são como enxames de abelhas: teem perdido talvez desde o principio da guerra, 300:000 homens, e os seus regimentos teem sempre o mesmo numero de soldados. He verdade que esses 300:000 homens eram soldados aguerridos e desaforados, e que o czar difficilmente os substituirá.

No que toca á falta de provisões não podemos admitti-la. Diz-se que o paiz estava exhausto pelas requisições forçadas para a alimentação e sustentação do exercito. O de que pode haver falta em certos pontos, he de cavallos e de bois, que ha 15 mezes são requistados para os transportes de provisões para o sul. Porem os cereaes e as forragens abundam por toda a parte. Essas vastas provincias que todos os annos preenchiam o defficit das colheitas da Europa, não podem exhaurir só com a alimentação de um exercito por muito numeroso que elle seja.

O nosso correspondente nos diz, que subindo o liman do Dieper, ficou pasmado ao ver as planicies ferteis e cultivadas, a grande accumulação de cereaes, os magnificos casaes, e os bellos rebanhos que de um e outro lado do rio se perdiam á vista. Estamos convencidos que he esta a situação geral da Russia meridional. Esperamos portanto que não ha que ver os Russos passarem o Belbeck por falta de viveres. A victoria e não a fome he quem ha de expulsa-los.

Emquanto aos recursos financeiros, he possivel que a Russia comece a ter falta de dinheiro, mas abunda em todos os recursos da guerra. O seu territorio produz todos os generos de que um paiz pode carecer, tanto na paz como na guerra.

Parece-nos que não ha necessidade de insistir nestes differentes pontos; basta que tenhamos demonstrado que he uma vaidade ridicula confiar que se esgotem os recursos do inimigo. Mais vale contar com a nossa coragem, com os nossos esforços e o valor dos nossos soldados.

Um boato mais que grave acaba de chegar da America do Norte. Os Estados-Unidos desejam realmente o papel de medianeiros entre a Russia e o Occidente. He possivel que a Russia veja esta mediação com bons olhos, porém não sabemos até que ponto possa ser aceita pela França e Inglaterra. A desavença entre esta ultima potencia e o gabinete de Washington não se aggravou. O boato que correra de uma carta credencial ao ministro americano em Londres, com a faculdade de se servir della em caso de necessidade, não he exacto; e espera-se que este conflicto se arranje amigavelmente.

O mundo diplomatico occupa-se muito com a missão do general Canrobert. Sabe-se que o general foi recebido com grandes honras pelo rei da Suecia, e com muito enthusiasmo pela população. He provavel que o mesmo acolhimento se lhe faça em Copenhague, onde deve levar uma carta autographa do imperador ao rei de Dinamarca em resposta a dupla missão do general Mourier, e do camarista de Berling. O general deverá estar de volta em Paris no fim do mez. Qualquer comentario sobre a sua viagem he por ora prematuro.

Hespanha.—No dia 18 verificou-se a abertura do curso academico de 1855—1856 na universidade central de Madrid. S. M. honrou este acto com a sua presença, estando tambem presente o arcebispo de Toledo, os ministros da corôa, os Srs. Martinez de la Rosa, San-Miguel, e muitas outras pessoas de consideração.

Foi nomeado inspector geral da milicia nacional o tenente-general D. Valentin Ferraz.

O general D. Evaristo S. Miguel foi tambem nomeado commandante dos allabardeiros, e elevado a grande de Hespanha de primeira classe, com o titulo de duque de San-Miguel.

L.

PERNAMBUCO.

REPARTIÇAO DA POLICIA.

Parte do dia 22 de dezembro.

Illm. e Exm. Sr.—Levo ao conhecimento de V. Exc. que das differentes participações hoje recebidas nesta repartição, consta que se deram as seguintes occurrencias:

Foram presos: pela delegacia do primeiro districto deste termo, o marujo inglez Charles Lucas, por haver pisado a um menor com o cavallo em que ia montado, do que resultou ao dito menor ferimentos e contusões

Pela subdelegacia da freguezia do Recife, os pretos escravos Manoel e Ivo, este por briga, e aquelle por fugido.

E pela subdelegacia da freguezia de Santo Antonio, a preta escrava por ferimentos.

Deos guarde a V. Exc. Secretaria da policia de Pernambuco 22 de dezembro de 1855.—Illm. e Exm. Sr. conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo, presidente da provincia.—O chefe de policia, *Luiz Carlos de Paiva Teixeira*.

—24—

Illm. e Exm. Sr.—Levo ao conhecimento de V. Exc. que das differentes participções hontem e hoje recebidas nesta repartição consta que se deram as seguintes occurrencias:

Foram presos: pela delegacia do primeiro districto deste termo, o pardo Manoel Januario, por ebrio e suspeito de ser criminoso no termo do Cabo.

Pela subdelegacia da freguezia do Recife, os portuguezes João Gomes da Costa, por desordem, e Joaquim José de Mesquita, por ferimentos.

Pela subdelegacia da freguezia de Santo Antonio, Manoel de Paiva, por ebrio, e o boleeiro José Maria Cardozo de Souza, por haver pisado com o carro a uma mulher.

Pela subdelegacia da freguezia de S. José, o pardo escravo Manoel do Nascimento, e a preta Narcisa Maria, ambos por briga, Firmino Herculano dos Santos, por desordem, e a preta escrava Benedicta, á requerimento do senhor.

Pela subdelegacia da freguezia da Boa-Vista, o pardo Herculano Leopoldino da Silva, por suspeito de ser escravo fugido.

Pela subdelegacia da freguezia dos Afogados, Francisco Camello da Silva, por furto de cavallos, Miguel Filippe de Mello, em flagrante por crime de furto, e o preto escravo Luiz, por ferimentos.

E pela subdelegacia da freguezia da Varzea, o pardo José Fidelis, por suspeito de ser criminoso de morte.

Deos guarde a V. Exc. Secretaria da policia de Pernambuco 24 de dezembro de 1855.—Illm. e Exm. Sr. conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo, presidente da provincia.—O chefe de policia, *Luiz Carlos de Paiva Teixeira*.

VARIEDADES.

Mr. Barral transcreve nas columnas do seu *Journal d'Agriculture Pratique*, um artigo notavel e curioso do celebre Mr. Biot, membro da Academia das Sciencias em França, publicado no *Journal des Savants* como titulo « A Agricultura e a Sciencia. »

Neste escripto são combatidos os systemas dos notaveis chimicos Mrs. Liebug, Boussingault e Pryeu, na parte em que as suas theorias peccam por excessivamente absolutas. Suppõe Mr. Barral que, os que vieram depois destes sabios illustres, e que teem procurado explicar e propagar a palavra dos mestres, — são os unicos culpados das exagerações e erros que he forçoso destruir.

Damos em seguida a traducção do artigo de Mr. Biot. Pelo interesse que encerra, que os nossos leitores poderão apreciar, contamos obter indulgencia para com as incorrecções, que, por ventura, possam escapar neste nosso rapido trabalho.

D. J. de Alarcão.

A agricultura e a sciencia.

Talvez que nunca se fizesse entre nós tanta agricultura oral e legal. Desta nada tenho a dizer ressacra! Quanto a outra, he tanto mais permittido fallar, quanto o seu fim principal he, julgo eu, que della se falle. Colloco nesta cathegoria aquella que estimaveis sabios fazem especulativamente no seu gabinete, sem haver carencia de prender-se ás minucias da pratica; e ainda, com titulos mais notaveis sem duvida, a que nos revelam, de tempos a tempos, esses Christovãos Colombos da arte rural, inventores de vegetaes gigantescos ou de estrume concentrado em garrafas que, por um *nada*, vão enriquecer infallivelmente os cultivadores (1). Por um lado temos a gloria, pelo outro o proveito; mas para o publico o resultado he quasi o mesmo. Depois dos infortunios de *L' Homme aux quarante écus*, ao principio meio arruinado seguindo as prescripções agronomicas de um illustre academico, depois perdendo o resto do seu dinheiro crendo em outro que lhe promettia que com um avanço de 4,000 francos, arranjava 4,000 libras de renda em alcachofras, tem revisto perpetuamente, as mesmas promessas, e os mesmos effeitos reproduzirem-se sob mil formas diversas, com um augmento sempre novo.

Quer isto dizer que os sabios juraram a perda dos praticos? Não, de certo. Pretendem, podem effectivamente fornecer-lhes noções infinitamente uteis sobre a natureza do solo e dos adubos proprios a fecunda-lo, sobre a organisação dos animaes e dos vegetaes, sobre a composição chimica dos seus productos e do modo de alimentação mais conveniente para augmentar a quantidade e a qualidade. O mal está em que estas descobertas só se obtem progressivamente uma apoz outra, e que cada uma no momento em que se annuncia, he apresentada quasi sempre como uma panacêa absoluta, infallivel, universal, não tardando todas ellas a ser contestadas e desmentidas por investigações ulteriores no que ellas tinham de exclusivo. Por exemplo; os agronomos julgaram quasi geralmente que a fertilidade das terras depende sobretudo desse composto complexo e pouco estudado que se chama vulgarmente *terrico* ou *humus* (2).

O interesse que excitam hoje no publico os problemas agricolas atrae sobre este objecto a attenção de um chimico justamente celebre, que talvez nunca cultivasse uma polegada de terra. A analyse comparativa dos vegetaes lhe faz ver que conteem todos, em grande proporção, os mesmos elementos que existem no estado gazoso na athmosphera, elementos que as plantas deveram appropriar-se pela acção da vida. Ve-os ahi constantemente associados com substancias mineraes constituidas sob a forma de saes, tanto soluveis como insoluveis, os quaes concorrem todos para a assimilação dos gazes, favorecem-n'a e são mesmo indispensaveis para a existencia do vegetal. Ora, quando este ultimo entra no alimento dos animaes, leva-lhes os elementos constitutivos dos ossos, do sangue, da carne, não somente reunidos, mas já preparados e grupados quasi como devem estar para passar ao organismo animal, que deste modo só tem que fazer a sua reparação, e appropria-los por uma ultima elaboração.

Depois disto, o que temos a fazer parece mui facil. Uma vez que a fonte dos principios gazosos se apresenta naturalmente indeffinida e inexgotavel na athmosphera, evidentemente só nos resta fornecer ás plantas, em abundancia, esses saes mineraes que as completam e que excitam a sua acção absorvente. Não precisam mais nada. Com o emprego dos saes, os seleiros transbordarão. Eis todo o mysterio da fertilisação e do adubo revelado. O humus não passa de um accessorio: he, na verdade, um reservatorio donde a planta poderá extrahir uma util provisão de acido carbonico, se fôr convenientemente excitada: porem he sobretudo um espaço livre e movel onde poderá estender-se, e pôr de reserva os principios ulteriormente necessarios ao seu desenvolvimento.

Tal he, em resumo, o brilhante systema que um dos experimentadores mais distinctos da nossa época annuncia aos lavradores. Tendo este fallado e colhido os applausos que obtem sempre uma doutrina scientifica que parece resolver uma grande questão natural, apresentam-se outros chimicos, do mesmo modo habeis, e que viram de mais perto as praticas agricolas. Então, eis-nos bem distantes de concordar! A seus olhos os saes mineraes e o humus teem alguma utilidade. Mas o principio fertilisante fundamental, universal, he o azote; e o valor relativo dos estrumes deve medir-se pelas quantidades absolutas que elles contem combinadas, ao menos supõe-se, com a sua aptidão em fornecer-lh'os. Assim uma simples tabella numerica, calculada sobre a sua dosagem em azote, exprimira as suas relações de efficacia. Portanto he a procurar este principio e a fixa-lo que deverão applicar-se; tudo depende disto. He ter unicamente o cuidado de empregar bastante; os cereaes produzirão copiosamente. Isto dá a questão uma face diversa. Que se deve crer? Eis os espiritos suspensos e incertos entre estas duas graves autoridades.

Uma academia do departamento, mais proxima que outras das idéas praticas, a de Rouen, propõe a discussão comparativa das suas doutrinas como assumpto a obter um premio. O autor he ainda um habil chimico, menos celebre talvez que os precedentes, porém mais livre, não se havendo pessoalmente engajado em systema algum. Analyzes precisas e rigorosas lhe fazem ver que uma e outra opinião he justa, quanto á causa particular de fertilidade que assignala; mas que ambas ellas são inexactas no que teem de absoluto e exclusivo. De maneira que o azote, os saes e o humus concorrem simultaneamente para a efficacia da producção, por meio de reacções mutuas extremamente complexas que será necessario seguir e apreciar cuidadosamente nos seus detalhes para comprehender e prever o effeito total que deve resultar dellas. Em summa, a questão que se julgava resolvida tem de estudar-se por novos trabalhos, e a sua solução final parece dever ser muito menos simples e menos proxima do que se havia esperado. A conclusão, tão exacta como parece ser, não he lisongeira, e fará provavelmente menos bulha no mundo scientifico do que fazem os systemas exclusivos de que ella descobre a parte vulneravel.

Agora, como admirar-se que o homem do campo, o verdadeiro cultivador, seja surdo a estes preceitos contradictorios, e não cuide, sequer, em experimenta-los? Nisto não se mostra falto de intelligencia; ao contrario, tem juizo. A experiencia deve ter-lhe ensinado, ás vezes bem asperamente, que intendencia d'uma exploração agricola he essencialmente uma empreza financeira mui complexa, e sobremaneira perigosa. Para caminhar bem, que digo eu, para não encontrar ahi a sua ruina, deve, á pratica da cultura, juntar todes as qualidades d'um negociante: a actividade, a ordem, a economia, o conhecimento da sahida favoravel ou desfavoravel nos mercados que estão ao seu alcance, a previsão das circumstancias proximas que farão subir ou descer os preços de tal ou tal genero, para ampliar a proposito a producção ou diminui-la. Emfim, deve saber proporcionar prudentemente as suas especulações aos habitos physicos e moraes da população de que dispõe como instrumentos de trabalho manual. Já he bastante prover a tantas cousas urgentes, certas, necessarias, sem se lançar em azares theoricos. Por exemplo: como principio geral aconselhais-lhe a cultura em grande das raizes para variar o seu afolhamento, augmentar o numero dos animaes, e acrescentar a massa dos estrumes. Tudo isto seria, com effeito, muito para desejar. Mas, supponde-lhe bastantes capitaes disponiveis para adiantar as despezas de mão d'obra consideraveis que estas culturas exigem, se a população circumvisinha não está desde muito tempo costumada, e se ella não conhece o dever que impõem as obrigações contratadas, o que he cousa commum em França, ei-lo gravemente compromettido. Faltem os trabalhadores uma só vez de vir sachar os seus campos no momento prescripto, tardem alguns dias em effectuar a ceifa, toda a colheita ficará em perigo, e pode perder-se inteiramente; não só esta, mas a seguinte, se a estação se acha muito adiantada para as lavras e sementeiras que devem succeder. Em taes circumstancias o lavrador prudente tratará de tornar-se, o mais possivel, independente dos braços auxiliares. Cultivará cereaes e prados artificiaes, que não exigem mais do que sete lavras executaveis por cavallos (3). Então o theorico volta á carga. Ao menos abjurai as vossas rotinas. Cobri a terra de semeadas perpetuas, não a deixeis nunca inutil; renunciai ao improductivo pousio. He muito bem dito. Mas, sem pousios parciaes, em que se occupará o gado de serviço no intervallo das colheitas? E comtudo os animaes de trabalho precisam ser constantemente alimentados para que estejam promptos, e possam trabalhar sem demora em tempo opportuno. Todas estas necessidades se acham ligadas como os fios d'uma tea que se não devem despedaçar. Julgar-se-ha por isto que eu quero vituperar ou desconsiderar as indagações puramente scientificas e especulativas que se applicam á agricultura? Estou muito longe d'isso. Olho-as, ao contrario, como podendo, como devendo ter no futuro consequencias mui importantes e muito uteis para as applicações. Mas penso e estou firmemente convencido que estes bons effeitos não poderiam obter-se pela transmissão immediata das vistas theoricas, *á massa dos agricultores*. Haveria para elles muito perigo em segui-las. He mister que sejam previamente estudadas, ensaiadas, e, se ouso dize-lo, elaboradas n'um meio intermediario donde se propaguem até elles, pelo resultado, e pelo exemplo, sem precisão de conselho. He o que podem fazer com tanto fructo como prazer os proprietarios, não somente ricos, mas abastados, que teem o bom senso ou a ventura de passar uma parte do anno nas suas terras. Em lugar de vegetar ahi na inutilidade de uma vida ociosa, imittem as altas classes da Inglaterra, da Escocia, e o pequeno numero de homens esclarecidos, que entre nós começaram a entrar nesta via. Reservem para experiencias a exploração d'uma parte restricta das suas fazendas, onde possam ensaiar em pequeno, com diminutas despezas, as innovações mais essenciaes que a sciencia propõe. Nestas condições uma experiencia isolada que falharlhes, causará pouco prejuizo, e previnirá para outros graves erros. No caso d'um bom successo havera pressa em imita-los. O bem propagar-se-ha immediatamente. Se me disserem que isto he ainda uma utopia scientifica, erram. Pelo espaço de dezesete annos preenchi este officio de experimentador, no centro d'uma população laboriosa, n'um valle delicioso que me pertencia. Procurava, para minha reputação, não cahir em muitos erros, e tinha tambem melhores cereaes do que ninguem. Os campos alli se vestem ainda de culturas que para la importei, e o que foi então pera mim um divertimento, me ministra hoje agradaveis lembranças. Ha frequentes vezes muito trabalho e desgosto para obter menos. Mas a vida do campo, mesmo quando se conhece de poucos annos, e que della se comprehende o encanto, não convém á mocidade livre e rica. A sua actividade não deve mui cedo sepultar-se alli. Então, antes que seja chegada a hora de gozar, pode preparar-se fructuosamente para ella e para os outros, a preencher em toda a sua extensão esse papel de guia esclarecido que o destino lhe reserva. O estudo, a leitura, as viagens, lhe farão adquirir o conhecimento pos factos, das theorias, das praticas uteis, que um dia estará em posição de espalhar. Mesmo, antes que chegue a fazer applicações pessoaes, as noções que tiver assim recolhido, sendo apresentadas aos theoricos e á administração publica, como proposições, ou como conselhos, poderão dar fructos honrosos.

(*Jornal do Commercio* de Lisboa.)

(1) O autor refere-se aos especuladores, que tanta bulha teem feito em França com os annuncios de uns milagrosos adubos que só com o seu emprego levariam aos lavradores uma fortuna certa!

Estes estão no mesmo caso dos que leem no futuro. Uns e outros poderiam tornar-se riquissimos, se a cousa fosse como apregoam. Mas, infelizmente, esta observação que salta aos olhos de quasi toda a gente, escapa ordinariamente aquelles que mais precisam lembrar-se della; e o desejo ardente de melhorar de sorte levou alguns cultivadores a entregarem-se nas mãos de taes charlatães, que a não ser a energia com que os sabios chimicos os desmascararam, os males resultantes deveriam ser gravissimos.

Para que se faça idea do descaramento e ousadia com que inculcavam os seus *portentosos elixires*, basta citar este titulo de um annuncio: « Cultura sem adubo!! »

O absurdo bem claro se deixa ver; para que venderiam, então, os adubos?!

D. J. de A.

(2) He uma substancia negra, hygroscopica, muito porosa, leve, contendo grande quantidade de acido carbonico, e compostos azotados; resulta da decomposição das substancias organicas, e he muito conhecida de todos pelo emprego que della se faz nos jardins.

O nome consagrado na linguagem da sciencia he o de *humus*; porém não sei qual seja o nome vulgar entre nós que corresponda ao francez de *terreau*.

O termo *terrico* porque o traduzo, he o que adoptou o Exm. Sr. Grande nos seus *Elementos de Agricultura*. A não haver um conhecido entre os praticos, de certo, he o mais conveniente.

D. J. de A.

(3) Aproveito esta occasião de mencionar aqui uma excellente instituição, que pertence ao departamento da Sena-inferior, onde realisa, com todas as vantagens desejaveis, a prudente transmissão da theoria para a pratica agricola, cuja necessidade acabo de assignalar. Na cidade de Rouen, cabeça deste departamento, lecciona-se, na escola municipal, um curso de chimica industrial.

He professor Mr. Girardin, chimico habil e homem muito pratico. O conselho geral encarregou Mr. Girardin de dar todos os annos, nos lugares principaes do cantão, conferencias agricolas, que são publica, e annunciadas com antecedencia por cartazes. Os rendeiros e os proprietorios são mui assiduos em concorrer, sabendo que lhes não levarão theorias vãas, expressas em termos scientificos; mas que lhes apresentarão factos certos, experiencias positivas e methodos seguros, apropriados as suas necessidades, aos seus interesses e ao seu mesmo local de exploração. Mr. Girardin lhe expõe mui claramente e muito simplesmente, os principios que devem dirigir as operações mais importantes da cultura pratica: a disposição dos estabulos, a alimentação e mantença dos animaes, o fabrico da cidra, a manipulação e emprego dos estrumes. Tudo isto he dito na sua linguagem, com as palavras de que elles se servem. Não intervém nestas conferencias outra sciencia mais que o bom senso, a experiencia, a discussão critica das praticas viciosas, e a demonstração das boas pelo raciocinio e pelos resultados. Mr. Girardin permanece assim por alguns dias em cada cantão, acolhido com fervor pelos proprietarios que estimam a sua pessoa, e utilisam os seus conselhos. Visita, nestes seus gyros, as herdades principaes, faz nellas os seus exemplos mesmo á vista dos cultivadores, pratica experiencias chimicas ao seu alcance, que lhes mostram com evidencia o bom tratamento ou deterioração dos seus estrumes, o que comprova o preceito.

Mr. Girardin auxilia-se tambem de figuras impressas para tornar sensiveis as condições das boas ou das más construcções que quer fazer comprehender. Estas uteis conferencias são mui mal retribuidas por uma approvação especial que o conselho geral votou, e que he independente do tratamento affecto ao curso da cidade. Emfim, Mr. Girardin tem um bello laboratorio, mantido á custa da cidade, para effectuar as indagações de applicação que a sua habilidade lhe soggere, ou que lhe são pedidas no interesse publico, ou pelo conselho municipal, ou pelo conselho geral. Esta he de certo, uma administração que conhece judiciosamente os seus interesses; seria muito para desejar que semelhantes instituições se multiplicassem, se o seu resultado não estivesse ligado a uma condição, cujo comprimento he mui difficil: he encontrar sabios que reunam as qualidades de Mr. Girardin. Ora, a não haver isto não se deve pensar em tal. Porque nestas materias, a falsa sciencia he peior que a ignorancia; e paga-se sempre demasiadamente caro o mal que ella faz. Aqui o proveito he obvio. Ha dous annos que duram as conferencias de Mr. Girardin, mais de quinhentos cultivadores rectificaram as suas ma's praticas de tratamento de estrume. Cada localidade reclama muito tempo antes a sua visita, e algumas solicitam para o anno proximo. O conselho geral deve achar o negocio proveitoso. Estabelece o seu dinheiro com um juro elevado.

Do autor.

EXPOSIÇÃO DE CRIANÇAS.

Acaba de ter lugar em Inglaterra uma segunda exposição de crianças, Withernsea; como na primeira, havia muitos premios para os concorrentes dos dous sexos: 1°, 5 libras (22$500 rs.), á cabeça mais formosa de menos de 12 mezes; 2°, 4 guineos (14$400 rs.), á criança da mesma idade que pesasse mais; 3°, 3 guineos (10$800 rs.) á criança mais forte e mais desenvolvida de 6 a 8 mezes; 4°, 2 guineos (7$200 rs.) á criança mais formosa e gentil de 2 a 4 annos; 5°, 1 guineo (3$600 rs.) á criança mais perfeita varão da mesma idade. Houve 150 concurrentes a estes premios.

Na sala da exposição reuniram-se mais de cinco mil espectadores.

O jury que devia adjudicar os premios compunha-se de cinco membros, sendo um medico, todos habitantes de Hull, cidade vizinha; decidira-se que em caso de duvida o publico decidiria em ultima instancia.

Mas eis-aqui a parte dramatica desta festa: apenas foi proclamado o nome do primeiro premiado; de todos os angulos da sala rebentaram reclamações energicas e furiosas vociferações. Aos brados de cem mãis despeitadas e raivosas reuniram-se os gritos de outras tantas crianças; era uma bulha infernal. O jury vendo que a tempestade crescia e se tornava ameaçadora, prudentemente se retirou da sala, e o publico sahio atraz delle, emquanto as mãis, que se conservaram na sala, disputavam á força os premios.

He provavel, diz um jornal de Hull, que á vista do que se passou, as outras cidades de Inglaterra, não se tentarão com exposição desta especie.

(*Journal des Debats.*)

ENTERRO EM VIDA.

Os flamengos são conhecidos pelo disparatado da sua imaginação; deleitam-se com exposições de cachimbos, de chapéos velhos, com concursos de passaros cegos, com banquetes de velhas solteiras. Estas costumeiras demonstram que debaixo da capa de um caracter frio e reservado, o flamengo possue uma boa dóse de jovialidade mui apreciavel.

O flamengo Carlos V, que foi natural de Gand.

mandou, como he sabido, celebrar as ceremonias do seu enterramento, achando-se de perfeita saude. Um outro flamengo agora, residente n'uma aldeia, ouvindo fallar da mania do seu compatriota, lembrou-se de mandar dobrar os sinos da sua parochia annunciando o seu fallecimento. He uma singularidade, porém se foi permittida a um imperador, porque não seria licita a um pobre camponio? Entre gostos não ha disputas.

Foi pois o nosso flamengo procurar o mestre de primeiras lettras de communa. Todos sabem que no campo, o mestre de primeiras lettras he uma especie de *Manoel faz tudo*, he mestre, sacristão, sineiro, coveiro, escrivão do juiz pedaneo, e apezar desta accumulação bem lhe custa alimentar-se a si e a sua familia.

O mestre-sineiro observou ao flamengo que a sua exigencia era disparatada, mas que pedisse autorisação ao maire, para satisfazer o seu louco desejo. Assim fez o bom do camponio, e obteve a necessaria licença, o magistrado antes de lh'a conceder, rio-se e reflectio:—« Ora um dobre funebre não faz mal a ninguem, e este pobre homem fica muito contente com isso; e nestes tempos de carestia, alguns vintens de mais na algibeira do sineiro, darão a este tambem muito contentamento, portanto esta dito, autoriso o dobre funebre. »

Foi logo correndo ter com o sineiro, e immediamente os sinos começaram a dobrar com furia, e o bom do flamengo não cabia em si de contente, a gente da aldeia ria do disparate do homem que se deleitava com aquella funebre enfermeira, e estava imaginando com boa saude o que se passaria cá no mundo a seu respeito, depois delle morto.

(*Idem.*)

SCENAS E TYPOS CONTEMPORANEOS.

O homem de lettras.

(Por Victor Fournel.)

Ab Jove principium. Comecemos, pois, pelo homem de lettras.

Não vou escrever um arrazoado, nem uma requisitoria; muitos outros se hão encarregado disso antes de mim: vou traçar um retracto, e não sera minha culpa de não ser elle sempre lisongeiro nas menores particularidades.

Todos os artistas concordam em que os burguezes são insupportaveis quando fazem-se retratar. Elles queixam se de que o desgraçado Apelles que encarregou-se desse rude trabalho lhes não tenha encurtado o nariz, alargado a fronte, embellecido os cabellos, dando-lhes tambem a attitude olympica do Apollo do Belvedere. De boa vontade se agastariam com o proprio daguerreotypo, porque lhes reproduz estupidamente as feições, taes quaes são, sem lançar por sobre ellas a garça lisongeira de que tanto necessitam.

Ora, isto he um daguerreotypo. Os senhores homens de lettras que se tem divertido largamente a custa dessa mania do burguez terão bastante espirito para não cahirem nella tambem, e para não se queixarem do pintor em vez de accusarem o original.

Eis-aqui, segundo creio, um solido argumento *ad hominem* do contrario não entendo disso.

Ja se sabe que segundo o uso antigo nós o exceptuamos, senhor leitor, e que estamos persuadidos de que nisto não temos de accusar-nos da menor complacencia.

Demais, para evitar todo o equivoco affirmemos ainda que não he o personagem collectivo mui respeitavel chamado o homem de letras, que teremos as vezes de atacar; porém os homens de lettras, o que não he inteiramente a mesma cousa; não fallamos do principio, mas do facto; não da abstração mas do individuo.

Tomadas uma vez por todas estas precauções oratorias, vou começar.

O homem de lettras não deve ser confundido com o escriptor. Certamente esta variedade do genero não existia no tempo dos *vates* primitivos; vemo-la apparecer na época dos rapsodas que percorrem as cidades gregas, cantando em pagamento da hospedagem, de um lugar escolhido e da parte mais succulenta á mesa do senhor, os versos da *Iliada* enriquecidos pelas suas inspirações pessoaes. A filiação continua-se atravez dos sophistas e bem [...]llantes, e chega até nós transmittida pelos *minnesinger* allemães, pelos trovadores e menestreis francezes.

No seculo XVII a profissão tende a constituir-se sobre uma base [...]lida: somente [...] de dirigirem-se ao [...] mens de lettras [...] dirigem-se aos Mecenas da corte, aos Turcarets da fazenda, que lhes pagam os elogios com bellos escudos, e os epigrammas com bastonadas. O officio não era rendoso; perguntai-o a Colletet e a Saint Amant, os dous poetas enlevados; mas havia as vezes beneficios inesperados que indemnisavam largamente o passado. He então que organisa-se a engenhosa industria das dedicatorias, cada uma das quaes era para o escriptor habil e pouco avarento de hyperboles, um capital empregado a bom juro.

O homem de lettras, como resulta dessa rapida exposição historica, não he inteiramente uma creação contemporanea; existia ja em estado de embryão: mas he ao nosso seculo que pertence a gloria de have-lo constituido definitivamente em corpo social.

Se me perdoam um pouco de arithmetica em semelhante assumpto, direi que o homem de lettras he para o poeta e o artista o que o manufactureiro e as vezes o mercador são para o inventor. Ha sómente uma pequena differença, he que se em geral o mercador enriquece a custa do inventor, o homem de lettras jaz quasi sempre como o artista em uma penuria que he sua segunda natureza; mas essa particularidade he insignificante. Isso não quer dizer que jamais se possa descobrir o menor vestigio de inspiração, nem no manufactureiro, nem no homem de lettras: porém he mais difficil.

Ha duas classes grandes de homens de lettras, ha mesmo mais de duas, porém reduzo-as a duas para simplificar: os homens de lettras impressos e os homens de lettras ineditos. Estes são innumeraveis. São animaes bravios emquanto não chegam á publicidade; perseguem os collegas mais felizes com apertos de mão e saudações; riem cobardemente de seus chistes; vão ao Divan para fazerem crer que escrevem no *Mousquetaire*; procuram intelligencias na praça sitiada, tem confidencias por toda a parte, e conhecem todos os nossos homens illustres. Quem os ouvisse conversar, os tomaria por veteranos da imprensa e da penna de ganso. Mas não temos de occupar-nos hoje com essa classe. Demais, depois de alguns annos de pratica o homem de lettras inedito consegue passar, graças a alguma das gazetinhas que são a providencia dos bem fallantes ambiciosos, á classe de homem de lettra impresso, e entra na nossa roda.

He inaudito e verdadeiramente humilhador o numero daquelles que mandam imprimir suas obras em nossos dias, e que tem leitores. Hontem conversamos com um senhor no botequim; elle encontra-nos hoje e mostra-nos seu ultimo artigo do *Sans le sou*. Cruzamo-nos na rua com um antigo collega *cancro* de primeira ordem, e elle nos diz: « Sabes que sou redactor em chefe da *Trompette artistique*; traze-me alguma cousa. » Abrimos duas gazetas e achamos na primeira um artigo philosophico de *pensamentos livres* de um estudante de medicina nosso compatriota, e na segunda uma apreciação dramatica de um *forte em thema grego* que ganhou o premio no concurso geral e que encarregou-se dos theatros em uma folha infima para ahi espraiar-se sobre os bellos olhos da madamesella Azimont, do Palais Royal. A multiplicação dos pães do Evangelho he um mytho mui pallido relativamente a essa multiplicação. Não se póde mais dar um passo sem pisar um homem de lettras, assim como no seculo XVII não se podia andar sem tropeçar em um poeta epico.

Feitos estes preliminares, nada me impede de tratar um pouco de philosophia pratica. Ha duas cousas sobre tudo que me parecem faltar aos nossos homens de lettras: são o respeito de si mesmo, e o que delle resulta, o respeito do publico. Espero que serei dispensado de desenvolver minha proposição como os dous pontos de um sermão.

Não digo que os homens de lettras commettam mais infracções da moral do que a mór parte dos outros mortaes; porém commettem tanto pelo menos, e he muito para homens que devem ter idéas e sentimentos tão altos e tão generosos, quando tem a penna na mão. Jámais me esquecerei do desapontamento que tive a primeira vez que achei-me em um cenaculo de jovens poetas e romancistas. Havia ahi algumas illustrações medianas, algumas celebridades de luar, cujas elucubrações eu tinha lido e saboreado.

Confesso que esperava achar entes de natureza um tanto etherea, e fiquei espantado ouvindo uma conversação que logo quebrou-me ambas as azas de meu ideal. Reconheci que a estatua de ouro tinha pés de barro.

Semelhante desengano he reservado a todo o mancebo ingenuo. Conduzam-no a um circulo intimo de homens de lettras, elle voltará mui pouco instruido sobre a arte e sobre a poesia; mais rico de anecdotas e contos familiares sobre Mogador, Pavillon, Rose-Pompon, Turburette e Pomaré.

Sim, releva ter a coragem de dizer a nós mesmos estas verdades um tanto duras. (E desculpem-me um pedacinho de sermão, assaz improprio na minha bocca e nestas columnas; mas quem he que não tem feito uma acção impropria uma vez de passagem?) A existencia do homem de lettras he mui pouco digna e mui pouco regular para ser completamente honrada. He uma existencia que fluctuá mercê de todos os ventos, abandonada ao imprevisto, despendida de um dia para outro, toda de exterior, sem a intimidade tranquilla e serena da familia, uma vida de club onde peroram, de botequim onde fingem e compoem; conheço alguns que não podem escrever uma linha senão no meio das garrafas e dos copos.

Quanto as relações mais seguidas, aquellas a que voltam com maior gosto, fazem muitas vezes parte da sociedade fraudulenta das pescarias a quinze soldos, onde vão buscar ao mesmo tempo prazeres e inspirações.

Nestes ultimos tempos inventou-se uma palavra particular appropriada a esse genero de vida *la boheme*; vil palavra para uma vil cousa.

A essa escola está ligada a dos *moços*, a qual faz profissão (friamente, o que he ainda peior) de exageração fogosa, de arrebatamento cavalleiroso, de loucura vernal no estylo e nas idéas. Os *moços* agitam-se para fazerem crer que tem febre; desprezam naturalmente e insultam os velhos, os desdentados, os caducos, que não tem o juizo de retirar-se a tempo para lhes cederem o lugar, e não cuidam que serão velhos no fim de dez annos, e antes mesmo de terem tido tempo de o perceberem! Zombam em seus livros de toda a idéa seria, de toda a crença recebida, por travessura tratam nossos grandes homens de bigorrilhas e estupidos, transformam-se em Dons Juans scepticos, materialistas, zombeteiros, por affectação e por espirito de *mocidade*. A desgraça he, que tendo começado assim ficam por um justo castigo condemnados a proseguirem até ao fim no mesmo tom; o publico os aprisiona nesse genero, elles não podem mais sahir ainda que queiram, e ei-los obrigados a fingir eternamente, como um saltimbanco que sente-se perdido logo que não mover mais o riso da galeria, a saltar e cabriolar sem cessar, sendo ja calvos e barrigudos, a fazer [...] de bell[...] estouvados com um rosto ja devastado pela[...], em uma palavra a representar o papel ridicularisado e escarnecido por todos os comicos, o papel dos Gerontes que querem macaquear os Leandros, e cujo craneo pellado vê-se atravez da cabelleira loura, ou dos velhinhos que se pintam nas paradas e desenrugam-se com risos sinistros e lamentaveis.

Achava-se [...]essa mascarada graciosa emquanto o autor não [...]nha mais de trinta annos; porem depois ella rev[...]oltará o coração, e faz pena. E quantos não ha presentemente na litteratura desses fingidos, desses velhos-rapazes que tentam ainda illudir a si mesmos e ao publico, semelhantes ás mulheres collo[...]es que mostram-se nas festas e que contam vinte e dous annos desde o dia de sua estrea [...] de sua morte! todavia podemos distingui-los daquelles que são verdadeiramente moços, porque não ousam mais zombar directamente dos velhos. O leitor poderá pôr aqui dez nomes proprios: dispense-me dessa tarefa.

Aquelles que chamam se *moços* são quasi sempre *velhos* na realidade; são moços pelo movimento febril e nervoso que não he outra cousa senão uma especie de epilepsia moral; são velhos pelo scepticismo, pela extincção de toda a crença ingenua em um coração enervado pelo abuso das emoções violentas, assim como uma guela de beberrão pelo abuso dos licores fortes.

Tudo isso não pode deixar de desdourar a litteratura. Antigamente fallava-se muito do sacerdocio das lettras e da missão do escr[iptor] [...]eria ainda esses palavrões com a empl[...] ce hoje tão jocosa á maneira de[...] [...]ietas. De ora em diante somente se falla nessa missão para fazer chacota. Imaginemos os senhores membros da sociedade dos homens de lettras vestidos de grandes sacerdotes, e tentando tomar em serio o titulo de pontifices: penso que como os auruspices de Cicero não poderiam encarar-se sem rir.

Ja se vê, pois, que deixa-se de ora em diante o sacerdocio das lettras, preconceito gothico e velho, aos trovadores que estão atrazados um seculo, e aos laureados das Academias de provincia. Vejamos as apreciações que substituiram esta. A primeira he a dos phantasistas que resumio-se nesta formula celebre: *a arte pela arte*!... divisa materialista que assimila quasi a utilidade dos escriptores a dos bons jogadores da bola, por um processo renovado de Malherbe e de Boileau; porem que todavia he a mais elevada. A segunda he a dos espiritos *positivos* inimigos das phrases *vans e ocas*, que somente vêem na litteratura um commercio e na poesia uma mercadoria de genero particular como na sociedade homens de lettras, uma grande machina industrial, á qual convem fazer produzir o mais possivel, accommodando se ao gosto dos consumidores.

Ha ainda gazetas que se inculcam por litterarias, onde homens que se dizem escriptores depoem essas cousas. Essa opinião ganha terreno de dia em dia, e torna-se cada vez mais ridicula e inepto não conformar-se com ella.

He mui simples que com semelhantes idéas os do homem de lettras ponham-se como todos os fabricantes habeis á cata das modas e das predilecções do dia deixando-se dirigir pelo publico, ao qual deviam preceder, desfrutem os gostos e preconceitos do momento e especulem com o escandalo como com um m[...]p. Dahi ainda as manufacturas de romances, [...]icas de *vaudevilles* e de melodramas. A in[...] diante da tarefa, a habilidade [...]ente o fogo sagrado, cousa dessa[...] ao mesmo tempo. *Deus, ecce* [...]mam nossos *vates* do dia vendo as peças [...]ldados do livreiro Lecou; e o enthusias[...]bri-los com suas azas tremulas.

Bem sei que o[...]ger, e que sobretudo neste seculo o dinheiro [...]imera, embora o tenha dito Mr. Scribe; [...]nto dessas capitulações de pennas intelli[...] da estatua do bezerro de ouro. Com es[...] escrevem-se memorias em estylo [...] por qualquer Mogador que as assi[...] perfeitamente aquelles que rediger[...] *Jurnal de l'Epicerie*, que fazem pros[...] de vinho, e [...]ticos para os dentistas e os mercadore[s] gabam-se distinguindo rir para[...]ia; esses são consequentes.

Com taes principios [...]omo podem os [...]itterates ter para o leitor outro respe[...]cador para os freguezes? E todos [...] ou ao menos todos dizem que os mercadores n[...]tem por má acção enganar o freguez sempre que podem. A pobre e bonachona magestade do publico está hoje mui decahida como todas as magestades: não tem mais o direito de exigir o acatamento infinito, e o tremor supremo com que todos se lhe approximavam outr'ora. Hoje he tratada mui cavalleirosamente nos titulos e nos prefacios, os quaes alguns autores esmeram-se em fazer quanto mais independentes e mais insolentes he possivel, e todos tem para com o *amigo leitor* ares de protecção muito orgulhosos.

Porque he que tornam-se tão raros os livros bons e bellos? Sem procurar a causa disso em toda a especie de razões sociaes demasiadamente profundas para mim que não escrevi o menor ensaio sobre a civilisação moderna, acho-a na vida de estufa de que fallei, nos habitos pouco dignos, na ancia de ganhar, no empenho de fazer-se conhecido para chegar mais brevemente ao ganho, sobretudo no amor insalubre do paradoxo que he sua consequencia immediata, e que ataca tanto o estylo como a idea. O paradoxo parece aos espiritos e corações enervados o meio mais certo de produzir rapido effeito, de popularisar-se pelo espanto. Seria mui longo entrar pela porta, elles preferem entrar pela brecha. Imitão assim o cortezão atrevido que para ser notado pelo monarcha na ceremonia do beija mão, mordeu-lhe o dedo pollegar fingindo querer tocar-lhe com os beiços.

O paradoxo he tambem fructo do seculo XIX. Não era desconhecido nas idades precedentes (perguntem-no a Diderot e a Jean Jacques); mas o que era excepção tornou-se regra de tal sorte que até os professores da Sorbonna e os escriptores da Revue des Deux-Mondes põem-se a cultiva-lo tambem. He cousa tão commum e trivial hoje, que a melhor maneira de singularisar-se seria sustentar bellas e boas verdades vulgares, e voltar ao bom senso! He um recurso que suggiro aos espiritos independentes que não gostão do papel de cordeiros de Panurgo.

Receita simples para fazer um paradoxo: tome uma proposição bem evidente, bem geralmente admittida, vire a como uma casaca velha, misture-lhe em largas doses alguns ingredientes da cozinha litteraria, moral facil, epilhetos arriscados, neologismos de cores vivas, tudo o que substitue vantajosamente a canella e as tubaras, salpique tudo de pimenta e de sal o menos attico que for possivel, amasse bem e apresente-o quente. Não he mais do que isso.

Para fazer um saltimbanco, tome um homem que andava de cabeça para cima e pés para baixo, e ponha-o de cabeça para baixo e pés para cima. O publico que não dava-lhe attenção quando elle andava como todos, ficara alegre, e se apinhara em circulo pasmado.

He assim que se nos tem provado que Messalina era matrona de costumes irreprehensiveis, que Robespierre era o mais inoffensivo dos homens, e Murat o mais terno dos philantropos. Tem-se-nos provado tambem que Racine era um bigorrilha que não sabia o francez, e que era digno quando muito de varrer o theatro de Mr. Nepomuceno Lemercier. Algum dia talvez nos provarão que foi Pompeo quem derrotou a Cezar em Pharsalia e que a hyena he um animal bello, benigno, manso e espirituoso como o proprio Mr. Romieu. Desafio meus leitores a acharem qualquer verdade historica, litteraria, philosophica, religiosa cujo absurdo flagerante se não tenha tentado demonstrar.

Ainda se isso fosse sempre alegre! Mas não; separando os reis do genero que são recreativos, quantos *paradoxistas* ficaram que irritam! boa gente que joga grosseiramente com as faiscas que cahem do cachimbo marselhez de Mery ou da cigarrilha hespanhola de Gozlian.

Havia muitos saltimbancos que andavam sobre a cabeça, a concurrencia matou-os: ella matara igualmente o paradoxo.

A originalidade parece ser a ultima palavra da arte! Mas as menos não se devia confundi-la com a extravagancia que se lhe assemelha um pouco de longe. Quem corre a pos a primeira, encontra a segunda. Não gosto dessa desgraçada sede de originalidade (alias cousa em si mesma louvavel) depois que tenho reflectido em todas as acções más que ella ha produzido. Não fallo das barbas gigantescas, e dos chapeos pontudos de outr'ora que estão fora da moda, nem das declamações contra a panella, contra o especieiro burguez, porteiro, proprietario, alvos ja muito usados, cousas respeitaveis que eram demolidas porque representavam a vida regular e normal. Mas o que resta não he melhor. Entre aquelles que não andam de cabeça para baixo, uns andam sobre as mãos, outro saltão sobre um só pé em seus livros; este cultiva particularmente o adjectivo e a opposição, este outro o substantivo extraordinario e os arcanos do vocabulario hindu transplantado na lingua franceza, tudo para ser *original*. Fazem alternativamente, pintura, garatuja, esculptura, musica, arabescos, brinquedos, quinquilharia sob pretexto de litteratura. São as vezes artistas, quasi nunca são poetas. As avessas do proverbio he a bainha que gasta a lamina. Nada ha ahi espontaneo, natural, nada que parta do coração nem das entranhas para chegar as entranhas e ao coração; sempre o fito de ser *original*.

Os collegas acham isso excellente, promptos a critica-lo em reunião secreta, e como os senhores litteratos são muito inclinados a tomar seu cenaculo pelo cerebro do mundo, persuadem-se de que o publico está mui contente.

Quantas cousas teria eu ainda que dizer! Se houvesse querido traçar uma physiologia do homem de lettras te-lo-hia estudado debaixo de todas as faces, te-lo-hia seguido por toda a parte em suas travessuras, em suas manias intimas, em seus estudos, ao espectaculo ao passeio, a casa. Talvez faça isso algum dia. Entretanto vou terminar por um correctivo que sera ao mesmo tempo acto de justiça.

« Foste condemnado ou a compor estes versos ou a ser enforcado? » diziam a um meu poeta. Pois he essa justamente a alternativa da mór parte dos ho[mens] [...]tivemos fazê-lo em seu desencargo) a exercer esse rude officio para viverem, e a concluir apressadamente seus escriptos assim como diz-se que em 1830 as camaras concluiram a carta. Nada ha tão terrivel e enervador como a litteratura necessitada senão para os caracteres e os espiritos fortemente temperados, que estão em minoria des Adam. Mais que todos os outros os homens de lettras podem repetir este dito cynico que alias tem um lado verdadeiro:

« A pobreza não he vicio; he muito peior. »

(*Illustration.*)

COMMERCIO.

PRAÇA DO RECIFE 24 DE DEZEMBRO AS 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes.

Não houveram cotações.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 1 a 22	319:090$869
Idem do dia 24	12:889$999
	331:980$858

Descarregam hoje 26 de dezembro.

Barca ingleza—*Eliza Hands*—mercadorias.
Barca ingleza—*Meteor*—bacalhão.
Barca ingleza—*Enthusiast*—ferro e taixas.
Barca portugueza—*Carlota Amelia*—diversos generos.
Barca franceza—*José*—mercadorias.
Patacho americano—*Lecant*—farinha, pimenta e breu.
Hiate americano—*Rosamond*—farinha e bolachinha.

IMPORTAÇAO'.

Barca franceza *José*, vinda do Havre, consignada á J. R. Lasserre & Companhia, manifestou o seguinte:

1 caixa filo de seda, 2 ditas tecidos de seda, 14 ditas ditos de algodão, 1 dita chapeos, 1 dita ditos de sol, 1 dita tecidos de lãa e algodão, 1 fardo casemiras, 1 caixa roupa, 1 dita artigos para chapéos, 1 dita tecidos de seda, bonetes, gravatas, etc., etc.; a J. Keller & C.

1 dita chapéos de feltro 1 dita calçado; a Rabe Schmetteau & C.

2 ditas tecidos de algodão; a C. J. Astley & Companhia.

1 dita ditos de dito e lãa, 1 dita ditos de lãa e seda, 6 volumes ditos de algodão, 1 caixa panno, 1 dita seda, 4 ditas dita, pentes, preparos para daguerreotypo, 50 barris e 50 meios ditos manteiga; a N. O. Bieber & C.

1 caixa seda, 50 barris e 50 meios ditos manteiga; a Isaac, Curio & C.

1 dita objectos de selleiro, 1 dita seda, 1 dita ignora-se, 1 dita mercearia; a ordem.

13 ditas tecidos de algodão, 4 ditas ditos de seda e algodão, 3 ditas ditos de lãa e algodão, 1 dita seda, 1 dita couros; a Timm Momsen & Vinassa.

1 dita suspensorios, escovas, cartões e mercearia; Saumier & Espolly.

2 ditas seda, 9 ditas dita, tecidos de dita e algodão, 1 dita instrumentos de musica, 60 barris e 90 meios ditos manteiga; a H. Brunn & C.

25 ditos e 25 meios ditos manteiga; a Fox Frères.

50 ditos e 50 meios ditos dita; a Tasso & Irmãos.

20 ditos e 20 meios ditos dita; a Cals Freres.

1 dito carbonato de soda, 1 dito chlorureto de cal, 3 caixas garrafas vasias, 1 dita drogas, 1 embrulho livros; a Almeida Pinto.

16 caixas tecidos de algodão, 2 ditas camisas de dito, 3 ditas tecidos de seda, 25 gigos champagne; a Chafeitlin & C.

1 caixa joias, 1 dita vidros e calçado, 2 ditas tecidos de lãa e seda, 4 ditas chales de lãa, 5 ditas tecidos de algodão, 1 dita ditos de linho, 1 dita ditos de dito e algodão, 1 dita seda, 2 ditas vidros, 5 ditas porcelana, 1 dita perfumarias, 1 dita chapéos, 4 ditas agoa de Colonia, 1 dita mercearia, 1 dita livros, 1 dita modas, 1 dita objectos de selleiro; a F. Sauvage & C.

1 dita braceletes; a Nicoláo Bruno.

1 dita modas; a Boessard Millocheau.

1 dita objectos de ferro galvanisado; a Meuron & Companhia.

3 ditas livros; a Ricardo de Freitas & Companhia.

3 ditas ditos, 1 dita ignora-se, 1 dita aguardente, 1 dita estampas; a Miguel José Alves.

30 cestos champagne, 2 caixas mostarda; a Antonio de Almeida Gomes & C.

1 caixa tecidos de algodão, 1 dita roupa feita; a Borle Souza & C.

1 dita tecidos de algodão; a H. Gaensley.

60 barris e 30 meios ditos manteiga; a Schramm Wately & C.

1 caixa chapéos de feltro, 2 ditas tecidos de algodão; a V. Lasne.

1 caixa roupa feita, 4 ditas chapéos, 1 dita ditos de sol de seda, 2 ditas tecidos de seda, bonetes de algodão, modas e chapéos de sol de senhora, 1 dita chapéos de palha, 2 ditas tecidos de lãa, 1 dita moveis, 1 dita livros, seda e calçado, 2 ditas chapéos e mercearia, 5 ditas tecidos de seda, lãa, chapéos e joias, 1 dita mercadorias; a Luiz Antonio de Siqueira.

1 dita rou[pa] : a Siqueira & Pereira.

16 ditas vidros e drogas; a Bartholomeu F. de Souza.

3 ditas pianos, 1 dita objectos de funileiro, 1 dita imprensa, 2 ditas spartaria, 5 ditas quinquilaria, 7 ditas chapéos, 1 dita fórmas, 1 dita aviamentos de chapéos de sol, 1 dita calçado e pertences, 1 dita tecidos de seda e calçado, 2 ditas ignora-se, 1 dita cartões; a J. P. Adour & C.

1 dita calçado; a Demesse Leclerc & C.

2 ditas ether, 3 barris tinta, 1 caixa livrinhos de pão de ouro e prata; a J. Sonm & C.

1 dita mantilhas; a Aranaga & Bryan.

1 dita livros, chumbo em obra e roupa, 2 ditas tecidos de linho e algodão, 2 ditas vidros, 1 barril pão campeche, 4 ditas calçado, 1 dita papel, 1 dita tinta de oleo, 3 ditas chapéos; a L. Leconte Feron & Companhia.

2 ditas ditos; a Christiani & Irmãos.

1 dita fitas de seda; a E. H. Wyatt.

3 ditas agua de Colonia, 7 ditas mercearia, 1 dita perfumarias, 1 dita chapéos, 1 dita barbante, 1 dita biscoitos, 10 barris tinta, 2 caixas aguardente; a Feidel Pinto & C.

1 dita carne salgada; a M. de M. Machado.

1 dita modas, 1 dita papel, 2 ditas vidros; a A. Robert.

2 ditas rodas de carro; a Elias Baptista da Silva.

120 barris e 60 meios ditos manteiga, 1 caixa ferramenta, 1 dita moinhos; a J. R. Lasserre & Companhia.

1 dita chapéos de sol, 1 dita conservas, 2 ditas porcelana, 2 ditas vidros, 2 ditas couros para selleiro, 1 dita musica, 2 ditas roupa feita; a E. Didier & Companhia.

Barca portugueza *Carlota Amelia*, vinda de Lisboa, consignada a Francisco Severianno Rabello & Filho, manifestou o seguinte:

50 saccos farello; a Guilherme Frederico de Souza Carvalho.

3 barris vinho; a Luiz Antonio de Siqueira.

4 saccas favas; a Manoel do Rego Lima.

4 caixas amendoas, 52 barris manteiga de porco, 21 ditos toucinho, 1 embrulho livros, 30 barricas farinha de trigo, 1,000 molhos cebolas, 17 caixas frutas, 1 dita carne, 1 barril vinho, 4 ditos alpista, 50 pipas vasias, 75 molhos aduelas, 25 moios sal, 2 saccos dinheiro de ouro; Francisco Severianno Rabello & Filho.

1 caixa livros; a João Manoel Pinto Basto.

50 molhos aduelas, 50 volumes arcos de páo; a João José de Carvalho Moraes.

1 caixa azeite doce, 1 dita conserva, 6 ditas vinho, 1 fardo camisolas; a Policarpo José Layne.

2 barris flor de sabugueiro, 2 ditos macella, 1 dito rosas, 1 dito cremor, 1 fardo retalhos de pellica, 1 barril malva, 1 caixa drogas, 1 fardo raiz de espargo, 1 dito alfazema; a João da Conceição Bravo.

5 barris azeite doce, 1 caixa escrivaninha, 1 dita mercurio, 1 dita perfumadores, 1 dita forradores, 1 dita peneiras e capsulas, 2 ditas chapéos, 2 ditas bonetes e chapéos; a Augusto Cesar de Abreu.

1 dita braços de balança; a Joaquim Juvencio da Silva.

1 embrulho livros, 5 barris vinho; a Amorim, Irmãos & C.

5 ditos pregos; a Balthar & Oliveira.

1 e ½ barrica farinha de trigo, 9 barris paios, 15 ditos chouriças, 10 ditos presuntos e chouriças, 1 dito azeite doce, 2 ditos vinho; a Manoel Ignacio de Oliveira.

40 fardos cravo, a J. J. Tasso Irmãos.

40 barris banha de porco, 40 ditos toucinho, 50 ditos cal, 10 ditos cevada, 5 ditos alpista, 1 dito vinho; a Antonio Casemiro Gouveia.

47 pedras de cantaria; aos membros encarregados da matriz da Boa-Vista.

5 saccos alfazema, 1 caixa marmelada, 1 dito chocolate; a Francisco Alves Monteiro Junior.

65 molhos aduelas, 50 barris cal; a João Pires Soares.

40 volumes aduelas e arcos, 1 barril batoques; a João Macedo Amaral.

1 caixa escrivaninha; a Sebastião José da Silva.

1 barril paios, 1 dito chouriças, 1 dito azeite doce, 1 dito vinho, 1 dito vinagre; a João José de Amorim.

12 ancoretas vinho; a J. Caetano de Carvalho.

2 caixas drogas, 1 dita vidros; a Manoel Elias de Moura.

2 ditas drogas, 1 dita vidros, 1 dita gras de pedra e copos, 2 ditas agua ingleza, 1 fardo macella, 1 volume imagem; a Antonio Luiz de Oliveira Azevedo.

2,000 aduelas; a Novaes & C.

1 barril vinho, 1 caixa molduras; a Vicente Alves de Souza Carvalho.

1 pacote livros; a Antonio de Almeida Gomes & C.

92 barris pregos, 40 ditos chouriças, 48 ditos toucinho, 11 barricas nozes; a Luiz José da Costa Amorim & C.

2 caixas cera em velas; a Fortunato Cardoso de Gouveia.

1 caixa bolachinha, 1 dita chocolate, 100 ancoretas azeitonas; a ordem.

1 barril presuntos e paios; a Manoel Cavalcanti de Albuquerque.

1 dito vinho, 1 dito presuntos e chouriças; a José Pereira da Cunha.

[illegible]

Rendimento do dia 1 a 22	[...]$964
Idem do dia 24	2:947$804
	90:254$768

DIVERSAS PROVINCIAS.

Rendimento do dia 1 a 22	4:728$182
Idem do dia 24	236$271
	4:964$453

Exportacao'.

Bahia, patacho hollandez «Bernardus», de 229 toneladas, conduzio o seguinte:—150 saccos com 750 arrobas de assucar, 4,000 chifres, 4,000 couros salgados seccos com 12,544 libras.

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.

Rendimento do dia 1 a 22	21:901$240
Idem do dia 24	1:612$720
	23:513$960

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 1 a 22	71:581$177
Idem do dia 24	2:051$230
	73:635$470

MOVIMENTO DO PORTO.

Navios entrados no dia 24.

Gothenburg—39 dias, brigue sueco «D. Thereza», de 202 toneladas, capitão J. F. Berusten, equipagem 11, carga madeira; a Mc. Calmont & Companhia.

Maranhão—50 dias, brigue brasileiro «Elvira», de 181 toneladas, capitão Manoel José Pereira Marinho, equipagem 11, carga varios generos; a José Joaquim Dias Fernandes.

Liverpool—40 dias, brigue inglez «Freeman», de 196 toneladas, capitão James Graham, equipagem 11, em lastro; a James Crabtree & Companhia.

Idem—29 dias, barca ingleza «Genoveva», de 271 toneladas, capitão James Turner, equipagem 15, carga carvão de pedra; a Scott Wilson & Companhia.

Idem—24 dias, barca ingleza «Floating Cloud», de 296 toneladas, capitão W. Carne, equipagem 14, carga fazendas; a Johnston Pater & Companhia.

Cabo Verde—11 dias, barca noruegunse «Laura», de 350 toneladas, capitão Alexandre Lude, equipagem 14, carga sal; a N. O. Bieber & Companhia. Seguio para Montevidéo e Buenos-Ayres.

Navios sahidos no mesmo dia.

Liverpool—Galera ingleza «Hermione», capitão Joho Tamele, carga assucar.

Lisboa—Galera portugueza «Joven Carlota», capitão Boaventura Borges Pamplona, carga assucar.

Canal—Barca ingleza «Augusta», capitão W. Payn, carga assucar.

Rotterdam pela Bahia—Patacho hollandez «Bernardus», capitão H. Punck, carga parte da que trouxe.

EDITAES.

O Dr. Anselmo Francisco Peretti, commendador da imperial ordem da Rosa e juiz de direito especial do commercio desta cidade do Recife por S. M. I. e C. que Deos guarde etc.

Faço saber aos que a presente carta de editos virem, em como José Ignacio Ferreira e Silva me fez a petição do theor seguinte:

Illm. e Exm. Sr. Dr. juiz do commercio.—Diz José Ignacio Ferreira e Silva que sendo-lhe devedor Manoel Alves Maia Junior da quantia de 1:021$040 réis importe de uma letra mercantil sacada em 16 de setembro de 1843, a vencer desta data a 12 mezes, succede que até ao presente não tenha o supplicado pago, nem dado quantia alguma por conta, quer do principal, quer dos juros estipulados em dita lettra, acrescendo ter desapparecido sem que se tenha sabido o lugar de sua residencia, pelo que quer o supplicante protestar contra elle na forma da legislação commercial, requer por isso a V. Exc. se digne mandar tomar por termo o seu protesto e admitti-lo a justificar a ausencia do supplicado, e sendo quanto baste e julgado por sentença mande passar carta de editos por 30 dias a fim de por ella ser o protesto intimado ao referido devedor. Pede a V. Exc. defferimento.—E R. M.—Joaquim de Albuquerque Mello.

Nada mais se continha em dita petição, a qual dei o despacho seguinte:

Tome-se por termo o protesto do supplicante, e justifique este a ausencia do supplicado. Recife 10 de dezembro de 1855.—A. F. Peretti.

Nada mais continha o dito despacho, em virtude do qual o escrivão respectivo lavrou o termo de protesto do theor seguinte:

Aos 11 de dezembro de 1855 nesta cidade do Recife de Pernambuco em meu escriptorio veio José Ignacio Ferreira e Silva por seu bastante procurador Victorino José de Souza Travasso, e disse perante mim e as testemunhas abaixo assignadas que protestava contra Manoel Alves Maia Junior pelo conteudo em sua petição retro, que faz parte do presente termo para o fim na mesma requerido, e de como assim o disse e protestou fiz este termo que assignou com as testemunhas. Eu Maximiano Francisco Duarte, escrivão privativo do juizo commercial o escrevi.—Victorino José de Souza Travasso.—José Maria de Albuquerque.—Paulino da Silva Mindelo.

Nada mais se continha em dito termo de protesto em virtude do qual dei a seguinte sentença:

Attendendo a justificação de folhas 3 a folhas 4 verso, julgo provada a ausencia de Manoel Alves Maia Junior devedor do justificante, o qual Maia desta cidade partio sem que se saiba o lugar onde de presente reside, pelo que mando que seja citado por editos passando-se para isso a respectiva carta com o prazo de 30 dias e custas.

Recife 11 de dezembro de 1855.—Anselmo Francisco Peretti.

E mais se não continha em dita sentença aqui transcripta, em virtude da qual o escrivão que esta subscreveu mandou passar a presente carta de edictos com o prazo de 30 dias e custas, pela qual e seu theor se chama e intima e hei por intimado ao supplicado devedor ausente acima declarado de todo o conteudo na petição e termo de protesto acima transcripto. Pelo que toda e qualquer pessoa, parentes ou amigos do supplicado devedor o poderão fazer sciente do que a cima fica exposto; e o porteiro do juizo affixará o presente nos lugares do costume e sera publicado pela imprensa.

Dado e passado nesta cidade do Recife de Pernambuco aos 19 de dezembro de 1855. Eu Maximiano Francisco Duarte, escrivão privativo do juizo commercial o subscrevi.

Anselmo Francisco Peretti.

— A camara municipal desta cidade manda publicar afim de que sejam executadas as posturas addicionaes abaixo transcriptas, approvadas provisoriamente pelo Exm presidente da provincia aos 12 do corrente. Paço da camara municipal do Recife em sessão de 19 de dezembro de 1855.—Barão de Capibaribe, presidente.—Manoel Ferreira Accioli, secretario.

DA LIMPEZA PUBLICA E PARTICULAR DA CIDADE DO RECIFE.

Das habitações.

Art. 1. Todos os proprietarios de casas habitadas são obrigados a te-las exteriormente limpas, caiando ou pintando-as, logo que se acharem denegridas ou sujas, e a reparar todo e qualquer estrago em suas paredes. o proprietario que assim o não fizer, será advertido pelo fiscal de sua freguezia o qual lhe marcará 15 dias para faze-lo, e não o fazendo será multado em 10$, e o concerto feito a sua custa immediatamente.

Art. 2. Os proprietarios de terras devolutas dentro da cidade ou mui proximo della, são obrigados a te-las muradas; e nos seus suburbios são obrigados, pelo menos a cerca-las, os infractores deste artigo soffrerão a multa de 30$.

Art. 3. Todo o individuo que se encontrar ourinando ou descomendo nas praças, ruas, beccos, etc., ou outro qualquer lugar publico desta cidade, ou borrando as portas, paredes e muros em qualquer parte deste municipio, quer de dia quer de noite, será multado em 2$ ou 2 dias de prisão.

Art. 4. He expressamente prohibido lançar de cima das casas sobre as ruas liquidos quaesquer, cisco, utensis velhos, animaes mortos, e bem assim ajuntar em qualquer parte das ruas vasos quebrados como garrafas, louças etc.

Da limpeza das ruas e praças, e de sua irrigação.

Art. 5. Todos os donos de estabelecimentos de portas abertas de qualquer natureza que sejam, artistas de quaesquer officios, sacristães de igrejas etc. estão sujeitos as seguintes disposições:

§ 1. Não lançarão, nem mandarão lançar a rua, palha, cisco, estilhaços, aparas, ou finalmente qualquer residuo, que embarace o transito ou concorra para o menor aceio das ruas, e dificulte a livre e facil circulação do ar atmospherico.

§ 2 Todas as manhãs até as 7 horas, mandarão varrer as testadas dos seus estabelecimentos e officinas até o meio da rua, se do lado opposto houver igual obrigação, alias toda a largura della, fazendo conduzir o lixo, e varreduras para os lugares designados pela camara, e a irrigar nos dias de sol, as mesmas testadas immediatamente que forem varridas: os infractores de qualquer das disposições deste e do § 1, pagarão a multa de 5$, e o duplo na reincidencia. A camara municipal mandará varrer as ruas onde não hajam estabelecimentos.

Art. 6. Todos os moradores da cidade são obrigados a conservar limpos, sem lamas e immundicias, os quintaes das casas de suas residencias, dando facil esgoto as aguas pluviaes, e cobrindo-os com uma camada de areia limpa, continuando em vigor o disposto no art. 2 tit. 3 das posturas de 30 de junho de 1849. Os infractores incorrerão na mesma pena do artigo antecedente. Esta limpeza será feita á expensas da municipalidade nos quintaes das casas habitadas por pessoas nimiamente pobres.

Art. 7. As varreduras do interior das casas poderão ser deitadas nos carros, que conduzirem os depositos das ruas, feita a varredura das ruas serão as calçadas esfregadas com uma vassoura molhada até ficarem limpas e o restante borrufado com agua limpa.

Art. 8. He prohibido que andem cães soltos e vagando pelas ruas da cidade, sendo somente permittido te-los em casa, sob pena de serem apprehendidos os que forem encontrados e de lhes ser applicada a nox-vomica.

Nesta disposição se não comprehendem os cães que acompanharem á seus donos, uma vez que tenham estes tirado para isto licença, e pago a multa [...] bem assim a[...] que trouxerem colleira, com declaração dos nomes dos mesmos donos, a quem serão entregues mediante multa de [...].

Art. 9. He inteiramente prohibida a creação de porcos dentro da cidade, e os que forem encontrados na rua, ou nos quintaes serão apprehendidos e entregues aos hospitaes de caridade. Nesta prohibição não ficam comprehendidos os que entrarem para serem mortos, que não poderão demorar-se dentro da cidade por mais de 2 dias, sob pena de pagar a multa de 10$, quem os conservar alem deste tempo.

Art. 10. A irrigação será feita baixa com agua bem dividida e de modo que ensope bem o detricto, que existir sobre as ruas sem empoçar em parte alguma.

Art. 11. A companhia encarregada da limpeza desta cidade mandará varrer, e irrigar os seguintes lugares e aquellas ruas, cujos moradores são por estas posturas isentos de fazer este serviço: pateo do Pilar, rua da Cruz do Recife, pateo de S. Frei Pedro Gonçalves, largo da Assembléa, patéo da alfandega, ponte do Recife, pateo de S. Antonio, rua Nova, praça e ponte da Boa-Vista, pateo da Santa Cruz, pateo do Carmo, pateo de S. Pedro, dito do Livramento, dito da Penha, dito da Ribeira, pateo de S. José, dito do Terço, largo do theatro, e rua, pateo e caes do Collegio, nas horas já indicadas; e terá alvarengas com toneis para receber as immundicias junto aos caes e a noite.

Do despejo e seu vasilhame.

Art. 12. O despejo publico desta cidade será feito em toneis collocados em alvarengas amuradas 15 a 20 palmos distante do caes, e ligadas á estes por uma ponte levadiça de 10 palmos de largura e 20 de comprimento pouco mais ou menos.

Art. 13. Sobre o caes, em que estiver presa á ponte levadiça existirão dous lampeões, que deem viva luz para poder-se fazer com perfeição o despejo.

Art. 14. As alvarengas com seus toneis estarão postadas nos lugares que forem indicados, desde as 7 horas da noite até as 5 da madrugada.

Da policia.

Art. 15 Nos pontos de despejo permanecerá toda a noite um guarda que examinará o estado das tinas obrigando a seus condutores a limpa-las bem, e a levar em seu interior ao menos meio palmo de agua limpa, e a manter a ordem do serviço nesse lugar, evitando conversações, brigas ou outra qualquer cousa que interrompa esse serviço.

Art. 16. Os fiscaes quando julgarem conveniente rondarão todas as noites as ruas desta cidade, principalmente nos lugares mais dispostos a serem emporcalhados, obrigando e corrigindo aos nescios a respeitarem estas posturas, e multando aos que as infringirem scientemente.

Art. 17. Os infractores dos artigos desta postura que ja' não estão declarados, serão multados pelas infracções commettidas em cinco mil reis.

Art. 18. A camara promoverá desde ja' a construcção de 16 torreões communs, sendo 4 para cada uma freguezia, os quaes deverão ser limpos todos os dias pela manhãa sem falta alguma.

Paço da camara municipal do Recife em sessão de 10 de novembro de 1855.—*Barão de Capibaribe*, presidente.—*Simplicio José de Mello.*—*Gustavo José do Rego.*—Dr. *Cosme de Sá Pereira* (vencido em parte).—*Antonio José de Oliveira.*

Approvo provisoriamente.—Palacio do governo de Pernambuco 20 de novembro de 1855.—*Figueiredo.*—Conforme, *Antonio Leite de Pinho.*—Conforme, o secretario *Manoel Ferreira Accioli.*

O Dr. Anselmo Francisco Peretti, commendador da imperial ordem da Rosa, juiz de direito especial do commercio desta cidade do Recife, provincia de Pernambuco, por S. M. I. e C. o Sr. D. Pedro II a quem Deos guarde etc.

Faço saber aos que a presente carta virem, em como Antonio Emigdio Ribeiro me requereu o conteudo em sua petição do theor seguinte:

Diz Antonio Emigdio Ribeiro morador nesta cidade, que Antonio da Cunha Soares Guimarães, tambem morador na mesma, e Luiz Epifanio Mauricio Wanderley, que se acha fóra della sem que se possa determinadamente fixar o termo ou comarca desta provincia em que elle reside, lhe são devedores da quantia de 386$ réis, principal de uma letra sacada pelo primeiro, e acceita pelo segundo, a qual se venceo a 9 de dezembro de 1850, de cuja data tem decorrido o juro de 2 por cento estipulado, e porque os supplicados lh'a não tenham querido pagar, requer o supplicante a V. Exc. sirva-se de os mandar notificar para a primeira audiencia e depois de effectuadas as citações verem assignar-se-lhes os 10 dias da lei, dentro dos quaes deverão os supplicados allegar os seus meios de deffeza, sob pena de serem condemnados no principal, juros e custas, sendo o supplicante admittido a justificar a ausencia do acceitante Vanderley, e marcando V. Exc. em sua sentença que julgar a justificação, um prazo razoavel para a fixação e publicação dos editos nos termos do artigo 45 paragrapho 3 do regulamento n. 737 de 25 de novembro de 1850, pena de revelia: assim, pede a V. Exc Illm. senhor Dr. juiz do commercio lhe defira.—E R. M—Mores e Silva.

E nada mais se continha nem outra cousa alguma se declarava em dita petição aqui bem e fielmente copiada, em virtude da qual dei e proferi o despacho do theor, forma e maneira seguinte:

Notifique-se o primeiro supplicado, e justifique o supplicante a ausencia do segundo.—Recife 3 de dezembro de 1855.—Peretti.

E nada mais se continha nem outra cousa alguma se declarava em dito despacho aqui transcripto, e produzindo o supplicante suas testemunhas, sellados os autos subiram a conclusão, nos quaes dei e proferi a sentença do theor, forma e maneira seguinte:

A vista da inquirição de folhas 6 á folhas 7 verso, julgo provada a ausencia em lugar não sabido, de Luiz Epifanio Mauricio Vanderley, pelo que mando que seja citado por editos, passando-se a respectiva carta com o prazo de 30 dias; e logo que passar este prazo marcado nos editaes for dito Vanderley havido por citado, será na forma do disposto no art. 54 do reg. n. 737, nomeado curador ao ausente para com elle correr a causa os seus devidos termos e custas.—Recife 15 de dezembro de 1855.—Anselmo Francisco Peretti.

E mais se não continha nem outra cousa alguma se declarava em dita sentença aqui bem e fielmente transcripta, em virtude da qual o escrivão que esta subscreveu, mandou passar a presente, pela qual e seu theor se chama e cita o dito devedor, para que no prazo de 30 dias compareça por si ou por seu bastante procurador, para responder aos termos de uma acção de 10 dias, que lhe propoz Antonio Emigdio Ribeiro.

Pelo que, toda e qualquer pessoa, parentes ou amigos do referido devedor o poderão fazer sciente do que acima fica exposto.

E para que chegue ao conhecimento de todos, mandei passar editos que serão affixados nos lugares designados no cod. commercial e publicado pela imprensa.

Dado e passado nesta cidade do Recife aos 21 de dezembro de 1855.—Eu Maximiano Francisco Duarte, escrivão privativo do juizo commercial o escrevi.—*Anselmo Francisco Peretti.*

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da resolução da junta da fazenda, manda fazer publico, que no dia 17 de janeiro proximo vindouro vai novamente á praça para ser arrematada a quem por menos fizer a obra do embarreamento da estrada do sul entre os marcos de 7,000 e 8,000 braças, avaliada em 990$.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario.*

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 24 de dezembro de 1855.—O secretario,

Antonio F. d'Annunciação.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria de fazenda desta provincia manda fazer publico, que tendo de serem vendidos a quem maior preço offerecer, os materiaes resultantes de um barracão que se demolio no forte das Cinco Pontas, e que no mesmo forte existem; as pessoas a quem convier a compra dos mesmos materiaes, deverão apresentar suas propostas em carta fechada até o dia 8 do proximo futuro mez de janeiro.

Secretaria da thesouraria de fazenda de Pernambuco 24 de dezembro de 1855.—O official maior,

Emilio Xavier Sobreira de Mello.

O Dr. Abilio José Tavares da Silva, juiz de orphãos e ausentes nesta cidade do Recife de Pernambuco e seu termo, por S. M. I. e C., que Deos guarde, etc.

Faço saber aos que este edital virem ou delle noticia tiverem, que por este juizo se está instaurando processo de interdicção contra D. Maria Joaquina Martins, viuva de Manoel José Martins Ribeiro; e para que ninguem se chame a ignorancia, mandei passar o presente por meio de meu despacho.

Dado e passado nesta cidade do Recife sob meu signal e sello deste meu juizo de orphãos, que perante mim serve aos 20 de dezembro de 1855.

Eu Floriano Corrêa de Brito escrivão, o fiz escrever e subscrevi.

Abilio José Tavares da Silva.

O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial em cumprimento da resolução da junta da fazenda, manda fazer publico que as obras supplementares a fazer-se na ponte sobre o rio Capibaribe na estrada de Páo d'Alho, vão novamente a praça no dia 17 de janeiro proximo vindouro, para serem arrematadas a quem por menos as fizer, avaliadas em 12:891$822 reis.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario.*

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 17 de dezembro de 1855.

O secretario.

A. F. d'Annunciação.

O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da resolução da junta da fazenda, manda fazer publico, que no dia 17 de janeiro proximo vindouro, vai novamente a praça para ser arrematada a quem por menos fizer a conservação permanente do 1. termo da estrada da Victoria, avaliada em 2:057$000 reis, por tempo de 10 mezes.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario.*

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 17 de dezembro de 1855.

O secretario.

A. F. d'Annunciação.

O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da resolução da junta da fazenda, manda fazer publico, que no dia 24 de janeiro proximo vindouro, vai novamente á praça para ser arrematada a quem por menos fizer a conservação permanente da estrada de Páo d'Alho avaliada em 1:000$000 reis, por 10 mezes.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario.*

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 17 de dezembro de 1855.

O secretario.

A. F. d'Annunciação.

O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da resolução da junta da fazenda, manda fazer publico, que no dia 24 de janeiro proximo futuro, perante a mesma junta, vai novamente a praça para ser arrematada a quem por menos fizer a conservação permanente da estrada do Sul, avaliada em 5:400$000 reis, por tempo de 10 mezes.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario.*

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 17 de dezembro de 1855.

O secretario.

A. F. d'Annunciação.

O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da resolução da junta de fazenda, manda fazer publico, que no dia 24 de janeiro proximo vindouro, vai novamente a praça para ser arrematada a quem por menos fizer a conservação premanente da estrada do Norte, avaliada em 1:201$728 reis, por tempo de 10 mezes.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario.*

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 17 de dezembro de 1855.

O secretario.

A. F. d'Annunciação.

DECLARAÇO'ES.

BANCO DE PERNAMBUCO.

O Banco de Pernambuco sacca a vista sobre o do Brasil no Rio de Janeiro. Banco de Pernambuco 5 de dezembro de 1855.—O secretario da direcção, João Ignacio de Medeiros Rego.

O banco de Pernambuco toma dinheiro a juros, de conformidade com os seus estatutos. Banco de Pernambuco 24 de novembro de 1855.—João Ignacio de Medeiros Rego, secretario da direcção.

Tendo-se de proceder nesta provincia a demarcação e balisamento das barras de Camaragibe, Porto de Pedras, Tamandaré ao sul e Maranguape ao norte na conformidade do disposto no aviso da repartição da marinha de 13 de novembro proximamente findo, ao qual refere-se o officio do Exm. Sr. presidente de 27 do mesmo mez, o Illm. Sr. inspector do arsenal de marinha manda fazer publico que contrata com qualquer das fundições desta cidade a acquisição das seis boias de ferro precisas para um tal fim, de conconfigurações constantes da planta existente nesta secretaria, que será franqueada a quem queira vê-la antes do contracto, devendo este ter lugar no dia 31 do andante mez, pelas 11 horas da manhãa, precedendo as respectivas propostas entregues até esta mesma hora.

Secretaria da inspecção do arsenal de marinha de Pernambuco em 15 de dezembro de 1855.—O secretario, *Alexandre Rodrigues dos Anjos.*

— O Illm. Sr. inspector do arsenal de marinha, contrata com quem mais vantagens offerecer a favor da fazenda, a encommenda e compra de 4,000 barricas de bom cemento, para as obras do melhoramento do porto, vindas da Europa, e entregues no todo ou em partes nas epocas que convencionar-se, tendo lugar o contrato no dia 30 do corrente mez, pelas 11 horas da manhãa, em vista de propostas em cartas fechadas apresentadas até essa hora.

Secretaria da inspecção do arsenal de marinha de Pernambuco em 18 de dezembro de 1855.—O secretario, *Alexandre Rodrigues dos Anjos.*

— Pela recebedoria de rendas internas geraes se declara que no corrente mez se finda o prazo para pagamento, sem multa, dos impostos do anno de 1855—1856 a saber: renda dos proprios nacionaes, foros dos terrenos de marinha, decima addicional das corporações de mão morta, imposto sobre lojas, casas de desconto, etc., dito sobre casas de moveis, roupas, etc. fabricadas em paiz estrangeiro, dita sobre barcos do interior e taxa de escravos, depois do qual pagarão a multa de 3 por cento em favor dos cobradores. Recebedoria de Pernambuco 4 de dezembro de 1855.—O administrador, Manoel Carneiro de Souza Lacerda.

AVISOS MARITIMOS.

— Para o Aracaty pretende seguir por estes dias o hiate «Capibaribe» com a carga que tiver; para o resto ou passageiros, dirija-se a rua do Vigario n. 5.

— Para Lisboa pretende sahir com muita brevidade o brigue portuguez «Imperador» por ter a maior parte da carga prompta: para o resto da carga trata-se com os consignatarios Novaes & C., rua do Trapiche n. 54, ou com o capitão na praça.

Maranhão e Para'.

Segue em poucos dias o brigue escuna *Graciosa*; recebe carga e passageiros: trata-se com o consignatario J. B. da Fonseca Junior, na rua do Vigario n. 23.

— Para o Aracaty deve seguir com muita brevidade o hiate *Aurora*, o qual ainda recebe alguma carga: a tratar com os proprietarios, na rua da Mãe de Deos n. 2.

PARA O RIO DE JANEIRO.

A barca brasileira *Ipojuca*, forrada e encavilhada de cobre, e já bem conhecida pela sua veloz marcha, vai seguir para o Rio de Janeiro com presteza, por ter meio carregamento prompto: quem na mesma quizer carregar, dirija-se a rua da Cadeia do Recife n. 12, escriptorio de Baltar & Oliveira.

— Para o Aracaty segue com brevidade o hiate «Exalação»; recebe carga e passageiros: trata-se com Caetano Cyriaco da C. M., ao lado do Corpo Santo n. 25.

LEILO'ES.

— O agente Oliveira, autorisado pelo Sr. E. Fenton, que seguio proximamente no vapor *Tay* para Inglaterra, fará leilão da muito superior mobilia e mais artigos da sua casa de morada no campo, sendo toda ella de madeiras escolhidas, consistindo em mesas redondas e consolos com tampo de pedra, sofás, cadeiras, ditas de balanço e de braços, bancas de jogo, ditas para sofá, tapetes e esteiras quasi novas, de forro de sala, candieiros de globo, lanternas, vasos, figuras e outros enfeites de porcelana para mesa, linda caixinha de costura, espelhos grandes, bellos quadros, relogios perfeitos com corda para 16 e 8 dias, um optimo piano moderno, guarda-roupas, guarda-livros, commodas, toucadores, marquezas, leitos riquissimos para casados e singelos, banquinhas para luz, lavatorios com pedra e sem ella, banheiros de folha, mesa de jantar, aparadores, guarlouças, apparelhos de louça fina para jantar e para almoço, crystaes muito ricos, armarios, lindo carrinho para meninos, trem de cozinha, porção de vinhos da primeira qualidade, conservas, preparos para jardim, vasos de louça para dito, e outros muitos objectos: sexta-feira, 28 do corrente, as 10 horas da manhãa, na indicada casa, na estrada da Ponte de Uchoa, defronte do sitio do finado Exm. Barão de Beberibe.

AVISOS DIVERSOS.

— Na fabrica de chapeos de feltro de C. W. Mull, defronte do novo hospital militar, precisa-se de um official perfeito para propiagista.

— O delegado do primeiro districto do Recife deseja fallar com o padre Justino Domingues a negocio que lhe diz respeito, e por isso dirija-se a mesma delegacia, ou declare sua morada.

— Aluga-se uma sala muito fresca, em um segundo andar na rua do Queimado: a tratar na mesma rua, loja n. 21.

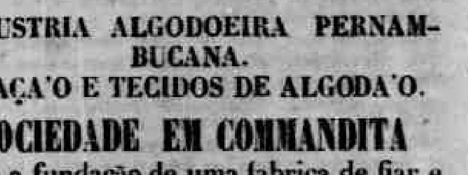
— Precisa-se de uma ama: na rua Bella n. 36.

— O ex-proprietario do hotel da Europa faz publico, que nada deve nesta praça; mas se alguem se julgar seu credor, apresente suas contas legalisadas, que serão immediatamente pagas; igualmente roga aos seus devedores que venham satisfazer seus debitos: a casa de sua residencia he na rua da Aurora n. 58.

— Fugio no dia 17 do corrente o escravo crioulo, de nome Manoel, com os signaes seguintes: baixo, côr preta, pés grossos, tem na testa uma cicatriz, he quebrado de ambas as verilhas, levou calça e camisa de algodãozinho azul, sendo a camisa de meia manga; consta ter sido encontrado por Santo Amaro e Pombal: roga-se, portanto, as autoridades policiaes e capitães de campo, que o apprehendam e levem a seu senhor, no pateo da Santa Cruz n. 6, padaria, que serão recompensados.

COMPANHIA
*P*ernambucana.

A direcção pede aos Srs. accionistas que ainda não entraram com a ultima prestação de 15 por cento, se dignem paga-la até o fim do corrente anno: no escriptorio n. 24 rua da Cruz.



INDUSTRIA ALGODOEIRA PERNAMBUCANA.

FIAÇA'O E TECIDOS DE ALGODA'O.

SOCIEDADE EM COMMANDITA

Para a fundação de uma fabrica de fiar e tecer algodão, organisada por Francisco Maria Duprat na capital da provincia de Pernambuco.

CAPITAL SOCIAL 300:000$000.

Socios em nome collectivo gerentes responsaveis da sociedade, os Srs. Antonio Marques de Amorim, Justino Pereira de Farias, Manoel Alves Guerra.

Socio de industria administrador do material e pessoal da fabrica e dependencias, Francisco Maria Duprat.

Firma social, Amorim, Faria, Guerra & C.

Esta sociedade admitte socios commanditarios de 100$000 até 5:000$000.

A duração da sociedade será de 12 annos a contar do primeiro dia em que a fabrica principiar a trabalhar.

Ella poderá ser prorogada no fim do dito prazo, ou dissolvida antes por deliberação da maioria dos socios de 500$000 reis para cima, se a sua duração se tornar prejudicial.

Os socios realisarão as entradas de seus fundos ao passo que lhes forem reclamadas pelos socios gerentes, que lhes passarão os competentes recibos.

O maximo das entradas será de 20 por cento do capital subscripto, a primeira entrada será de 10 por cento e será reclamada pelo gerentes para ser paga no corrente de janeiro proximo futuro.

Haverá sempre pelo menos 30 dias d'intervallo entre cada chamada de fundos.

A sociedade conta com o concurso das assignaturas dos senhores de engenhos e plantadores de algodão, por serem directamente interessados na prompta realisação da fabrica.

Ella poderá consumir annualmente 30 a 40 mil arrobas de algodão, quando ella se achar em pleno andamento.

Poderá dar o tecido para saccos de assucar, e roupa da classe pobre a 240 reis a vara; o da Bahia que costumava vender-se de 260 a 280 reis tem se vendido ultimamente a 320 reis, e não ha mesmo a este preço agora que he mais procurado.

A fabrica occupará diariamente para mais de 200 trabalhadores de 10 a 12 annos de idade para cima.

Alem dos aprendizes que serão muito numerosos, ella empregará muitos tecelões dos que trabalham em teares a mão em diversos lugares da provincia, sobre os quaes fazem com muito custo 5 a 6 varas de tecido por dia, em pouco tempo se tornarão habilitados a poder fazer sem grande esforço 40 a 60 varas por dia sobre os teares mecanicos.

O feitio lhes será pago como nas fabricas da Bahia 20 reis a vara, o que lhes produzirá um jornal de 800 a 1$200 reis por dia.

Os senhores que residem fora da capital e que quizerem entrar nesta util sociedade, poderão dirigir suas cartas de pedido a qualquer dos tres socios gerentes, ou ao socio de industria Duprat, que tem em seu poder o livro das subscripções.

Elles declararão os seus nomes por extenso, domicilio, e o nome do correspondente n'esta capital encarregado d'effectuar o pagamento das entradas das prestações, quando forem reclamadas.

Alem do bem geral que resultará para a provincia com a introducção d'esta industria e creação d'esta fabrica, os socios podem contar, logo que a fabrica estiver em pleno andamento, com um beneficio annual de mais de 12 por cento do capital.

Uma copia impressa da escriptura da sociedade será entregue a cada um dos socios na occasião de effectuar o pagamento da primeira prestação de 10 por cento do capital subscripto.

Pernambuco 1 de dezembro de 1855.

F. M. Duprat.

— Os credores da casa fallida de Ricardo Joyet queiram se apresentar para receber o primeiro dividendo de dez por cento; todas as segundas feiras de 1 as 3 horas da tarde, em casa dos Srs. Johnston Pater & Companhia, rua do Vigario n. 3.

— Henrique Eduardo Pingeon retira-se para a Europa.

— O Dr. João Maria Seve, medico, mudou a sua residencia para a rua da Cadeia do Recife, casa n. 53, segundo andar, onde póde ser procurado para o exercicio de sua profissão.

CONSULTORIO DOS POBRES

50 RUA NOVA 1 ANDAR 50.

O Dr. P. A. Lobo Moscozo da consultas homeopathicas todos os dias aos pobres, desde 9 horas da manhãa ate o meio dia, e em casos extraordinarios a qualquer hora do dia ou noite.

Offerece-se igualmente para praticar qualquer operação de cirurgia, e acudir promptamente a qualquer mulher que esteja mal de parto, e cujas circumstancias não permittam pagar ao medico.

NO CONSULTORIO DO DR. P. A. LOBO MOSCOZO.

50 RUA NOVA 50

VENDE-SE O SEGUINTE:

Manual completo de meddicina homeopathica do Dr. G. H. Jahr, traduzido em portuguez pelo Dr. Moscozo, quatro volumes encadernados em dous e acompanhado de um diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc. . . . . . . 20$000

Esta obra, a mais importante de todas as que tratam do estudo e pratica da homeopathia, por ser a unica que contém a base fundamental d'esta doutrina—A PATHOGENESIA OU EFFEITOS DOS MEDICAMENTOS NO ORGANISMO EM ESTADO DE SAUDE—conhecimentos que não podem dispensar as pessoas que se querem dedicar a pratica da verdadeira medicina, interessa a todos os medicos que quizerem experimentar a doutrina de Hahnemann, e por si mesmos se convencerem da verdade d'ella: a todos os fazendeiros e senhores de engenho que estão longe dos recursos dos medicos: a todos os capitães de navio, que uma ou outra vez não podem deixar de acudir a qualquer incommodo seu ou de seus tripulantes: a todos os pais de familia que por circumstancias, que nem sempre podem ser prevenidas, são obrigados a prestar *in continenti* os primeiros soccorros em suas enfermidades.

O vade-mecum do homeopatha ou traducção da medicina domestica do Dr. Hering, obra tambem util ás pessoas que se dedicam ao estudo da homeopathia, um volume grande, acompanhado do diccionario dos termos de medicina . . . 10$000

O diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc., encardenado. . . 3$000

Sem verdadeiros e bem preparados medicamentos não se pode dar um passo seguro na pratica da homeopathia, e o proprietario deste estabelecimento se lisongeia de te-lo o mais bem montado possivel e ninguem duvida hoje da grande superioridade dos seus medicamentos.

PREÇOS INVARIAVEIS.

Boticas da 5ª ou 30ª dynamisação.	Menores.	Grandes.
De 12 tubos	8$000	16$000
De 24 »	15$000	20$000
De 36 »	20$000	25$000
De 48 »	25$000	30$000
De 60 »	30$000	35$000
De 144 »	60$000	

Qualquer destas boticas em tincturas, o dobro.
Cada tubo avulso . . . . 1$000
Meia onça de qualquer tinctura da quinta dynamisação . . . . 2$000
Um frasco da verdadeira tinctura de arnica . . . . . 2$000

Na mesma casa ha sempre a venda grande numero de tubos de crystal de diversos tamanhos, vidros para medicamentos, e apromptase qualquer encommenda de medicamentos com toda a brevidade e por preços muito commodos.

TRATAMENTO HOMEOPATHICO.

Preservativo e curativo

DO CHOLERA-MORBUS,

PELOS DRS.

CHARGÉ E JAHRR.

ou instrucção ao povo para se poder curar desta enfermidade, administrando os remedios mais efficazes para atalha-la, emquanto se recorre ao medico, ou mesmo para cura-la independente destes nos lugares em que não os ha.

TRADUZIDO EM PORTUGUEZ, PELO DR. P. A. LOBO MOSCOZO.

Estes dous opusculos contém as indicações mais claras e precisas, e pela sua simples e concisa exposição está ao alcance de todas as intelligencias, não só pelo que diz respeito aos meios curativos, como principalmente aos preservativos que tem dado os mais satisfactorios resultados em toda a parte em que elles tem sido postos em pratica.

Sendo o tratamento homeopathico o unico que tem dado grandes resultados no curativo desta horrivel enfermidade, julgamos a proposito traduzir estes dous importantes opusculos em lingua vernecula, para dest'arte facilitar a sua leitura a quem ignore o francez.

Vende-se unicamente no Consultorio do traductor, rua Nova n. 52. por 2$000. Vendem-se tambem os medicamentos precisos e boticas de 12 tubos com um frasco de tinctura 10$000, um dito de 30 tubos 20$000.

LOTERIA DA PROVINCIA.

O cautelista Salustiano de Aquino Ferreira avisa as pessoas que compram bilhetes e cautelas das loterias da provincia para negocio, o qual esta resolvido a vender os referidos bilhetes e cautelas pelos preços abaixo declarados, dinheiro á vista, sendo a quantia de 100$ até 1:000$, permanecendo firmes estes preços em quanto não se alterar o plano actual de 5,000 bilhetes, pelo qual são extrahidas as loterias da provincia. São pagos sem o desconto de 8 por cento do imposto geral, na rua do Trapiche n. 30, segundo andar.

		Recebe por inteiro	
Bilhetes	5$400		5:000$000
Meios	2$700	» »	2:500$000
Terços	1$820	» »	1:666$666
Quartos	1$360	» »	1:250$000
Quintos	1$090	» »	1:000$000
Oitavos	680	» »	625$000
Decimos	560	» »	500$000
Vigesimos	280	» »	250$000

O cautelista
Salustiano de Aquino Ferreira.

— Traspassam-se as chaves e uma linda armação de amarello envidraçada da loja n. 35 da praça da Independencia: a tratar na rua Nova n. 23, fabrica de chapéos de sol, esquina da Camboa do Carmo.

Daguerreotypo.

Na rua do Crespo, sobrado n. 19, primeiro andar, se abrio um novo estabelecimento daguerreotypo, aonde se acha um completo sortimento chegado ultimamente de Paris, dos pertences necessarios para se tirarem retratos de pessoas de todos os tamanhos e idades. Tambem se vão tirar em toda a parte aonde for chamado para esse fim, tanto de vivos como de mortos, vistas, edificios, etc.: quem se quizer utilisar, póde ir ao mesmo sobrado das 8 horas da manhãa as 4 da tarde; os preços são razoaveis.

RAPÉ FRANCEZ.

O verdadeiro e genuino rapé francez deve ter preferencia sobre outro qualquer rapé tanto pelo seu simples e agradavel aroma, como pela sua qualidade higyenica, visto não ter a menor composição que faça damno as pessoas que delle fazem uso. Vende-se por 3$000 cada meio kilograma, que regula muito mais de uma libra: nas lojas dos Srs. Moreira & Duarte rua do Cabuga' n., João Cardozo Ayres rua da Cadeia do Recife n. 41, e no escriptorio de Burle, Souza & C. rua da Cruz n. 48.

Chegando ao conhecimento do publico pelo almanak do anno de 1856, que he morto o Sr. Antonio Carlos, pede-se encarecidamente a' Illm. Sra. viuva de Antonio Carlos do engenho Una de Santo Antão, de publicar por esta folha onde se acha morando, e quando pretende proceder o inventario dos bens para nelle serem contempladas as dividas passivas deixadas pelo seu muito prezado marido, afim de ser tambem pago.
Um de seus credores

— Manoel José Leite declara que arrematou as dividas activas da casa commercial dos Srs. Silva & Araujo, e roga aos devedores da referida casa, tenham a bondade entender-se com o annunciante na loja da rua do Queimado n. 10, afim de amigavelmente saldarem seus debitos.

Aviso importantissimo pára os Srs. jogadores das loterias.

O cautelista Salustiano de Aquino Ferreira

avisa aos Srs. jogadores das loterias da provincia, que os preços dos bilhetes e cautelas ficam firmes como abaixo se demonstra, os quaes são pagos sem o desconto de oito por cento da lei nas tres primeiras sortes grandes em quanto existir o plano actual de 5,000 bilhetes, pelo qual são extrahidas as loterias da provincia. Elles estão expostos á venda nas lojas do costume. Só he responsavel a pagar os oito por cento da lei sobre os tres primeiros premios grandes em seus bilhetes inteiros vendidos em originaes.

		Recebe por inteiro	
Bilhetes	5$600		5:000$000
Meios	2$800	» »	2:500$000
Terços	1$920	» »	1:666$666
Quartos	1$440	» »	1:250$000
Quintos	1$160	» »	1:000$000
Oitavos	[illegible]	» »	625$000
Decimos	[illegible]	» »	500$000
Vigesimos	300	» »	250$000

O cautelista
Salustiano de Aquino Ferreira.

Maia Irmão

avisam as senhoras de bom gosto que no seu novo estabelecimento da rua do Crespo que faz quina para a rua da Cadeia, ha um variado sortimento de chapeos, tanto de passeio como de montaria, de bonitas fórmas e riquissimos enfeites, assim como se vendem gorros de malha de seda bordados de diversas cores, tudo por modicos preços.

DENTISTA FRANCEZ.

Paulo Gaignoux, dentista, estabelecido na rua larga do Rosario n. 36, segundo andar, colloca dentes com a pressão do ar, e chumba dentes com a massa adamantina e outros metaes.

— Illm. Sr. presidente e mais membros da commissão de hygiene desta provincia.—Diz Paulo Luiz Gaignoux, dentista francez, que precisa a bem de seu direito, Vs. Ss. serem servidos examinar a preparação de que se serve para chumbar dentes, e denominou massa adamantina, em ordem de verificar-se que a dita preparação differe inteiramente de todas as conhecidas. Pede a Vs. Ss. sejam servidos deferir-lhe como requer.—E. R. Mc.
Paulo Luiz Gaignoux.

A massa denominada pelo supplicante—Adamantina—e por elle apresentada á commissão de hygiene publica, differe de todas as apresentadas nessa mesma occasião por outros; sendo a confrontação feita na presença de todos. Sala das sessões da commissão 30 de julho de 1855.—Dr. A. Fonseca.

— Aluga-se um sitio com bo[illegible] qual tem multos commodos, sita na povoação do Monteiro; a tratar na rua do Trapiche n. 14.

— Uma pessoa versada em latim, francez, inglez, portuguez, geographia, geometria, arithmetica e philosophia, ensina para a freguezia de Santo Antão ou parte conjuncta a ella: quem precisar annuncie.

REPERTORIO DO MEDICO HOMEOPATHA.

EXTRAHIDO DE RUOFF E BOENNINGHAUSEN E OUTROS,

é posto em ordem alphabetica, com a descripção abreviada de todas as molestias, a indicação physiologica e therapeutica de todos os medicamentos homeopathicos, seu tempo de acção e concordancia, seguido de um diccionario da significação de todos os termos de medicina e cirurgia, e posto ao alcance das pessoas do povo, pelo

DR. A. J. DE MELLO MORAES.

Os Srs. assignantes podem mandar buscar os seus exemplares, assim como quem quizer comprar.

Massa adamantina.

He geralmente reconhecida a excellencia desta preparação para chumbar dentes, porque seus resultados sempre felizes são ja do dominio do publico. Sebastião José de Oliveira faz uso desta preciosa massa, para o fim indicado, e as pessoas que quizerem honra-lo dispondo de seus serviços, podem procura-lo na travessa do Vigario n. 1, loja de barbeiro.

J. JANE, DENTISTA,

continúa a residir na rua Nova n. 19, primeiro andar.

— Precisa-se fallar com o Sr. Manoel Mendes Ferreira Guimarães, ou com pessoa encarregada dos negocios do mesmo: em casa de Paton Nash & Companhia, rua do Trapiche Novo n. 10.

O SOCIALISMO

PELO GENERAL ABREU E LIMA.

Ainda existem alguns exemplares enquadernados, e acham-se a' venda na loja de livros dos senhores Ricardo de Freitas & C., esquina da rua do Collegio, e em casa do autor, pateo do Collegio, casa amarella, no primeiro andar.

— Precisa-se de uma ama para uma casa de pouca familia: na praça do Corpo Santo n. 17.

CONSULTORIO CENTRAL HOMŒOPATHICO.

(Gratuito para os pobres.)

Rua de Santo Amaro, (Mundo-Novo) n. 6.

O Dr. Sabino Olegario Ludgero Pinho dá consultas todos os dias desde as 8 horas da manhãa até as 2 da tarde.

Visita os enfermos em seus domicilios, das 2 horas em diante; mas em casos repentinos e de molestias agudas e graves as visitas serão feitas em qualquer hora.

As molestias nervosas merecem tratamento especial segundo meios hoje aconselhados pelos praticos modernos. Estes meios existem no consultorio central.

— Novos livros de homeopathia em francez, sob todas de summa importancia:

Hahnemann, tratado das molestias chronicas, 4 volumes . . . . 20$000
Teste, molestias dos meninos . . . . 6$000
Hering, homeopathia domestica . . . . 7$000
Jahr, pharmacopéa homeopathica . . . . 6$000
Jahr, novo manual, 4 volumes . . . . 16$000
Jahr, molestias nervosas . . . . 6$000
Jahr, molestias da pelle . . . . 8$000
Rapou, historia da homeopathia, 2 volumes 16$000
Harthmann, tratado completo das molestias dos meninos . . . . 10$000
A Teste, materia medica homeopathica . . 8$000
De Fayolle, doutrina medica homeopathica 7$000
Clinica de Staoneli . . . . 6$000
Casting, verdade da homeopathia . . . . 4$000
Diccionario de Nysten . . . . 10$000
Atlas completo de anatomia com bellas estampas coloridas, contendo a descripção de todas as partes do corpo humano . . 30$000

vedem-se todos estes livros no consultorio homeopathico do Dr. Lobo Moscoso, rua Nova n. 50, primeiro andar.

—Precisa-se de uma ama de leite, preferindo-se escrava: quem pretender dirija-se a rua das Cruzes n. 11, segundo andar.

NO CONSULTORIO HOMŒOPATHICO DO DR. CASANOVA.

28. Rua das Cruzes 28.

Ha sempre grande sortimento dos mais acreditados medicamentos homœopathicos, carteiras de todos os tamanhos, e muito mais em conta do que em outra qualquer parte.
(Os pobres tratam-se de graça.)

A HOMEOPATHIA E O CHOLERA.

Unico tratamento preservativo e curativo.

DO

CHOLERA MORBUS,

Pelo Dr. Sabino Olegario Ludgero Pinho.

Acaba de sahir á luz este excellente opusculo, que muito deve contribuir para a salvação do povo no tratamento da epidemia que se receia.

Vende-se por. . . . . 1$000

He destribuido gratis aos senhores assignantes do *thesouro homeopathico* ou *vade-mecum do homeopatha* e igualmente a todos os Rvms. Srs. vigarios, que acreditam na homeopathia.

Consultorio central homeopathico de Pernambuco (Mundo Novo) n. 6.

Pastelaria franceza,

aterro da Boa-Vista n. 17.

Madama Blandin tem recebido pelo ultimo navio francez chocolate Baunilha a 1$600 a libra, dito Bagueres a 1$280, dito Bain Turc a 1$280, e um sortimento de caixinhas de confeitos.

AO PUBLICO.

No armazem de fazendas baratas, rua do Collegio n. 2,

vende-se um completo sortimento de fazendas, finas e grossas, por preços mais baixos do que em outra qualquer parte, tanto em porções, como a retalho, affiançando-se aos compradores um só preço para todos: este estabelecimento abrio-se de combinação com a maior parte das casas commerciaes inglezas, francezas, allemãas e suissas, para vender fazendas mais em conta do que se tem vendido, e por isto offerecendo elle maiores vantagens do que outro qualquer; o proprietario deste importante estabelecimento convida a' todos os seus patricios, e ao publico em geral, para que venham (a' bem dos seus interesses) comprar fazendas baratas, no armazem da rua do Collegio n. 2, de
Antonio Luiz dos Santos & Rolim.

SALA DE DANSA.

O abaixo assignado faz sciente aos Srs. assignantes de sua sala, que a mesma se acha fechada, e pretende abrir no dia 8 de janeiro proximo futuro.
Antonio dos Santos Mira.

LOTERIA DO RIO DE JANEIRO.

Acham-se a venda os novos bilhetes da loteria 8 do theatro de San-Pedro de Alcantara, que devia correr a 18 do presente; as listas esperamos pelo vapor nacional no dia 1 ou 2 de janeiro vindouro: os premios serão pagos a' distribuição das listas.

MAIA IRMA'OS.

Teem a honra de participar ao respeitavel publico que teem aberto uma n[illegible] e fabrica de chapeos na rua do Crespo, no sobrado novo que faz esquina para a rua da Cadeia, aonde os compradores acharão desde hoje em diante um bello sortimento de chapéos e fazendas tendentes ao mesmo estabelecimento, e por menos preço do que em outra qualquer parte, tanto em porção como a retalho, e desde ja lhe recommendam chapéos francezes de bonitas e elegantes fórmas e de boa qualidade, ditos feitos na terra de todas as qualidades de palha, seda, e montaria para senhora, de lustre para pagem, e um rico sortimento de galões finos, de prata e ouro para os mesmos; chapéos de castor francezes e inglezes, ditos de Italia para homens, meninos e senhoras, do Chile finos para homens, meninos e senhoras, bonetes de todas as qualidades, assim como se apronta qualquer encommenda tendente ao mesmo estabelecimento, e tudo por preços mais baratos do que em outra qualquer parte.

—Bonetes de seda para homem de gostos muito modernos: vendem-se na rua Nova n. 54, fabrica e loja de Christiani & Irmão.

O ASSESSOR FORENSE

OU

o formulario de todas as acco'es conhecidas no nosso foro

PELO

DR. CARLOS ANTONIO CORDEIRO.

Acaba de ser publicada e acha-se a venda na livraria da esquina do Collegio n.° 20 de Ricardo de Freitas & C. a primeira parte do Assessor Forense contendo, alem do formulario do processo perante o jury, (adoptado pelo governo) notavelmente augmentado com todas as petições, despachos, e mais termos que nella foram apenas indicados:

O formulario completo dos recursos.
O do processo de *habeas-corpus*.
O dos termos de bem viver.
O dos termos de segurança, quer ex-officio, quer a requerimento de parte.
O formulario do processo por quebramento deste termos.
O de todos os processos policiaes, e que cabem na alçada.
O de suas appellações.
O do processo por abuso de liberdade de imprensa quer por crime de injuria, quer por crime de calumnia.
O do processo de responsabilidade dos empregados não privilegiados.
O do processo por crime de contrabando.

Este trabalho acha-se feito com tanta minuciosidade e clareza, que os Srs. juizes, delegados e subdelegados, escrivães, advogados, inspectores de quarteirão, procuradores, ou outro qualquer empregado de justiça, quando não tenham mesmo ideia alguma de processo, o poderão instaurar e conduzi-lo por si mesmos regular e legalmente: taes são as explicações do Assessor Forense.

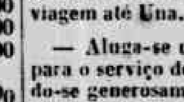
Na casa acima indicada, vende-se tambem a collecção de principios, regras, maximas e axiomas de direito em geral, pelo mesmo Dr. Cordeiro, obra de immensa vantagem para os Srs. juizes, advogados provisionados, etc., por isso que nella se encontra, em ordem alphabetica, todas as regras, maximas de direito, etc., com citação das fontes de onde são colhidas.

O preço do Assessor Forense he 5$ brochado, e 6$ encadernado.

O da collecção dos principios e axiomas de direito he 2$.

— Na rua Direita n. 91, primeiro andar, precisa-se de um criado para acompanhar a uma pessoa em viagem até Una.

— Aluga-se uma mulher forra ou mesmo captiva para o serviço de uma casa de pouca familia, pagando-se generosamente: na rua do Rosario n. 50.



No dia 24 do corrente ás 10 ½ horas da noite partirá de Apipucos um Omnibus na direcção do Recife, edahi partirá outro depois de missa, as 2 horas, para Apipucos: os bilhetes de entrada vendem-se no escriptorio da rua da Cadeia de Santo Antonio n. 13.

— Do poder do abaixo assignado desencaminhou-se uma lettra da quantia de 120$ aceita em 10 do corrente mez de dezembro de 1855, a 12 mezes precisos, por Antonio José de França, morador em Cruangi; por isso previne-se que ninguem faça negocio com a dita lettra, pois ja se preveniu o aceitante, e até aceitou outra: por isso quem a achou a podera entregar ao mesmo abaixo assignado, que lhe ficará obrigado. Engenho Vertente 18 de dezembro de 1855.—Francisco José de Souza Pinto.

— Precisa-se de uma ama com bom leite, paga-se bem: na rua estreita do Rosario, deposito de pão n. 4.

— Arrenda-se o sitio da capella da Conceição, na estrada de João de Barros, com grande casa nova e um grande viveiro, com coqueiros em roda do dito e muitas fructeiras.

— Joaquim Ferreira Pinto retira-se para fóra do imperio a tratar de sua saude.

---O cautelista Antonio José Rodrigues de Souza Junior, vendeu em quatro quartos o n. 4070 com a sorte de 5:000,000 rs., e outras muitas de 200,000, 100,000 50,000, 20,000 e 10,000 rs., e convida os possuidores de ditos quartos e mais premios de 200,000 e 100,000 rs. a virem receber em sua casa, rua do Collegio n. 21, primeiro andar, logo que sahir a lista geral, e as outras sortes, em as lojas aonde foram vendidas.

—O cautelista Salustiano de Aquino Ferreira, avisa aos possuidores dos dous meios bilhetes n. 1052, da segunda parte da terceira loteria do Gymnasio, em que sahio o premio de 2:500$000 rs., podem vir receber sem o desconto de 8 por cento da lei, na rua do Trapiche n. 56, segundo andar, logo que sahir a lista geral. Pernambuco 24 de dezembro de 1855.—Salustiano de Aquino Ferreira.

Attenção.

O cautelista Antonio da Silva Guimarães vendeu o n. 1550, com 1:000$000 rs., em dous meios bilhetes, assim como outros de 100$ e 50$000. Recife 24 de dezembao de 1855.—Antonio da Silva Ouimarães.

LOTERIA DA PROVINCIA.

O Illm. Sr. thesoureiro manda fazer publico, que se acham a venda os bilhetes da terceira parte da quarta loteria, a beneficio da matriz de San-Pedro Martyr de Olinda, cujas rodas andam no dia 5 de janeiro de 1856.—Luiz Antonio Rodrigues de Almeida, escrivão das loterias.

Attenção.

Na confeitaria da rua da Cruz n. 17, acha-se á venda um grande sortimento de doces seccos e de calda de todas as qualidades, por preço mais commodo que em outra qualquer parte, assim como tambem se apromptam encommendas para dentro e fóra do imperio com actividade e limpeza, e igualmente um grande sortimento de confeitos e grande porção de ananazes abacaxis, proprios para embarque para fóra do imperio, tudo por preço commodo.

— Precisa-se de uma ama para engommar e tratar de crianças: a tratar na rua do Brum n. 20, segundo andar, ou na rua do Vigario n. 9, armazem de assucar.

Precisa-se

de uma ama forra ou escrava para casa de pouca familia, paga-se bem: quem estiver nestas circumstancias, dirija-se a rua do Queimado n. 30.

COMPRAS.

— Compra-se [illegible] qualquer porção de caliça a 240 a carroça: na [illegible]ira da rua da Roda.

— Compram-se novilhas e garrotes que sejam gordos, e que tenham de 4 arrobas para cima: na rua larga do Rosario, açougue n. 5.

— Compra-se uma barcaça nova ou em muito bom estado para o serviço do lazareto do Pina; a tratar na provedoria da saude, defronte do arsenal de marinha.

VENDAS.

Folhinhas

PARA 1856.

Estão a' venda as bem conhecidas folhinhas impressas nesta typographia, as de algibeira a 320 e as de porta a 160; as de algibeira alem do kalendario ecclesiastico e civil, contém um resumo dos impostos municipaes, provinciaes e geraes que affectam todas as classes da sociedade, extracto dos regulamentos parochiaes, do cemiterio, enterros e sello, tratamento de varias molestias, inclusive a do cholera, contos, variedades e regras para fazer manteiga e queijos de differentes qualidades, ditas ecclesiasticas ou de padre, correctas, e conforme as rubricas e uso deste bispado, feitas pelo padre Machado o mais antigo folhinheiro desta provincia, (sem privilegio visto como a constituição e leis do Brasil o prohibem) a 400 rs. cada uma: vendem-se unicamente na livraria n. 6 e 8, da praça da Independencia.

Oração contra a peste e o cholera-morbus.

Acha-sea venda na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia um folhetinho com differentes orações contra o cholera-morbus, e qualquer outra peste, a 40 rs. cada um.

— Vende-se cola superior da Bahia: na rua do Queimado, loja de ferragens n. 13.

— Vendem-se linguiças do Reino muito novas a 460 rs. a libra, chicolate a 400 rs.: na rua dos Martyrios, taberna n. 36.

— Vende-se um terreno na rua do Hospicio, já aterrado e prompto para se edificar, he proximo ao quartel: a tratar na rua do Trapiche n. 14.

— Vendem-se saccas de farinha chegadas de proximo: no armazem do caes da alfandega n. 7, de José Joaquim Pereira de Mello.

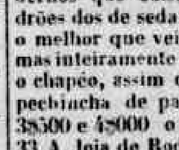
— Vende-se superior feijão mulatinho chegado ultimamente: na rua do Vigario n. 5.

O 33 A.

Vende-se barato

A 5,6000 rs

Chales de boa seda, os mais delicados gostos e modernos que existem no mercado, igualmente os padrões dos de seda a 3$600, chapeos pretos francezes o melhor que veio ultimamente de França, de fórmas inteiramente lindas, pelo diminuto preço de 8$ o chapéo, assim como ainda existe a bem conhecida pechincha de panno fino preto, prova de limão, a 3$500 e 4$000 o covado: na rua do Queimado n. 33 A, loja de Rodrigues & Lima.



Vende-se um novo e excellente carro de 4 rodas e de moderno gosto: na rua da Madre de Deos n. 36, a tratar com Sezisnando Joaquim da Silveira.

— Na rua da Aurora n. 58, em que esteve o hotel da Europa, ainda ha para vender 2 candieiros patente inglez, moinho e torrador para café, proprio para refinação, cassarolas, caldeirões, tudo se vende em conta.

— Vende-se uma escrava de nação, moça, boa cozinheira e ensaboadeira: quem precisar, dirija-se a rua da Penha, sobrado n. 19, segundo andar.

AOS PROPRIETARIOS.

Vendem-se excellentes mastros de 75 a 80 palmos de comprimento e de madeira de qualidade, proprios para subir madeira para obras, por preço muito commodo: nos Afogados, a tratar com Galdino Lopes de Oliveira, casa do defunto Canuto, pateo de N. S. da Paz.

Novo sortimento de calçados francezes, no aterro da Boa-Vista, defronte da boneca n. 14.

He chegado um novo e completo sortimento de calçados de todas as qualidades, tanto para homem como para senhora, meninos e meninas, assim como os muito desejados borzeguins e sapatos de Nantes, tudo por preço commodo, a troco de sedulas velhas; assim como muito superiores velas de carnauba feitas no Aracaty pelo melhor fabricante que la ha.

Cebolas.

Vendem-se cebolas chegadas ultimamente de Lisboa no patacho *Brilhante*: na travessa da Madre de Deos n. 16, armazem de Agostinho Ferreira Senra Guimarães.

— Vendem-se a preços muito commodos, os seguintes objectos: relogios de ouro patente, obras de ouro de gosto moderno, metal amarello para forro de navio, cemento romano muito novo, pipas vasias: trata-se no escriptorio de Isaac Curio & Companhia, rua da Cruz n. 49.

— Vende-se um cabriolet em bom uso; a trata na rua do Collegio n. 21, primeiro andar.

MANUAL DO GUARDA NACIONAL.

Acha-se a venda no pateo do Carmo n. 9, primeiro andar, o — MANUAL DO GUARDA NACIONAL, obra interessante a todos os senhores officiaes e guardas, e mesmo aos Srs. advogados, por conter todas as leis, regulamentos, ordens e avisos concernentes a mesma guarda, desde a creação da lei n. 602 de 19 de setembro de 1850. até 31 de dezembro de 1854, acompanhado de um importante indice. Ha encadernados e em brochura.

A's senhoras de bom gosto.

Verdadeiro bico de blonde branco e preto, e bonitos chapeos de senhora por preço muito commodo.

A mesma loja acaba de receber muitos relogios americanos para cima de mesa, do ultimo gosto; e tambem relogios francezes com caixa, por preço muito em conta.

— Vende-se no pateo do Carmo, quina do becco da Bomba n. 13, vinho bom a 400 rs., dito da Figueira a 480 e 560, linguiças a 320 e 400 rs., cafe de caroço a 160 a libra, velas de carnauba pura a 440, passas a 500 rs., farinha do Reino a 120, gomma e outros generos, por preço commodo.

Cura infalivel do cholera morbus.

Acaba de ser publicado e acha-se á venda na loja da rua do Crespo n. 11, um folheto que trata do modo de curar essa terrivel molestia, pelo sumo de limão; preço do folheto 200 rs.

O 39 A

confronte ao Rosario de Santo Antonio, avisa ao respeitavel publico, que recebeu ultimamente de Paris um grande sortimento de confeitos e caixinhas as mais delicadas que tem vindo a este mercado, as quaes se acham expostas em um grande fileiro para bem poderem apreciar o que ha de mais delicado neste genero: vendem-se por preço commodo; e se algum senhor logista quizer ficar com porção, vende-se com um pequeno ganho.

— Vende-se boa farinha para escravos; a tratar no trapiche do pelourinho.

Para meninas

Vendem-se excellentes chapéos de Italia, abas largas e muito bem enfeitados, com fitas finas de diversos gostos, muito proprios para meninas, assim como de seda de diversas cores por preço muito em conta: na praça da Independencia loja ns. 24 e 26.

para senhoras e meninas.

Na praça da Independencia ns. 24 e 26, recebeu-se ultimamente de Paris um completo sortimento das mais modernas chapelinas de seda, tanto para senhoras como para meninas, as quaes se vendem por preços mais em conta do que em outra qualquer parte.

GORRO.

Vendem-se excellentes gorros de malha de seda bordados, de diversas cores e dos melhores gostos possiveis, por modicos preços: na praça da Independencia ns. 24 e 26.

Vestido de seda.

Córtes de vestido de seda de cores, padrões do ultimo gosto, e por preços muito commodo, havendo muitos para escolher: na loja de 4 portas, na rua do Queimado n. 10.

Aletria.

Vendem-se caixas com aletria, proprias para casas particulares por serem muito em conta; no armazem do caes da alfandega, de José Joaquim Pereira de Mello n. 7.

— Vende-se uma porção de sola muito boa, pelles de cabra, vindo do Aracaty: a tratar com Antonio Joaquim Seve, rua da Cruz n. 13, primeiro andar.

— Vende-se uma fabrica de charutos bastante afreguezada, com commodos para familia: no pateo do Terço n. 71.

— Vende-se rapé fresco de Lisboa, em libras e a retalho: na praça da Independencia, loja n. 3.

Para meninos e meninas.

Chapéos de palha abertos forrados e enfeitados com setim, ditos de clina com ricas fitas e gostos os mais modernos possivel: vendem-se na rua Nova n. 44, fabrica e loja de Christiani & Irmão.

—Em casa de Timm Momsen & Vinnassa, praça do Corpo Santo n. 15, ha para vender:

Um sortimento completo de livros em branco vindos de Hamburgo.

Córtes de seda superiores.

Vendem-se córtes de seda de quadros, estreitas e largas, de muito bons gostos e modernas, assim como lenços de cambraia muito finos com bicos muito largos, chales de lãa e merinó, lisos, com barras de cores, listras de seda e bordados, assim como outras muitas fazendas por preço muito commodo, a dinheiro a vista: na rua da Cadeia do Recife, loja n. 50, defronte da rua da Madre de Deos.

Cura infalivel do cholera-morbus.

Acaba de ser publicado, e acha-se á venda na livraria universal, rua do Collegio n. 20, um folheto que trata do modo de curar essa terrivel molestia pelo sumo do limão, por 200 rs.

Tijolos de marmore.

Acaba de chegar um novo sortimento de tijolos de marmore, e vende-se no armazem de [illegible]asso Irmãos, no becco do Gonçalves.

Cartas francezas.

Vendem-se superiores cartas francezas para voltarete a 500 rs. o baralho: na rua do Queimado, loja de miudezas da Boa Fama n. 33.

Cousas finas e de bons gostos

NA LOJA DA BOA FAMA.

Vendem-se ricos leques com plumas, bolota e espelho a 2$, luvas de pellica de Jouvin o melhor que póde haver a 1$800 o par, ditas de seda amarellas e brancas para homem e senhora a 1$280, ditas de torçal pretas e com bordados de cores a 800 rs. e 1$200, ditas de fio de Escocia brancas e de todas as cores para homem e senhora a 500 rs., ditas para meninos e meninas muito boa fazenda a 320, lencinhos de retroz de todas as cores a 1$, toucas de lãa para senhora a 640, pentes de tartaruga para atar cabello, fazenda muito superior a 5$, ditos de alisar tambem de tartaruga a 3$, ditos de verdadeiro bufalo para atar cabello imitando muito aos de tartaruga a 1$280, ditos de atisar de bufalo, fazenda muito superior a 320 e 500 rs., lindas meias de seda pintadas para crianças de 1 a 3 annos a 1$800 o par, ditas de fio de Escocia tambem de bonitas cores para crianças de 1 a 10 annos a 320 o par, espelhos para parede com excellentes vidros a 500, 700, 1$ e 1$200, toucadores com pés a 1$500, fitas de velludo de todas as cores a 160 e 240 a vara, escovas finas para dentes a 100 rs., e finissimas a 500 rs., ditas finissimas com cabo de marfim a 1$, tranças de seda de todas as cores e larguras a 320, 400 e 500 rs. a vara, sapatinhos de lãa para crianças de bonitos padrões a 240 e 320, adereços pretos para luto com brincos e alfinetes a 1$, toucas pretas de seda para crianças a 1$, travessas das que se usam para segurar cabello a 1$, pistolinhas de metal para crianças a 200 rs., galheteiras para azeite e vinagre a 2$200, bandejas muito finas e de todos os tamanhos de 1$, 2$, 3$ e 4$, meias brancas finas para senhora a 240 e 320 o par, ditas pretas muito boas a 400 rs., ricas caixas para rapé com riquissimas estampas a 3$ e 2$500, meias de seda de cores para homem a 640, charuteiras muito finas a 2$, castiçaes para bengalas a 40 rs., pastas para guardar papeis a 800 rs., oculos de armação de aço prateados e dourados a 640, 1$ e 1$200, lunetas com aro de bufalo e tartaruga a 500 rs. e 1$, superiores e ricas bengalinhas a 2$, e a 500 rs. mais ordinarias, chicotes para cavallo pequenos e grandes, fazenda muito superior a 640, 800, 1$, 1$200, 1$500 e 2$, atacadores de cornalina para casaca a 320, pentes muito finos para suissa a 500, escovas finas para cabello a 640, ditas para casaca a 640, capachos pintados para sala a 640, meias brancas e cruas para homem, fazenda superior a 160, 200 e 240 o par, camisas de meia muito finas a 1$ e 1$200, luvas brancas encorpadas proprias para montaria a 240 o par, meias de cores para senhora muito fo[illegible] 220 o par, ricas abotoaduras de madreperola [illegible]utras muitas qualidades e gostos para colletes e [illegible] a 500 rs., fivelas douradas para calças e colletes a 120, ricas fitas finas lavradas e de todas as larguras, bicos finissimos de bonitos padrões e todas as larguras, ricas franjas brancas e de cores para camas de noivas, tesourinhas para costura o mais fino que se póde encontrar. Além de tudo isto outras muitissimas cousas muito proprias para a festa, e que tudo se vende por preço que faz admirar, como todos os freguezes ja sabem: na rua do Queimado, nos qua[illegible] cantos, na bem conhecida loja de miudezas da Boa Fama n. 33.

Meias pretas para padres.

Vendem-se superiores meias de laia para padres, pelo baratissimo preço de 1$800 o par, ditas de algodão pretas a 640 o par: na rua do Queimado, loja de miudezas da Boa Fama n. 33.

Camisas de meia de pura lãa.

Vendem-se superiores camisas de meia de lãa, pelo barato preço de 3$: na rua do Queimado, loja de miudezas da Boa Fama n. 33.

— Vende-se cera de carnauba superior: na rua da Cadeia do Recife, loja n. 50, defronte da rua da Madre de Deos.

[illegible]AC VERDADEIRO.

[illegible]deiro cognac, tanto em garrafas como [illegible]: na rua da Cruz n. 10.

Córtes de ca[illegible] para quem quer dar festas por pouco dinheiro,

Vendem-se córtes de cassa chita de bom gosto a 2$, ditos de padrões francezes a 2$400, cassas roxas para aleviar luto, ditas pretas de padrões miudos a 2$ o córte, alpaca de seda de quadros de todas as cores a 720 o covado, lenços de bico tanto pintados como bordados a 320 cada um, gravatas de seda para homem a 1$ e 1$600; todas estas fazendas vendem-se na rua do Crespo n. 6.

LEONOR D'AMBOISE.

Vende-se o excellente romance historico Leonor d'Amboise, duqueza de Bretanha, 2 volumes por 1$000 rs., na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

—Vende-se cal em pedra chegada no ultimo navio de Lisboa, e potassa americana da mais nova: no unico deposito da rua de Apollo n. 2—B, de A. J. T. Basto & Companhia.

Pratos ocos patentes para conservar a comida quente: vendem-se na praça do Corpo Santo, armazem n. 48, de Rostron Rooker & C.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, vende-se farelo novo, chegado de Lisboa pelo brigue *Esperança*.

Deposito de vinho de champagne Chateau [illegible]eira qualidade, de pr[illegible] do conde de Marcuil, r[illegible] Cruz do Recife n. 20: este vinho, o melhor de toda a Champagne, vende-se a 56$000 rs. cada caixa, acha-se unicamente em casa de L. Lecomte Feron & Companhia. N. B.—As caixas são marcadas a fogo—Conde de Marcuil—e os rotulos das garrafas são azues.

POTASSA E CAL VIRGEM.

No antigo e ja' bem conhecido deposito da rua da Cadeia do Recife, escriptorio n. 12, ha para vender muito superior potassa da Russia, dita do Rio de Janeiro e cal virgem de Lisboa em pedra, tudo a preços muito favoraveis, com os quaes ficarão os compradores satisfeitos.

FARINHA DE MANDIOCA.

Vende-se superior farinha de mandioca em saccas que tem um alqueire, medida velha por 5$000 reis: nos armazens ns. 3, 5 e 7, e no armzem defronte da porta da alfandega, ou a tratar no escriptorio de Novaes & Companhia na rua do Trapiche n. 54, primeiro andar.

A 3$500

Vende-se cal de Lisboa ultimamente chegada, assim como potassa da Russia verdadeira: na praça do Corpo Santo n. 11.

— Vende-se aço em cunheles de um quintal, por preço muito commodo: no armazem de Mc. Calmont & Companhia, praça do Corpo Santo n. 11.

SACCAS COM MILHO.

Vendem-se saccas grandes com milho muito novo, por barato preço, para fechar contas: na rua da Santa Rita n. 5, taberna.

— Vende-se uma balança romana com todos os seus pertences, em bom uso e de 2,000 libras: quem pretender, dirija-se á rua da Cruz, armazem n. 4.

—Brins de vella: no armazem de N. O Bieber & C., rua da Cruz n. 4.

— Vende-se excellente taboado de pinho, recentemente chegado da America: na rua de Apolio trapiche do Ferreira, a entender-se com o administrador do mesmo.

Vinho de caju'.

Este excellente vinho engarrafado, acha-se á venda a 1$000 a garrafa, nas seguintes tabernas: na rua da Cadeia do Recife, casa dos Srs. Fontes & Irmão; na rua estreita do Rosario, casa do Sr. Pôças, e defronte na loja de doces n. 39 A. Por atacado vende-se na loja dos Srs. Gouveia & Leite, rua do Queimado n. 27.

Pipas vasias.

Vende-se porção de pipas vasias proprias para encher de aguardente, a preço de 17$ cada uma: a tratar no escriptorio de Manoel Alves Guerra, na rua do Trapiche n. 14.

POTASSA BRASILEIRA.

Vende-se superior potassa, fabricada no Rio de Janeiro, chegada recentemente, recommenda-se aos senhores de engenhos os seus bons effeitos ja' experimentados: na rua da Cruz n. 20, armazem de L. Leconte Feron & Companhia.

Doce.

Na rua do Queimado, loja n. 2, vende-se doce de calda e secco de todas as qualidades de fructa, muito bem feito, não só as libras como em barrilinhos o de calda, e o secco em bocetinhas enfeitadas, proprias para presentes.

AGENCIA

Da Fundiçao Low-Moor. Rua da Senzala nova n. 42.

Neste estabelecimento continúa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor, e taixas de ferro batido e coado, de todos os tamanhos, para dito.

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixa, de capim, na fundiçao de D. W. Bowman: na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

AOS SENHORES DE ENGENHO.

Reduzido de 640 para 500 rs. a libra.

Do arcano da invençao' do Dr. Eduardo Stolle em Berlin, empregado nas colonias inglezas e hollandezas, com grande vantagem para o melhoramento do assucar, acha-se a venda, em latas de 10 libras, junto com o methodo de emprega-lo no idioma portuguez, em casa de N. O. Bieber & Companhia, na rua da Cruz. n. 4.

—Vendem-se em casa de S. P. Johnston & C., na rua de Senzala Nova n. 42.
Sellins inglezes.
Relogios patente inglez.
Chicotes de carro e de montaria.
Candieiros e castiçaes bronzeados.
Lonas inglezas.
Fio de sapateiro.
Vaquetas de lustre para carro.
Barris de graxa n. 97.
Vinho Cherry em barris.
Camas de ferro.

Taixas para engenhos.

Na fundiçao' de ferro de D. W. Bowman, na rua do Brum, passando o chafariz, continua haver um completo sortimento de taixas de ferro fundido e batido de 5 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por preço commodo e com promptidao': embarcam-se ou carregam-se em carro sem despeza ao comprador.

VINHO XEREZ.

Vende-se superior vinho de Xerez em barris do 1/4, em casa de E. H. Wyatt: rua do Trapiche n. 18.

—Vendem-se dous pianos fortes de jacarandá, construcção [illegible]al e com to[illegible] modernos, tendo vindo no ultimo navio de Hamburgo: na rua da Cadeia, armazem n. 8.

CHAROPE DO BOSQUE

O unico deposito continúa a ser na botica de Bartholomeu Francisco de Souza, na rua larga do Rosario n. 36; garrafas grandes 5$500 e pequenas 3$000.

IMPORTANTE PARA O PUBLICO.

Para cura de phtisica em todos os seus differentes gráos, quer motivada por constipações, tosse, asthma, pleuriz, escarros de sangue, dôr de costados e peito, palpitação no coração, coqueluche, bronchite dôr na garganta, e todas as molestias dos orgãos pulmonares.

Patente.

Vendem-se relogies de ouro patente inglez; no escriptorio do agente Oliveira, rua da Cadeia do Recife n. 62, primeiro andar.

LIQUIDAÇAO.

Na antiga e bem conhecida loja de miudezas da rua dos Quarteis n. 24, vende-se um completo sortimento de miudezas por menos do que poderia comprar em primeira mão, que he para liquidar-se, e afiança-se a boa qualidade,

MOENDAS SUPERIORES.

Na fundição de C. Starr & Companhia em Santo Amaro, acha-se para vender moendas de cannas todas de ferro, de um modello e construcção muito superiore.

Em casa de Henry Brunn & C., rua da Cruz n. 10, vendem-se:
Lonas e brins da Russia.
Instrumentos pora musica.
Espelhos com moldura.
Globos para jardins.
[illegible]adeiras e sofa's para jardim.
Oleados para mesa.
Vistas de Pernambuco.
Cemento romano.
Gomma lacca.

— Em casa de N. O. Bieber & C., rua da Cruz n. 4, vende-se:
Vinho de Madeira em quartos e oitavos barris.
Vinagre branco.
Tintas em oleo.
Lonas.
Brins da Russia.
Papel de embrulho.
Saccos de estopa.
Cemento.
Por commodos preços.

TAIXAS DE FERRO.

Na fundiçao' d'Aurora em Santo Amaro, e tambem no DEPOSITO na rua do Brum logo na entrada, e defronte do Arsenal de Marinha ha' sempre um grande sortimento de taichas tanto de fabrica nacional como estrangeira, batidas, fundidas, grandes, pequenas, razas, e fundas; e em ambos os logares existem quindastes, para carregar canoas, ou carros livres de despeza. O preços sao' os mais commodos.

ESCRAVOS FUGIDOS.

— Fugio na madrugada do dia 18 do corrente de bordo do brigue nacional *Flor do Rio*, o escravo de nome Adrião, crioulo, de estatura alta, retinto, e tem buço; foi comprado já ha tempo ao Sr. João Patrão: quem o pegar, levando a bordo do dito brigue, ou no escriptorio da rua da Cruz n. 49, será muito bem gratificado.

PERN.: TYP. DE M. F. DE FARIA. — 1855